

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA**

EMILIANO DANTAS SOARES

**PADRE CÍCERO ROMÃO E O CATOLICISMO POPULAR NO NORDESTE
BRASILEIRO – PARADIGMA PARA AÇÃO PASTORAL DA ATUALIDADE**

Porto Alegre

2015

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA**

EMILIANO DANTAS SOARES

**PADRE CÍCERO ROMÃO E O CATOLICISMO POPULAR NO NORDESTE
BRASILEIRO – PARADIGMA PARA AÇÃO PASTORAL DA ATUALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, área de concentração em Teologia Sistemática - Teologia, experiência religiosa e pastoral.

Orientador: Prof. Dr. Irineu José Rabuske

Porto Alegre
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S676p Soares, Emiliano Dantas

Padre Cícero Romão e o catolicismo popular no nordeste brasileiro: paradigma para ação pastoral da atualidade. / Emiliano Dantas Soares. – Porto Alegre, 2016.

103f. il.

Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Irineu José Rabuske

1. Teologia Social. 2. Cícero, Padre - Biografia. 3. Catolicismo Popular - Brasil - Nordeste. 4. Ação Eclesial. I. Rabuske, Irineu José. II. Título.

CDD 261

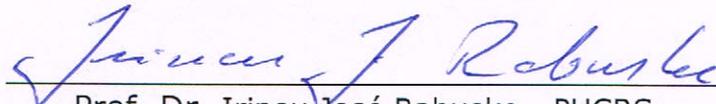
EMILIANO DANTAS SOARES

**"PADRE CÍCERO ROMÃO E O CATOLICISMO POPULAR NO NORDESTE
BRASILEIRO - PARADIGMA PARA AÇÃO PASTORAL DA ATUALIDADE"**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 08 de dezembro de 2015, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Irineu José Rabuske - PUCRS
(Orientador)


Prof. Dr. Érico João Hammes - PUCRS


Profa. Dra. Anne Dumoulin

Porto Alegre
2015

AGRADECIMENTOS

Como diz a expressão popular nordestina “um bocado de tempo, já se foi” desde o início deste trabalho sobre a figura do saudoso Pe. Cícero Romão Batista. Desde a graduação até aqui, foram longos os percursos até a concretização do sonho de conhecer melhor o “Padim Ciço” e estudá-lo especificamente, em seus feitos, sua herança espiritual e social. Os projetos, as ideias, os sonhos e o autor amadureceram bastante nesse período. O suficiente para assimilar que nada na vida é fruto de uma criação isolada e individual e que as compreensões de autoria não passam de grandes ilusões e de alimento das vaidades pessoais.

É indispensável ser humilde e reconhecer a simplicidade do presente texto. Fui usufruindo da colaboração direta e indireta de inúmeras pessoas a quem quero agradecer de coração e alma, a começar com um destaque todo especial pelos meus pais, Milton Jorge Soares e Francisca Eliane Dantas Soares que, apesar da baixa instrução escolar, sempre foram motivadores, apoiadores deste trabalho e, junto a minha saudosa avó, Margarida Dantas, eu ainda criança, me conduziram aos caminhos de Juazeiro do Norte, para ser abençoado.

Esse agradecimento especial se estende ao amigo Pe. Geraldo Boniatti que com seu jeito simples foi um grande incentivador, principalmente nos dias que ventilei a possibilidade de desistir.

Não poderia esquecer a minha velha e eterna turma de amigos e amigas: Marinádia, Luciana, Imaculada, Cleo, Flávio, Gisely, Maílson, Livia, Daniel, Hedilberto, Leandro, Jairo, Robert, Rondileny e Kaio Bruno. Esses são amigos que vibraram comigo a cada conquista.

No percurso dentro do qual realizei meu mestrado, contei com ajuda e a torcida, tanto no âmbito emocional como intelectual, de tantas pessoas de variadas regiões do Brasil. Faço aqui menção a algumas delas, cuja presença, amizade e apoio ao longo da estrada percorrida foram essenciais.

Agradeço ao corpo docente e funcionários da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Faculdade de Teologia –, Programa de Pós-Graduação em Teologia Sistemática. Minha admiração e apreço pelos professores Dr. Dom Leomar Antônio Brustolin, Pe. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann, Pe. Dr. Irineu José Rabuske, Mons. Dr. Urbano Zilles, Fr. Dr. Luís Carlos Susin, Dr.

Nythamar Hilário de Oliveira Júnior, Dr. Roberto Hofmeister Pich e ao Pe. Dr. João Érico Hammes pela inspiração e estímulo.

Agradeço também, aos colegas da Pós: Pe. Anastácio Jemo Matsavele, Pe, Ildomar Ambos Danelon, Pe. Alex Graminho Boardman, Pe. Eleandro Teles, Pe. Wagner Cardoso Bianchini, Ir. Aline Amaro da Silva, Rejane Maria Bins, Raquel Maria de Paula Colletto, Leonardo Agostini, Luiz Evandro Himichsen, Eliane Silva, Jeferson Ferreira Rodrigues, Graziela Maria Wolfart. De forma particular, aos amigos de inspirações, aspirações e diversões: Pe. Tiago de Fraga Gomes, Pe. Cristiano de Souza Tavares e Pe. Leonardo Lucian Dall-Osto.

Ressalto a importância nesta saga o apoio do Programa de Bolsas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pelo incentivo à pesquisa e pelo financiamento dos estudos. Aqui, uma menção especial ao Dr. Dom. Leomar Antônio Brustolin, Coordenador do Programa de Pós-graduação em Teologia, pela amizade e colaboração.

À amada Diocese do Crato-CE, pelo apoio que me foi dado em muitos momentos e à Paróquia Nossa Senhora das Dores. Faço um manifesto da minha admiração e carinho a Dom Fernando Paníco, que me incentivou desde o primeiro momento que lhe explicitarei por carta o desejo de pesquisar o Pe. Cícero Romão, abrindo-me as portas da diocese.

Quero lembrar os amigos que cultivei no Cariri Cearense, sou grato à querida Ir. Anne Dumouliin, Pe. Joaquim Cláudio de Freitas. Pe. Francisco Roserlândio Amâncio de Souza, Profa. Karla Dayse Borges e Pe. Acúrcio de Oliveira Barros.

Nas viagens e andanças pelas ruas da Juazeiro do Norte, como não poderia ser diferente, muitos foram os gestos de carinho, hospitalidade e incentivo da nação romeira na terra do meu padrinho, portanto, o meu muito obrigado.

Aos catadores e pedintes da Praça Pe. Cícero, no centro de Juazeiro do Norte, quantas história e lições sobre a figura do Padre Cícero e relatos do cotidiano romeiro.

À comunidade Salesiana do Horto, pela acolhida fraterna e amiga durante as visitas ao monumento do Pe. Cícero e para a participação nas celebrações.

À Congregação de São José, pela liberação do tempo necessário para os estudos. Em Porto Alegre, agradeço à comunidade Josefina pela acolhida durante as aulas, de modo particular a pessoa do Pe. Ângelo Dall'alba.

O mais profundo carinho a uma pessoa cujo apoio e o incentivo foi essencial para os estudos que deram origem a esse trabalho, Pe. Antônio Lauri de Souza, meu superior provincial e grande amigo.

Sou particularmente grato aos membros da banca de mestrado, pelas suas sugestões e disponibilidade. Aqui, agradeço ao Prof. Dr. Irineu Rabuski e a Ir. Dra. Annette Dumoulin, religiosa da Congregação das Cônegas de Santo Agostinho.

In memoriam, a duas grandes figuras que dedicaram suas vidas à causa dos romeiros e do Pe. Cícero: Ir. Therezinha Stella Guimarães e Mons. Murilo de Sá Barreto.

A Nação romeira da Mãe das Dores e do Padre Cícero Romão Batista.

E ao meu querido padrinho Pe. Cícero Romão Batista, a quem dedico esse simples trabalho, na esperança de que ele seja reflexo no mundo de amor a Deus, à Igreja e aos pobres.

Olha lá
No alto do horto
Ele está vivo
O Padre não tá morto

Viva meu Padim
Viva meu Padim
Cícero Romão
Viva meu Padim
Viva também
Frei Damião

Eu todos os anos
Setembro e Novembro
Vou ao Juazeiro
Alegre e contente
Cantando na frente
Sou mais um romeiro

Vou ver meu Padim
De bucho cheio
Ou barriga vazia
Ele é o meu pai
Ele é o meu santo
É minha alegria

Olha lá
No alto do horto

Ele tá vivo
O Padre não tá morto

RESUMO

O presente trabalho apresenta um pouco da vida e obra do Padre Cícero Romão Batista e alguns cenários do catolicismo popular na região do Nordeste brasileiro, buscando ao máximo valorizar as experiências de fé do sertanejo nordestino. Pe. Cícero Romão e o seu estilo de pastorear, formar e animar as massas de nordestinos é indicado como um paradigma para ação eclesial da atualidade. Um sacerdote católico que desde 1872, tornou-se um modelo de igreja a serviço dos menos favorecidos, sem deixar de lado aquilo que é próprio da fé cristã. Após décadas da sua morte, o mesmo continua a ser um referencial de vida, de serviço, de caridade e de fé cristã para milhões de brasileiros, sendo uma provocação ao modo de ser Igreja em nossos tempos.

Palavras chaves: Padre Cícero. Nordeste. Paradigma. Ação Eclesial.

ABSTRACT

This paper presents some of the life and work of Padre Cícero Romão Batista and some of the popular Catholicism scenarios in the Brazilian Northeast, seeking the maximum value the faith experiences of the northeastern backlands. Pe. Cícero Romão and his style of pastoring, form and animate the northeastern mass is indicated as a paradigm for today's ecclesial action. A Catholic priest since 1872, became a church model at the service of the less fortunate, without leaving aside what is proper to the Christian faith. After decades of his death, it remains a benchmark of life, service, charity and Christian faith for millions of Brazilians, and a challenge to the way of being church in our times.

KEY-WORDS: Padre Cícero. Paradigm. Ecclesial action

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Seminário da Prainha – Acervo Histórico Arquidiocese de Fortaleza.....	26
Figura 2 - Cícero (Esq.) e Colega de Seminário – Acervo Histórico diocesano do Crato	28
Figura 3 - Padre Cícero Romão Batista – Acervo Histórico Diocesano do Crato.....	32
Figura 4 - Dom Luís Antônio dos Santos – 1º Bispo da diocese do Ceará – Acervo Histórico Diocesano do Crato.....	33
Figura 5 - Beata Maria de Araújo – Acervo Histórico Diocesano do Crato	37
Figura 6 - Desenho do Milagre da hóstia – Artista desconhecido.....	41
Figura 7 - Pequena lápide da beata Maria de Araújo localizada nos fundos da Capela do Socorro – Acervo pessoal.....	44
Figura 8 - Padre Cícero em conversa com seus afilhados – Arquivo Histórico Diocesano do Crato	46
Figura 9 - Xilogravura do Padre Cícero protetor do meio ambiente – Acervo Pessoal	55
Figura 10 - Padre Cícero com autoridades políticas do Estado do Ceará	58
Figura 11 - Fotografia oficial do Padre Cícero Romão como 1º Prefeito de Juazeiro do Norte – Acervo histórico da Diocese do Crato.....	60
Figura 12 - Imagens típicas nas ruas de Juazeiro do Norte – Acervo pessoal.....	61
Figura 13 - Coordenação nacional das Comunidades Eclesias de Base junto à imagem do Padre Cícero – Acervo pessoal	63
Figura 14 - Romeiros na Basílica menor de Nossa Senhora Dores – Acervo Pessoal.....	64
Figura 15 - Vista aérea parcial da cidade de Juazeiro do Norte abençoada pela imagem do seu fundador – Acervo pessoal	66
Figura 16 - Caminhão de romeiros chegando a Juazeiro – Acervo virtual da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores- Acervo pessoal.....	68
Figura 17 - Celebração em memória do Padre Cícero realizada no dia 20 de cada mês junto ao túmulo do Padre Cícero Romão - Acervo pessoal.	70
Figura 18 - Momento de celebração na frente da capela do Socorro, onde está sepultado Pe. Cícero Romão Batista – Acervo pessoal	78
Figura 19 - Monsenhor Murilo de Sá Barreto – Acervo virtual – Blog Mons. Murilo.....	85
Figura 20 - Encontro de Bispo Diocesano do Crato Dom Fernando Panico com Papa Bento XVI tratando sobre o caso de Juazeiro do Norte – Acervo da Diocese do Crato	87

Figura 21 - Cardeal João Braz Aviz junto ao túmulo do Padre Cícero Romão Batista – acervo pessoal	88
Figura 22 - Dom Fernando Panico, Cardeal João Braz Aviz, juntamente com uma romeira na frente da Capela do Socorro – Acervo pessoal.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A SAGA DE UM VIGÁRIO DO SERTÃO.....	17
1.1 O Cariri Cearense como cenário	17
1.2 Cícero Romão Batista de tantos lugares e sua infância.....	19
1.3 O Cícero Romão Batista e sua Juventude	24
1.4 O Cícero Romão Batista, seminarista	25
1.5 O Cícero Romão, sacerdote.....	29
1.6 A construção de um projeto pastoral.....	32
1.7 O caso da Beata Maria de Araújo	35
1.8 A incompreensão eclesiástica	44
1.9 Um defensor do meio ambiente	54
1.10 Um Padre político e um político Padre	58
2 JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO UMA ATMOSFERA DA FÉ E ESPAÇO	
SAGRADO.....	61
2.1 Um jeito de ser Igreja em Juazeiro do Norte	61
2.2 Todos os caminhos levam a Juazeiro, Juazeiro das romarias	67
2.3 Juazeiro dos romeiros e romarias	70
3 TEMPOS DE ESPERANÇA	80
3.1 Um novo discurso na Igreja.....	80
3.2 A caminho de uma reabilitação	81
CONCLUSÃO.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98
ANEXOS	99

INTRODUÇÃO

Padre Cícero Romão Batista, Padre Cícero do Juazeiro ou Padim Ciço são nomes que, seguramente, não são estranhos em meio ao povo brasileiro ou até mesmo em outras partes do mundo. Ele é a mesma pessoa que toma variados nomes a partir do ângulo que é observado, interpretado, apresentado ou compreendido. Este misto de entendimentos coloca a real figura do “padim” em meio a um verdadeiro fogo cruzado e uma histórica encruzilhada de opiniões e debates. Santo para uns, pilantra e embusteiro para outros. O fato é que ele simboliza um divisor de águas na história da Igreja do Nordeste brasileiro. Um personagem que marcou e ainda marca a trajetória de vida e a fé de milhares de homens, mulheres, jovens, crianças e idosos, das mais diferentes crenças, denominações e orientações religiosas na região do Norte e Nordeste brasileiro.

Os múltiplos olhares e leituras sobre a figura do Padre Cícero e seus romeiros têm sido uma discussão muito presente nas mais variadas áreas de pesquisa e do conhecimento. Atualmente, os estudos no campo teológico adentram neste universo de discussão, e o teólogo José Comblin destaca-se na busca de entender melhor a figura de maior expressão e repercussão religiosa do Nordeste brasileiro. A teologia adentra essa questão, visto que a figura do Padre Cícero Romão Batista envolve a história da Igreja e sua Ação Pastoral no Nordeste, bem como as expressões de fé de uma verdadeira nação de romeiros, alguns de denominação católica e outros não.

Urge a luz de uma Teologia de base, com os pés no chão da realidade do povo de Deus que forma a nação romeira, entender bem o fenômeno Padre Cícero Romão Batista, para melhor orientar e instruir o Povo de Deus, por meio de uma ação pastoral que tenha como base a acolhida, a misericórdia e a opção pelos pobres e pelos romeiros. Também, para respeitar o espaço sagrado construído pelos irmãos mais simples, que transformaram esse fenômeno em um verdadeiro “espaço teológico”.

A teologia e a Igreja têm uma alta dívida, não com a figura do Padre Cícero somente, mais sim, uma dívida muito maior com uma multidão de fiéis que ficaram na orfandade por parte da maternidade da Igreja ao longo de décadas. A ausência de uma “reflexão teológica” deixou desvalorizada a Fé rica, simples e verdadeira de tantos irmãos sertanejos. É preciso considerar quanta história se fez, com uma luta

dos pobres desejosos de ser Igreja, e que foram barrados e excluídos pela “hierarquia”, mas que ao observarem a figura do Padre Cícero, como modelo de fidelidade a essa mesma igreja, mesmo diante da dureza e inflexibilidade institucional, permaneceram firmes na sua fé.

É um assunto complexo, por envolver vários pensamentos das ciências e também questões empíricas. Estamos falando de um sacerdote católico romano, que embora desabilitado das funções sacerdotais desempenhou em meio às massas nordestinas, uma liderança religiosa político-formativa tão grande, a ponto de, no ano de 2011, sessenta e sete anos após a sua morte, ser escolhido como cearense do século e até hoje reunir uma massa que ultrapassa um milhão de romeiros, distribuídos em quatro romarias anuais na cidade de Juazeiro do Norte, sertão do nordeste brasileiro.

Seu estilo de ser e viver seu sacerdócio encantou e saciou uma multidão faminta de justiça, de paz, de pão e de Deus. Não sendo o bastante, levou esses irmãos a se organizarem em comunidade, a criar uma cultura de solidariedade, a construir caminhos de libertação das mazelas sociais que eram afetados. Melhor ainda, seria utilizar a clássica frase para definir a figura do Padre Cícero: ele “não deu o peixe, mas ensinou a pescar”; o que poderíamos dizer, também, é que não só “ensinou a pescar”, como ele próprio “pescou”, educou e evangelizou pelo seu testemunho de serviço, com sua própria vida:

Padre Cícero orientava seu povo para a honestidade e para o trabalho. Ninguém devia ficar desocupado. Quem tinha um pouco de leitura devia abrir uma escola e ensinar os analfabetos a lerem. Todos deviam procurar e praticar uma arte ou uma função: pedreiro, barbeiro, carpinteiro, ferreiro, pintor, trabalhar na palha de carnaúba e em barro, entalhar madeira, cobre e ouro. Homens e mulheres deveriam ocupar-se. A grande maioria devia cultivar a terra. Ele ensinava pessoalmente e por carta tornar a terra produtiva e a guardar os frutos da Terra. (FEITOSA, 2011, p 20)

Assim esse sacerdote, transformou a história de um povo marcada pela fome, pobreza e toda a sorte de desgraças em uma terra de “milagre” e de progresso, atraindo para essa “Nova Jerusalém do Sertão” um numeroso contingente de seguidores que, posteriormente, formam uma devota nação romeira:

Ele é tudo, para o Nordeste que lhe é devoto: santo, patriarca, profeta, Padre, político, conselheiro, pai, amigo, médico, modelo, mediador, intercessor, chefe, homem de oração e de ação, promessa, nostalgia do passado, esperança de um futuro melhor, o ancestral, enfim, suas próprias raízes. (GUIMARÃES, 1983, p. 237)

Sendo assim, este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão Teológica à luz do chão da realidade. Teologia essa, que nos pede o Papa Francisco – “Teologia com os pés no chão”, buscando, quando possível um entendimento sobre o fenômeno Padre Cícero, seus romeiros e sua relevância para os nossos dias, particularmente para a ação pastoral.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica junto ao acervo memorial Padre Cícero e ao arquivo diocesano do Crato, bem como visitas aos locais de romarias e a cidade de Juazeiro. Destaca-se, ao longo da elaboração do trabalho, o debate em torno do presente tema no simpósio internacional do Padre Cícero Romão.

O tema escolhido deseja apresentar para Igreja da atualidade, um modelo a ser seguido para a construção de uma ação eclesial pautada na opção pelos pobres, pelos sofredores e pela acolhida.

O trabalho, de modo superficial, aborda algumas questões institucionais da Igreja, até para entendermos melhor algumas expressões como, por exemplo, a de Eduardo Hoonart, ao referir-se ao comportamento do Padre Cícero Romão Batista: *“tinha cabeça romanizada, mas o coração voltado a expressões menos rígidas da religiosidade católica”*, bem como afirmam outros autores.

Aquele ambiente, o engajamento que levava alguns Padres a morrerem na luta que Ibiapina e seus seguidores encetaram contra a cólera que acometeu o sertão na década de sessenta do século passado, forjam na criança e no adolescente Cícero Romão Batista uma crença inquebrantável, a certeza da missão da Igreja de salvar e ajudar os miseráveis. A morte de seu pai e do Padre João Marrocos, atendidos por Ibiapina num lazareto construído por iniciativa deste para tratar os coléricos, liga indissolavelmente o órfão àquele missionário e as suas concepções de mundo [...] (BARROS, 1994, p.17)

Em síntese, a primeira seção é contemplada com uma breve biografia denominada saga do vigário do sertão, que discorre desde os cenários do Cariri cearense, local do seu nascimento, passando pela sua infância, juventude, vida seminarística e sacerdotal, até sua elevação ao patamar de padrinho dos nordestinos.

Na segunda seção, apresentamos o cenário geográfico em que se passa toda a questão, a cidade de Juazeiro do Norte, aqui apresentada como “atmosfera de fé e espaço sagrado”. Utilizamos a expressão romeira “todos os caminhos levam a Juazeiro” para descrever a importância desse espaço na vida da nação romeira.

Sugerimos as figuras e cenários aqui descritos, como modelos a serem seguidos pela Igreja dos nossos tempos, para concretização da expressão do papa Francisco: *“uma Igreja pobre para os pobres... em saída”*.

Na terceira seção, destaca-se a luta do povo de Deus na esperança de terem seu estilo de religiosidade respeitado e compreendido, bem como a trajetória de debates sobre a citada questão. Também é abordada as inúmeras tentativas de reabilitação do Padre Cícero Romão.

A conclusão nos apresenta que é preciso desmitificar as ideias de criarmos modelos inéditos de ser igreja em nossos tempos, com a impressão de que iremos reinventar a roda ou redescobrir o fogo. Muitos irmãos e irmãs em sua simplicidade já realizaram grandiosos ensaios e experiências concretas de serem Comunidade, Igreja e Povo Deus.

Essas realidades precisam ser lembradas, até mesmo para uma conversão pessoal ao ousarmos querer uma inédita ação na vida eclesial de nossos dias, concluindo, assim, que Padre Cícero Romão é de fato um modelo para a nova evangelização.

1 A SAGA DE UM VIGÁRIO DO SERTÃO

1.1 O Cariri Cearense como cenário

O Cariri cearense está situado no interior do Estado do Ceará, região do Nordeste brasileiro, mais precisamente no sul do estado, a uma distância de aproximadamente 650 km das principais capitais do Nordeste: Recife, Fortaleza, Natal, Maceió e João Pessoa. Localiza-se em meio ao semi-árido brasileiro, mas que, por sua vegetação e clima, se diferencia das demais regiões, por estar imerso em um privilegiado oásis, no meio do árido e impiedoso sertão cearense.

Esse paradisíaco cenário foi uma região habitada por uma das maiores etnias indígena do Nordeste brasileiro, os índios “*kariris*”, e por esse motivo, o nome “*Vale do Cariri*”.¹ No entanto, nem só de verdes pastagens e abundantes afluentes de água natural caracteriza-se essa região. Vale ressaltar os cenários de mortes que predominaram, tais como a luta dos índios pelo direito à permanência em sua terra, o sangue dos cangaceiros na luta pela justiça, a pureza de tantas meninas abusadas pelos coronéis, as lágrimas das mães sertanejas ao verem seus filhos partirem em busca de uma vida digna e o suor dos vaqueiros diante do impiedoso sol na luta pelo pão de cada dia.

Não diferente de outras regiões do nordeste, durante muitos anos, essa foi uma região assolada pelo desequilíbrio econômico, por conta de um modelo de agricultura em transição, fazendo depararmos com dois extremos: o rico fazendeiro, senhor de muitas terras e engenhos, confortáveis “casas da fazenda” e mesas fartas de charque, e o pobre vaqueiro, senhor do nada, com dieta a base de farinha d’água² e rapadura e endividado com o patrão, sem sonho algum de possuir algo, apenas criar seus filhos para dar continuidade a sua sina.

¹ “Nação de extremo belicosa, viviam os CARIRIS à margem dos regatos, em abundância de frutas selvagens que lhes serviam de alimento, desfrutando um clima maravilhoso. Por isso tinha amor a seu *paraíso* e lutavam contra outras tribos que lhes queriam roubar os bens, invejosos da fertilidade de seu solo, abundante em cultura mesmo durante as secas periódicas. Os índios *Cariris* deram o nome de Vale do Cariri que hoje se estende ao Sul do Estado, abrangendo onze cidades numa área de 9.585 quilômetros quadrados” (seja 1/6 do Estado do Ceará) OLIVEIRA, Amália Xavier de. *O Padre Cícero que eu conheci*. Rio de Janeiro, 1969. p. 23.

² Grão mais grosso retido no processo de produção da farinha.

No seu ápice achavam-se os fazendeiros de cana, que gozavam de indiscutível preeminência política e social até o fim de século XIX. Muito abaixo deles, com única exceção dos profissionais liberais intermediários, situava-se uma forma de trabalho subserviente. Ao contrário, porém, da costa pernambucana, voltada para exportação de açúcar, a força de trabalho do Cariri não era constituída de escravos. Os braços da região, empregados no campo, eram nominalmente livres, e, do ponto de vista racial, quase sempre mestiços e não de origem africana. Viviam, contudo, no limite mais baixo da subsistência e eram, de fato, ligados em caráter permanente à terra dos produtores de açúcar, como bem indica a palavra usada para denominar esses trabalhadores: “agregados”. As tarefas dos agregados não se limitavam à produção. Em tempos de rivalidade entre os proprietários de terra, aos trabalhadores da fazenda eram entregues armas para que defendessem com lealdade os interesses dos seus patrões. Poucas vezes ocorreu uma rebelião contra o patrão, pois os laços sociais e religiosos, representados pelo compadrio e pela afilhadagem, ligavam entre si proprietário e trabalhador, numa rede de relações e obrigações mútuas. (CAVA, 2014, p.64)

Isso tornou o Cariri cearense um lugar de luta pela vida, pela liberdade e acima de tudo uma atmosfera de fé, onde mito e religião se encontram, objetivando responder as tantas inquietações existentes no coração do povo sertanejo.

Essa região, que apresentamos aqui como “atmosfera de fé”³, se distingui dos demais locais com esse mesmo aspecto, pelo fato de sua origem ser a partir de experiência de fé vivenciada no coletivo ao longo do tempo, e não em uma aparição ou outro evento místico pontual e individualizado.

Dentro deste cenário, em que a natureza, a vida do povo e a fé se entrelaçam e que parece repetir-se a trajetória do povo no antigo testamento, narrado na sagrada escritura, não seria novidade a existência e o surgimento de líderes provenientes deste meio, desejosos em continuar animando e organizando esta massa. Dentre eles surge, então, à figura do patriarca do sertão: Pe. Cícero Romão Batista. Como diria o sertanejo, “*nascido e criado no Vale do Cariri*”. Personagem esse, que compreende bem a vida, a trajetória e o sonho do povo desta região, e por também conhecer esse povo, os tornou protagonista de suas histórias, mas antes disso, despertou nessa gente uma fé indomável e o zelo pelo trabalho.

³ Quando falamos de atmosfera de fé, trata-se, é claro, de um entendimento como um centro espiritual.

1.2 Cícero Romão Batista de tantos lugares e sua infância

É comum, ao encontramos nas consultas bibliográficas sobre esse assunto, a expressão “Cícero do Juazeiro”. Talvez, essa seja uma forma de reduzir um personagem tão relevante como o Padre Cícero Romão Batista que, mesmo tendo nascido no Crato e permanecendo parte de sua vida na cidade de Juazeiro do Norte, foi um sacerdote de alma e coração universal. Isso se comprova ao observamos a sua capacidade de comunicação e seu interesse pela boa leitura. Escutam-se relatos sobre as variedades de assuntos contidos em sua biblioteca pessoal, assuntos que, para o seu tempo, só eram de interesse por parte de pessoas extremante abertas e interessadas na construção de novas ideias de mundo. Importante lembrar que estamos nos referindo a um sacerdote.

Cícero Romão Batista nasceu em 24 de março de 1844, na cidade do Crato, segundo os assentos do livro de batismo da cúria diocesana do Crato e da declaração testamentária. O pai, Joaquim Romão Baptista, tinha como profissão o ramo de vendas de ferragens, tecidos e utensílios gerais. Era proveniente de uma família nordestina, com bases portuguesas e envolvido nas guerras pela Independência do Brasil. A mãe, Joaquina Vicência Romana, apelidada e conhecida por Dona Quinhô, desempenhava unicamente a tarefa de dona de casa, uma mulher de semblante simples e profundamente marcada em suas bases familiares, pelo fato de, segundo a tradição oral, ter sido testemunha da perda da virgindade e dos abusos sexuais sofridos pelas suas seis irmãs por parte de um coronel local, denominado de José Francisco Pereira Maia, que também ocupava o posto de delegado e juiz de paz, entre outras funções públicas.⁴

O fato da família de Cícero Romão ter como base financeira o comércio, não significa dizer que era uma família de grandes posses, até pelo fato da realidade financeira da população refletir-se diretamente no comércio. Por outro lado, era um período do renascimento econômico devido à expansão da agricultura.

Quanto ao real perfil da família Baptista, não é possível fazer gigantescas afirmações, mas que possuíam um perfil religioso de estilo devocional comum às

⁴ A elaboração dos aspectos biográficos foi construída a partir de diferentes fontes de consultas, dentre elas destacam-se: *A terra da Mãe de Deus* (BARROS, 1988), *O Padre Cícero que eu conheci* (OLIVEIRA, 2001), *Milagre em Juazeiro* (CAVA, 1985), *Padre Cícero sociologia de um Padre, antropologia de um santo* (BRAGA, 2008), *Padre Cícero, poder, fé e guerra no Sertão* (NETO, 2009) e *Padre Cícero vítima do autoritarismo* (FEITOSA, 1986).

famílias da época e que por ser uma família ligada ao comércio eram possuidores de boas relações sociais em âmbito local. Há ainda relatos que apresentam a Dona Quinô, matriarca da família Baptista, como uma mulher de grande fervor religioso.⁵ Vale ressaltar a ligação do Sr. Joaquim Romão Baptista com o reverendíssimo Padre Ibiapina⁶. No entanto, em consequência da cólera que naquele período devastava a região nordeste, o patriarca da família, viera a falecer, deixando na orfandade o jovem Cícero, na época com 18 anos, e outras duas filhas: Maria Angélica Batista e Angélica Romana Batista.

Aquele ambiente, o engajamento que levara alguns Padres a morrerem na luta que Ibiapina e seus seguidores encetaram contra a cólera que acometeu o sertão na década de sessenta do século passado, forjam na criança e no adolescente Cícero Romão Batista uma crença inquebrantável, a certeza da missão da Igreja de salvar e ajudar os miseráveis. A morte de seu pai e do Padre João Marrocos, atendidos por Ibiapina num lazarento construído por iniciativa deste para tratar os coléricos, liga indissolivelmente o órfão aquele missionário e as suas concepções de mundo [...] (BARROS, 1994, p.17)

Segundo a tradição oral e também expressada nas literaturas de cordel, Cícero era um menino predestinado desde o seu nascimento para ajudar a sofrida nação de sertanejos, quando muitos fazem até uma ligação mítica à data do seu nascimento em 24 de março, vésperas da festa da anunciação do Senhor. Outro fator eram as características físicas da pequena criança, que de modo surpreendente tinha grandes diferenças, típicas das crianças nordestinas.

Nasceu um caboclinho de longas orelhas de abano e, de fato, cabelos alourados e surpreendentes par de olhos azuis – características que ajudaram para associar a imagem do Cristo caucasiano das gravuras de origens medievais, mas que na verdade foram herdadas dos antepassados portugueses da família, tanto do lado materno quanto paterno. (NETO, 2009, p.24)

Esse pequeno recebeu do povo essa interpretação mítica, frente ao devastador cenário de morte predominante em meio ao sertão, como também o fato de que o mito integra a religião, que é parte constituinte deste mesmo povo. Isso é profundamente compreendido ao lermos as literaturas de cordel, como apresentado

⁵ Padre Cícero sociologia de um Padre, antropologia de um santo (BRAGA, 2008).

⁶ José Antônio Pereira Ibiapina (Pe. Ibiapina) ex-advogado criminalista que largou a profissão para seguir a vocação sacerdotal aos 47 anos, sendo ordenado sacerdote no seminário de Olinda, trocando o seu sobrenome de “Pereira para Maria”. Marcou profundamente a história do nordeste brasileiro pela sua peregrinação nos sertões, construindo capelas, escolas, cemitérios, açudes, casas de caridade e hospitais para os pobres, sempre em regime de mutirão.

nos versos de Antônio Domingos dos Santos, *O nascimento misterioso do P. Cícero: a troca das crianças*:

A 24 de Março

Nasceu nosso
Salvador
Padrinho Cícero
Romão
Luz divina do amo
Do Brasil ao
estrangeiro
Seja nosso protetor.

Remotos tempos
passados
Houve um belo
ancião
Seu nome era
Joaquim
e o sobrenome
Romão
A sua esposa Quinó
Todos lhe davam
atenção.

Casou-se Joaquim
Romão
Gozava imensa
harmonia
Tratava bem os
vizinhos
A todos com cortesia
E na cidade de Crato
Era onde residia.

Lá com um ano de
casado
Uma criança nasceu
Muito luzente e
famoso
A sua mãe concebeu
O dote de um bom
menino
A natureza lhe deu.

Todos que lhe
visitavam
Via a fisionomia
Este menino galante
“Será filho de Maria

Santa Rainha do
Céu?”
Todo povo assim
dizia.
O povo que ali
chegava
Admirava o pudor
Dizia: este menino É
o anjo do Senhor
Esta criança é do
céu
Vinde nosso
Salvador.

Este menino em
quem falo
Ele é muito parecido
Com o menino São
João
Pelo anjo prometido
E da Rainha do Céu
E do anjo querido.

Porque quando
elenasceu
Viram ali uma visão
Nisto entra uma
mulher
Com o Rosário na
mão
Também trazia
um menino
Ficando ali no salão.

Ali na frente do leito
A linda mulher ficou
Nisto acordou sua
amiga
Dizendo: Dona Quinó
Vamos trocar os
meninos
A mesma mulher
falou.

Respondeu ela: eu
não troco
Lhe digo qual a
razão
Este é meu filho
único
Será meu único
varão

Nisto ela adormeceu
Sentiu a luz da visão.

Passaram poucos
minutos
Dona Joaquina
acordou
Viu a criança no leito
Nisto o menino
chorou
Aquele choro tão alto
Que a criada chegou.

Perguntou a criada a
ela:
Dona, quem entrou
aqui?
Os meninos estão
trocados
E uma mulher eu vi
Para trocar os
meninos
Ela saiu por ali.

Disse: dai-me meu
filho
Dona Joaquina falou
A criada pegou o
menino
E para ela o levou
Ao receber a criança
Dona Joaquina
cegou.

Um vento lento
soprou
Em sua fisionomia
Olhava para a
criança
Mas o menino não
via
E nada mais
enxergava
Ficando cega de
guia.

Ali ficou o menino
E batizaram em
missão
Na santa água da
pia.
No Batismo de João
Com o nome de
Cícero *O sobrenome*
Romão.

O imaginário popular se encarregou de construir uma história sagrada para a origem de Cícero, envolvendo também sua família e todos que estavam ao redor, apresentando uma criança de comportamento diferenciado das demais. Como narra um cordelista:

Interessante é dizer
Que todo dia o menino
la rezar na capela
Para cumprir seu
destino

O Mestre lhe
perguntava
Onde você se
demora?
Lhe respondia o
menino
Eu estava rezando
agora
Cumpro esta
obrigação
Onde o Mestre
Sacristão
Faz prece à
N.Senhora.

Lhe disse o Mestre:
Menino
Eu estou com a chave
dela
E por aqui não tem
outra
Que abre aquela
capela.
Disse o menino: é
verdade
Mas a mão da
divindade
Pode abrir e fechar
ela.

Prosseguiu dizendo o
mestre:
Eu acho muito pesado
Se abrir porta sem
chave
Quando o trinco está
passado
Disse ele: então, me
conte
Se a fé transporta
monte
De um para outro
lado?

O Mestre o fitou e
disse-lhe:
Você reza é na
calçada!
Não, Senhor, é na
capela
Porque achei
destrancada
E quando sai para fora
Puche a porta e agora
Suponho que esteja
fechada.

E assim todos os dias
Fora da hora chegava
E na escola as lições
Todas de cor ele dava
E na capela fechada
Sem ter chave, sem
ter nada
Diariamente rezava.

Também no poço do
banho
Nunca se mostrava
despido
Os outros tiravam a
roupa
Ele ficava vestido
Depois entre os que
ele via
Tomava banho e saía
E nunca foi percebido.

Seus colegas foram
um dia
Os seus cavalos ferrar
Porém ele não
querendo
Seu bichinho maltratar
Por cima a mão lhe
passou
E com o dedo aplicou

Aquele que foi trocado
Esta que conto aos
amigos
Foi dita pelos antigos
Do próximo tempo
passado.

O Mestre o fitou e
disse-lhe:
Você reza é na
calçada!
Não, Senhor, é na
capela

1.3 O Cícero Romão Batista e sua Juventude

Apesar das limitações financeiras, a família Romão, desde muito cedo, garantiu ao pequeno Cícero o acesso aos estudos, certamente com interesse que ele desse continuidade às atividades comerciais desenvolvidas pela família.

A escola, mesmo sendo de difícil acesso a classe média do seu tempo, foi uma prioridade da família para o jovem Cícero, que desde os seis anos de idade passou a frequentar uma das escolas domésticas da época, que funcionava na modalidade de ensino alfabetizador para crianças, e os professores ministravam aulas em suas próprias residências.

Diferentes relatos afirmam que, desde muito jovem, Cícero se sentiu chamado à vocação sacerdotal, só não é possível apontar uma motivação exata, mas ao observar, posteriormente seu estilo, percebemos que foi uma vocação com base no desejo de levar as pessoas a Deus, por meio da conscientização da real missão do cristão no mundo!

Não bastando o sofrimento experienciado por Cícero em seu entorno, desde a sua infância: a fome e seca no sertão, os movimentos violentos, a história das tias exploradas e tantos outros que não sabemos, a vida o surpreendeu com a morte do pai, vítima da epidemia de cólera, que devastava os sertões, e que além de uma forte figura afetiva paterna era ele o arrimo da família, o que colocava em risco os projetos do jovem Cícero, o qual naquele período se dedicava somente aos estudos na cidade vizinha, Cajazeiras, no estado da Paraíba.

Graças à solidariedade de um padrinho, o coronel Antônio Luiz Alves Pequeno, um velho amigo da família, provavelmente amigo de negócios do Sr. Joaquim Romão, que também conhecia o jovem Cícero desde criança, foi possível que continuasse com seus estudos, seguindo seu sonho de ser sacerdote.

A intervenção e a colaboração financeira do seu padrinho marcam profundamente a juventude de Cícero, o que revela a importância do apadrinhamento e da afilhadagem.

No primeiro grande obstáculo que Cícero encontrou em seu desejo e projeto de se tornar Padre, a solução veio justamente de uma relação de afilhadagem e apadrinhamento. Aquele que veio justamente a ser conhecido como o “padrinho” por milhares de seguidores e devotos, teve no seu padrinho de batismo, uma figura fundamental na realização de sua vocação (BRAGA, p.37)

Não sendo diferentes desde seu nascimento e infância, as narrativas mitológicas e sobrenaturais seguem na história da juventude de Cícero, como a tentativa de explicar o retorno do jovem aos estudos, a partir de uma aparição do seu falecido pai, para falar que Deus iria providenciar a sua ordenação:

Naquele período ele estava se desfazendo de alguns livros para obter algum dinheiro, à noite estava sentado na rede, a rezar, quando escutou passadas no corredor. Eram passadas familiares e de súbito lhe apareceu o pai, “Seu” Joaquim, dizendo-lhe que não vendesse seus livros, pois Deus haveria de lhe providenciar a ordenação. (BRAGA, 2008, p.37)

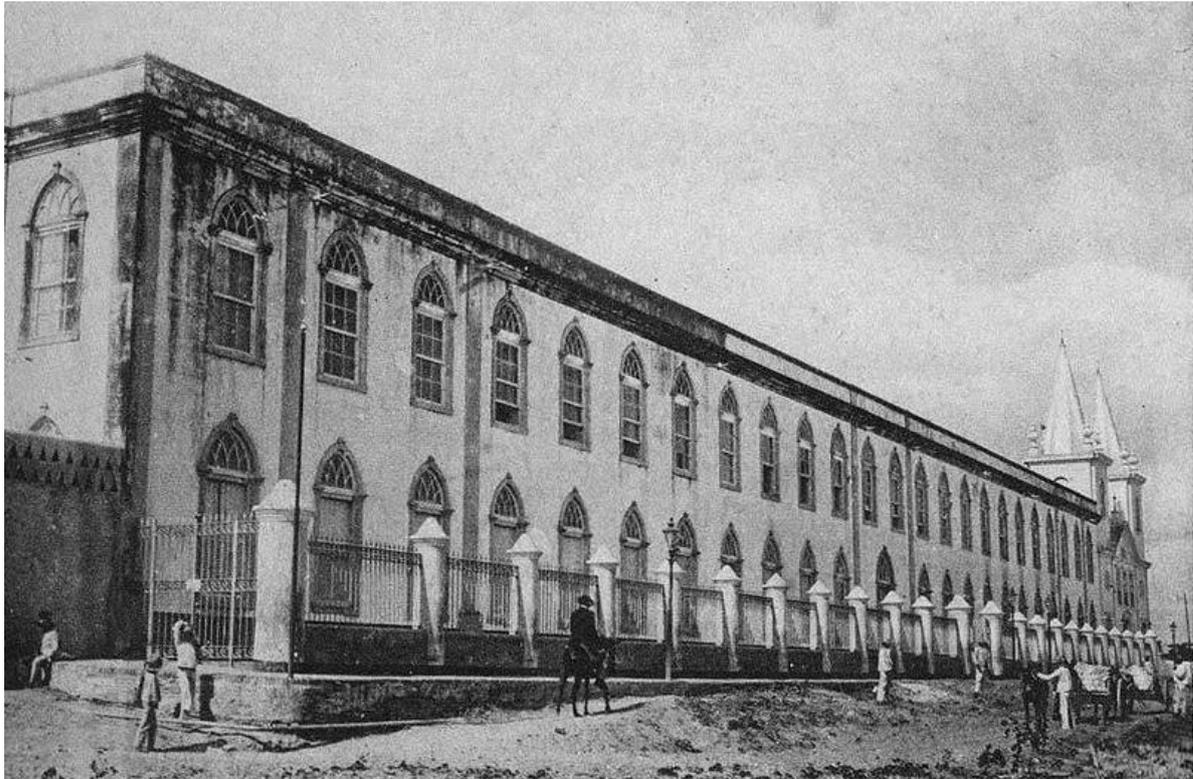
1.4 O Cícero Romão Batista, seminarista

Um seminarista atípico e diferente, embora as palavras estejam voltadas para um mesmo significado, utilizamos isso para falar do perfil diferenciado dos demais por parte do seminarista Cícero Romão e de outros jovens que de algum modo tiveram contato com o modelo de ação pastoral desenvolvido pelo Padre Ibiapina nos sertões nordestinos:

O adolescente que ingressa no seminário da Prainha já chega formado por uma concepção de mundo com uma interpretação dos ritos e mitos católicos já decodificados por Ibiapina, sua “fonte de criação”, para usar a expressão de Sartre. Sua identificação com o catolicismo pregado por Ibiapina faz de sua vida no seminário um tempo de angústia, desencontro com os Padres lazaristas franceses e seus ensinamentos, tornando um seminarista atípico, desconfiadamente observado pelos professores, sua vocação questionada pelo Reitor Chevalier (BARROS, 1994, p.17)

Isso não significa dizer que Cícero tenha sido um revolucionário da formação seminarística do seu tempo, mas um jovem que desde muito cedo soube unir o chamado vocacional àquilo que é a centralidade da obra de Deus, a pessoa humana.

Figura 1 - Seminário da Prainha – Acervo Histórico Arquidiocese de Fortaleza



Essa sensibilidade lhe acarretara vários problemas e crises com os seus formadores. De modo pontual, em outubro de 1867, foi indicado pelo conselho de ordenação⁷ a ser desligado do seminário, pela sua forma de compreensão do mundo e da necessidade de como futuros sacerdotes devem estar inseridos em meio ao povo e se comportarem de modo menos angelical.

Cícero Romão Baptista carecia de duas qualidades necessárias a um bom seminarista: ele seria pouco atento aos sacramentos, o que está implícito na acusação de que ele não confessava na comunidade, e era muito autônomo nas suas ideias, o que supõe uma pessoa disciplinada e pouco dada à obediência e respeito à hierarquia. (BRAGA, 2008, p. 60)

Não somente de contradições e crise foi o caminho do jovem seminarista. É preciso lembrar que muitas foram as considerações e ensinamentos que Cícero adquiriu e utilizou posteriormente em sua vida sacerdotal, mas nunca perdendo a capacidade de crítica em relação ao processo de formação desassociado da realidade.

É compreensível que a luta e a resistência de Cícero não estivessem vinculadas diretamente à figura de seus formadores, os Padres lazaristas, mas por

⁷ Conselho instituído pelo bispo Dom Luís, que tinha o poder de decidir em sobre quais os seminaristas com perfil para serem sacerdotes reformadores no período da romanização.

perceber a ausência de um diálogo e a disparidade de forças, entre as partes “formador e formando”, e por acreditar ser inapropriada a concessão de poder dada aos lazaristas vindos da França, pelo fato de serem desconhecedores da realidade e terem em vista tão somente o projeto de reforma católica.

As acusações feitas a Cícero partiram de um grupo de agentes que, tinha grande peso dentro da diocese, dentro daquele campo eclesiástico. Eram eles, os Lazaristas que controlavam umas das peças chave do projeto de reforma clerical que Dom Luís estava implantando no Ceará. (BRAGA, 2008 p.57)

As reais motivações de Cícero para responder ao chamado eram para além de simplesmente apresentar um perfil que correspondesse aos anseios dos formadores e ao projeto da reforma católica. A base da sua vocação fora alicerçada pela religiosidade de sua família e o modelo de vida de São Francisco de Sales, como o próprio Cícero afirma em seus escritos, referindo-se ao livro *Introdução à vida Devota*⁸:

Devo ainda declarar, ser para mim uma grande honra, que em vista de um voto feito aos doze anos de idade, pela leitura que fiz nesse tempo, da vida imaculada de São Francisco de Sales, conservei a minha virgindade e a minha castidade até hoje.

O jovem seminarista tivera a oportunidade de acompanhar dois cenários eclesiais conflituosos de sua época. De um lado, um clero profundamente marcado pelo individualismo, isolamento sacerdotal e conduta imoral. Na outra ponta, um projeto de reforma católica que, devido ao seu perfil doutrinador, de disciplina ultramontana,⁹ não respeitava e não tinha flexibilização para ser implantado.¹⁰

O clero brasileiro era caracterizado pela sua formação intelectual precária e por seus hábitos nada condizentes com as disciplinas eclesiásticas de cunho europeu, que zelava pela manutenção do celibato e por uma exemplar vida moral dos clérigos. Em oposição a esse comportamento, era comum, na época, no Brasil encontrar Padres vivendo com mulher e filhos gerado dessas relações, tidas como ilícitas pela Igreja. A exceção do clero

⁸ Sales, S. Francisco. “Introdução à vida Devota.” São Paulo – SP: Editora Vozes.

⁹ O ultramontanismo consiste no “sistema dos que são favoráveis à autoridade absoluta do papa em matéria de fé e disciplinas (defende a doutrina da infalibilidade papal do modo mais extremo possível), zela pela concentração do poder eclesiástico nas mãos do sumo pontífice, e procurar tornar o catolicismo em força de caráter essencialmente político, quer pela oposição à racionalização da Igreja, quer pela intolerância relativamente às outras religiões”. Nova enciclopédia Brasileira de Consultas e Pesquisas. São Paulo: Novo Brasil Editora Brasileira Ltda., 1987, vol.5, p.189.

¹⁰ Um dos expoentes desse clero liberal aqui no Brasil foi o Pe. Diogo de Feijó, que chegou a elaborar leis à Assembleia Legislativa Nacional, no Rio de Janeiro, em 1827, decretando: o fim do celibato obrigatório para os Padres; a extinção dos seminários-internatos; e uma reforma curricular nos seminários. Tais atitudes foram alvos de críticas e posteriormente as propostas foram arquivadas. PINHEIRO, Francisco José. O processo de Romanização do Ceará.

nacional formado em Coimbra, que sua maioria não tinha tal comportamento. (FILHO, 2004, p. 26)

É preciso lembrar que, em meio a esse fogo cruzado, se encontra uma multidão de fiéis que apenas buscam vivenciar a sua fé, segundo a catequese recebida em suas famílias, práticas e costumes locais e em algumas comunidades pela orientação recebida pelos missionários por ocasião das santas missões, comuns naquele período.

Figura 2- Cícero (Esq.) e Colega de Seminário – Acervo Histórico diocesano do Crato



Cícero, em meio a essa realidade, toma como seu partido e bandeira a porção do povo de Deus excluída, sedenta por sacramentos, por ser Igreja e ansiosa por Deus e seu projeto libertador. Ele percebe que, com esse mesmo povo, atualiza a expressão bíblica: *“Eram como ovelhas sem pastor”* (cf. Mt 9, 36).

O jovem seminarista compreendera que a missão principal de ser Igreja era caminhar junto ao povo, vivendo com eles suas alegrias e tristezas, como fizera o Pe. Ibiapina nos caminhos do sertão, o que na linguagem sertaneja se traduz: “Com Padre do pirão ao cinturão”. Ele coloca o outro em prioridade na sua vida e na sua espiritualidade.

1.5 O Cícero Romão, sacerdote

Após um logo e conflituoso caminho, seja no âmbito familiar ou formativo, Cícero Romão Batista foi ordenado sacerdote em 30 de novembro de 1870, em Fortaleza, posteriormente regressando à cidade do Crato para exercer os seus primeiros anos de ministério, um pouco pressionado pelo amigo da família Batista, para auxiliar a mãe e as irmãs que ali se encontravam. Ali, desempenhou o ofício de professor da disciplina de Latim no Colégio Padre Ibiapina, que tinha como fundador e diretor o Professor José Joaquim Teles Marrocos, que era primo e amigo do jovem sacerdote.

Em 1870, com 26 anos de idade, Cícero chega ao final dos estudos. O Padre francês Pierre Chevalier, reitor do seminário, desaconselhou a ordenação sacerdotal porque achava demasiadamente místico, cabeçudo e por vezes audacioso em matéria doutrinal. No entanto, Dom Luís tinha muita simpatia por Cícero e o ordenou em 30 de novembro de 1870. Aluno zeloso e fervoroso, certamente influenciado pela leitura de revistas missionárias, pensou em servir a Deus na China. João Aprígio, seu antigo tutor e amigo da família, demoveu-o imediatamente da ideia: como poderia abandonar a mãe viúva e as duas irmãs órfãs? (COMBLIN, 2011, p.10)

Seus primeiros meses de sacerdote foram profundamente marcados pela expectativa em receber do bispo uma paróquia da região, para que pudesse exercer mais plenamente seu ministério sacerdotal, mesmo não sendo seu sonho permanecer ali naquele lugar. Sua expectativa em assumir uma paróquia limitava-se não apenas na decisão do bispo, mas na lei imperial e dos cânones de Trento, que dava por direito unicamente um determinado tempo para exercícios sacerdotais ao novo sacerdote.

Embora sem uma paróquia, mas portando uma licença do bispo para exercer o ministério na região, passou a prestar assistência religiosa a todos que o procuravam. Recebeu convite do amigo Simeão Correia de Macedo para rezar uma santa missa por ocasião da Vigília do Natal do Senhor, no dia 24 de dezembro de 1871, na até então localidade de Tabuleiro Grande, distante algumas léguas da cidade do Crato. Aquele seria o início de uma história que se arrasta até os dias de hoje.

Após o primeiro contato, Padre Cícero estabelece uma afetuosa relação com o povo da pequena Vila de Tabuleiro, formada por apenas 02 ruas, 36 famílias e uma capelinha dedicada a Nossa Senhora das Dores, devoção que melhor vinha de

encontro com a realidade daquele sofrido povo. Pouco tempo depois, Padre Cícero estabelece na pequena vila de Tabuleiro Grande a sua morada. A decisão de residir naquele local por parte do Padre Cícero é repleta de mitos, dentre eles ocupa as demais credibilidades, sobre um possível sonho que Jesus lhe confiava sobre aquele povo.

Uma tarde, Padre Cícero voltou da capela onde tinha ouvido as confissões dos homens e foi para a escolinha onde estava hospedado. Estava tão cansado que caiu no sono. Aí teve um sonho. No sonho Padre Cícero viu o Sagrado Coração de Jesus rodeado pelos 12 apóstolos, entrou de repente uma multidão de retirantes: era um cortejo de adultos e crianças famintos, fadigados, tocados pela seca e que pareciam ter saído dos piores tempos de seca dos sertões. Então Jesus dirigiu a palavra aos retirantes. Falou da ruindade do mundo e das inúmeras ofensas que os pecadores fazem ao seu Sacratíssimo Coração. Prometeu fazer um último esforço para converter o mundo tão miserável, mas anunciou que se este não respondesse ao apelo, seu fim viria certamente. Nesse momento, Jesus voltou-se para Padre Cícero e ordenou: “E você, Padre Cícero, tome conta deles”. (COMBLIN, 2011, p. 12)

O modo de acolher os fiéis, a escuta disponível e a forma de administrar os sacramentos foi a via utilizada para cativar o coração daqueles sertanejos. Sua vida de oração o tornou rico em qualidade diante daquele povo.

Percorria sem descanso todos os arredores de Juazeiro do Norte para pregar a devoção ao rosário da Virgem Maria, a caridade, e para exercer, apedido, a função de juiz nas discórdias. Gostava de ficar entre os caboclos, em longas conversas, durante as quais falava da Santa Escritura e da vida dos santos de sua devoção, cujo principal era São Francisco de Assis. Com este trabalho missionário, paciente e constante, lançou as raízes de sua aceitação total e incondicional. (OLIVEIRA, 1985, P. 96)

No entanto, seu jeito hospitaleiro, sempre apresentado através da sua expressão “amiguinho”, não significa dizer que fosse um sacerdote conivente com os desajustes morais em que viviam aquelas pessoas do lugarejo. Pelo contrário, sua presença no lugar foi o que garantiu a moralização da pequena vila, o que fez dele não só um simples sacerdote do sertão, mas um doutrinador:

Ao chegar em Juazeiro, Padre Cícero encontrou a população vivendo em uma rotina marcada por rodas de samba, consumo de álcool e prostituição. (SOBREIRA, 1969, p. 20)

Entrega-se com paixão e desprendimento absoluto ao cuidado de seu povo. A pé, a cavalo, visita todos os moradores sob a sua responsabilidade sacerdotal. Combate o que ele considera vícios pecaminosos, interfere na vida da população, altera-lhes os hábitos de lazer e exorta o povo ao trabalho. Reza e prega com fervor revivido dos antigos missionários. Procurar minorar o sofrimento dos que procuram e vivendo ele próprio de esmolas, tem sempre a casa cheia de pedintes, com quem divide sua

própria pobreza. Como no tempo de Ibiapina, há ressurgimento da vida religiosa na região. (OLIVEIRA, 1988, p. 118)

É preciso lembrar que o modo de catequizar do Padre Cícero Romão está estreitamente ligado às questões de ordem social e econômica e às orientações firmes e acolhedoras, um “*Ora et Labora*” no sertão:

As ruas se encompridavam e a vila crescia. O Padre distribuía entre os pobres tudo o que recebia e ia pessoalmente, de batina rasgada, em longos jejuns diários, orientar os trabalhos e incentivar os matutos a se estabelecerem em Juazeiro e se fixarem como agricultores, numa crença cada vez mais forte de que Nossa Senhora das Dores encaminhava para ali os abandonados da sorte. (BARROS, 2015 p122)

Sua trajetória sacerdotal foi marcada profundamente pelo cenário de um povo pobre que depositou no seu sacerdócio a sua única esperança de vida. Isso marca intensamente o seu imaginário e define sua ação evangelizadora e social, voltada sempre para os mais pobres e abandonados.

É importante lembrar que as práticas sacerdotais primárias do Padre Cícero não fogem ao modelo de Igreja predominante na época, que era a romanização, na qual era dada toda uma valorização à figura do romano pontífice, das figuras eclesiais, preocupações morais e dogmáticas, bem como novas práticas devocionais como, por exemplo, a entronização do Sagrado Coração de Jesus, prática essa existente até os dias de hoje na região do Cariri cearense. Ele era proveniente de um seminário dirigido pelos Padres Lazaristas aplicadores das ideias da romanização junto aos seminários e de uma diocese que tinha a sua frente um bispo reformador.

No entanto, isso não fazia dele um sacerdote indiferente aos variados estilos e práticas religiosas da região, pelo fato de ser profundo conhecedor das mesmas desde sua infância. O fato de conseguir conciliar dois estilos diversos de ser Igreja garantiu-lhe desde muito cedo ser respeitado não apenas como sacerdote, mas como mediador de toda uma “religiosidade”.

Mediador de uma religiosidade, dialogador com uma sociedade, ouvidor de um povo e um sacerdote zeloso, revelador de um rosto novo de ser Igreja junto ao povo de Deus e seus “amiguinhos”, como ele assim chamava a todos.

Um sacerdote que através da sua conduta adquiriu fama de santo pelo povo, como podemos encontrar na produção de grandes escritores:

Ele era baixinho, corcunda. Parecia um desses santos de pau que a gente venera nas igrejas antigas, feitos grosseiramente pelo artista rústico, a poder de fé e engenho. A cabeça enorme descaía no ombro sugado e magro, a batina surrada acompanhava em dobras amplas o corpo diminutivo. Só a carne do rosto e os olhos azuis, límpidos e místicos, se encravavam na gente, penetrantes como uma chama. Megalomaniaco, paranóico, gerador de fanatismo, protetor de cangaceiros, explorador da crueldade sertaneja de tudo isso ele foi acusado pelos teólogos, médicos e sociólogos que juntos lhe fizeram o diagnóstico. Senhores teólogos, senhores médicos, quão longe já andais dos belos tempos da fé antiga! Pois quem poderá ser um bom santo sem ser ao mesmo tempo um bom doido – e a melhor definição de um santo não será “um doido¹¹ de Nosso Senhor?” Tanto o Santo como o doido despe a roupa na rua, abandona a casa e família, vai comer raízes bravas e pregar à turba ignara qualquer ardente mensagem que lhe consome o coração. E só a esses dessa mensagem e a extensão do seu êxito é que estabelece a diferença. (Queiroz, 1994, p.31)

Figura 3 - Padre Cícero Romão Batista sacerdote – Acervo Histórico Diocesano do Crato



1.6 A construção de um projeto pastoral

Certamente, a expressão “Projeto de Pastoral” não seja o nome que se adeque ao contexto de Igreja, mas ela muito se faz necessário para compreendermos, à luz de expressões de nossos tempo, o estilo de catequese, animação e pastoreio desenvolvido pelo Padre Cícero Romão na pequena Juazeiro.

Primeiramente, é necessário situar-se no contexto eclesial do Estado do Ceará na época que tinha como bispo D. Luis Antônio dos Santos, de origem

¹¹ A palavra “doido” no nordeste brasileiro é utilizada comumente para expressar uma pessoa de coragem.

fluminense e formação em Direito Canônico, realizada em Roma, e era o primeiro bispo da recém-criada Diocese do Ceará.

Figura 4 - Dom Luís Antônio dos Santos – 1º Bispo da diocese do Ceará– Acervo Histórico Diocesano do Crato



Dom Luís era um expoente no quadro do movimento de romanização do Catolicismo Brasileiro da época.¹² Ao ser nomeado primeiro Bispo do Ceará, em 1861, deparou-se com um verdadeiro caos moral no estilo de vida do clero local. Segundo relatos, afirma-se que dos 33 sacerdotes que constituíam o clero da Diocese de Fortaleza, um considerado número tinha mulheres e filhos, muitos vivendo de modo conjugal e ainda uma simples e insignificante formação dos seminaristas. Também se deparou com Padres que viviam seu sacerdócio de modo independente, desenvolvendo os mais variados tipos de apostolado, dentre eles, Pe. Ibiapina e seus projetos caritativos pelo sertão cearense. D. Luís tinha a missão de substituir o Catolicismo Colonial pelo Catolicismo Universal de Roma, em que a obediência, a disciplina e a centralização do poder eram condições essenciais para o bom êxito das reformas desejadas na igreja. A originalidade, a liberdade de ação e

¹² OLIVEIRA P.R. Catolicismo popular e Romanização do catolicismo Brasileiro. In: *REB*, vol. XXXVI, FASC.141, p. 131-141, p. 976, mar. O autor mostra que o processo de “Romanização” do catolicismo brasileiro foi, ao mesmo tempo, um processo de destruição religiosa do leigo.

de êxito do Padre Ibiapina, aliás, moralmente irrepreensíveis, ameaçavam o esforço de organização e de controle da Igreja Hierárquica.¹³

Padre Cícero presenciou esses cenários desde a sua formação o que certamente fez com que esse tenha sido um aspecto valioso do movimento de romanização: criar uma mentalidade de zelo pelo sacerdócio. Prova disso era o seu desejo em exercer a função de docente junto ao seminário da Prainha, de modo a colaborar para que outros seminaristas tivessem a possibilidade de uma formação qualificada que os preparasse verdadeiramente para o exercício do sacerdócio ministerial. No entanto, devido a uma série de situações que foram surgindo ao longo de sua trajetória, o sonho de ser professor acadêmico não se tornou realidade.

Podemos entender que a decisão de Padre Cícero em permanecer na pequena vila de Juazeiro é para além de alusões místicas, pelo contrário, ela vincula-se muito mais ao sonho de ter uma considerada postura em meio ao povo e ao clero. Embora a pequena vila fosse, aos olhos de alguns, um espaço insignificante, poderia para ele ser a garantia para conquistar novos espaços de exercer seu sacerdócio.

A vila Juazeiro era o espaço ideal para iniciar o seu ministério e simultaneamente uma forma de expressar a sua gratidão e, de certo modo, colaborar com o processo de organização da diocese e com o projeto de reforma eclesial, almejado pelo Bispo do Ceará Dom Luís, que também depositava nele grande confiança e estima, a ponto de desconsiderar o Conselho de Formação do Seminário de Fortaleza.

Um fator importante a considerar é a familiaridade exercida pelo Padre Cícero. Primeiramente, pelo fato de ser um sacerdote nativo e ser profundamente conhecedor das situações que se originavam, seguindo pelos seus laços de

¹¹ Alguns anos mais tarde, o mesmo D.Luís, então Arcebispo de Bahia, terá um comportamento parecido, em relação ao movimento de António Conselheiro em Canudos, no desejo de preservar a autoridade hierárquica do clero. Cf RALPH DELLA CAVA: *O messianismo Brasileiro e as Instituições Nacionais*. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, VI (1/2) 1975, p.121-139. Numa carta ao Núncio Apostólico, Dom Joaquim, sucessor de Dom Luis, justificava o “misticismo” do Vale do Cariri nesses termos: “*Cumpre-me cientificar a V. Excia. Revma. que nesta Diocese os casos de desequilíbrios das faculdades mentais são freqüentes e ocasionarias, e quase todos se manifestam por tendências para o maravilhoso, não sendo estranha a essa tendência uma boa parte do Clero; isto devido ao Dr. Ibiapina, homem ilustrado em ciências jurídicas mas supersticioso, que resolvendo ordenar-se, conseguiu esta graça sem estudar Teologia, e depois saiu a pregar pelos sertões de Pernambuco e do Ceará, demorando-se mais nesta Diocese, onde muito contrariou o meu Antecessor de saudosa memória o Sr.Dom Luís: o Pe. Cícero, o Sr. José de Marrocos e outros foram discípulos deste Doutor Pe. Ibiapina. Daí vem em parte a história do Juazeiro.*”, (27/03/1897)

amizades herdados de família. O primeiro aspecto possibilitou que ele realizasse uma intervenção pontual naquilo que era a real necessidade do povo de Juazeiro, como por exemplo, a sua influência no campo da moral, para combater o uso desenfreado do álcool e atos sexuais nas suas mais distintas formas. O segundo lhe garantia alternativas seja no âmbito social, econômico e/ou político.

É importante compreender que o Padre Cícero não se utilizou da realidade de pobreza do povo da pequena vila, mas viu ali a possibilidade de exercer de modo coerente o seu sacerdócio, que por sua vez iria lhe garantir um trabalho em estruturas maiores.

Na condição de sacerdote, o desafio naquele vilarejo era de “Salvar Almas” por meio dos sacramentos e da liturgia, mas para isso não bastava ser sacerdote, era necessário ser uma figura conciliadora que conseguisse “evangelizar e trazer o povo para salvação”, a partir da pouca prática do catolicismo popular predominante no local e da fidelidade ao poder eclesiástico, naquela situação era a de subordinação total ao Vaticano - “*Roma locuta, Causa finita*” – Roma falou, assunto encerrado.

O marco da pastoral do Padre Cícero foi a “missionariedade”, mas não era propriamente como um missionário *Ad Gentes*, mas como um religioso que, como conhecedor da realidade de vida do povo, soube como ninguém unir isso ao projeto proposto pela igreja da época, orientado pela formação que foi buscar fora.

Coloca a formação de comunidades como carro chefe para o fortalecimento da fé e organização do Povo de Deus nos mais diversos cenários, o que atualmente compreendemos como “Comunidades de Comunidades”

1.7 O caso da Beata Maria de Araújo

Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, nascida em 1863 e falecida em 1914,¹⁴ era apenas mais uma das tantas mulheres que estavam inseridas nos nomes do movimento de beatos e beatas que teve seu período forte na metade do século XIX.

¹⁴ A principal referência para essa nota é o Livro *Maria do Juazeiro, a Beata do Milagre*, de Maria do Carmo.

É um período histórico que devido ao processo de estruturação da burguesia, extensiva ao mundo sertanejo, as famílias dos coronéis encaminhavam seus filhos e principais afilhados para os cursos superiores dos centros urbanos, o que resultava na formação ideológica destes e assim colocando em crise a hegemonia da Igreja (BARROS, 2008, p.107/108).

Tempos em que a região Nordeste era profundamente marcada pelo flagelo da seca, conhecida na história como seca dos oitos, por ser 1888. Sem muitas expectativas, as multidões acorriam a Juazeiro na esperança de serem socorridas pelos serviços caritativos do Padre Cícero (DELLA CAVA. 1976.p.45). Neste período, o próprio Padre Cícero escrevera ao bispo de Ceará narrando a situação gritante do povo de Deus em meio a estarrecedor estado de seca, meses antes do fenômeno que envolveu ele e a beata Maria de Araújo:

Angustiado por tanta aflição, nem sei dizer o que sinto... O tremendo flagelo de fome apresenta-se diante de meus olhos com todos os seus horrores, só um milagre nos poderá salvar [...] Nosso Senhor acudiu com algumas chuvas [...]. Quem está sem esperança é o pobre distrito do Juazeiro, tão populoso e tão pobre, é o Jó do Cariri [...]. O que é certo é que perdeu-se tudo e não vejo recurso de salvação, ou morrer ou ser retirante. [...] Temos pedido muito a Nossa Senhora e os meus pecados impedem que ela ouça! [...] Eu sei que Deus vai castigar o mundo com tanto rigor como não se pensa. Se a Santíssima não alcançar misericórdia e perdão é como uma tempestade de males que vai envolvê-lo este ano de lágrimas. O Sagrado Coração de Jesus e as lágrimas de Maria falem por nós. (GUIMARÃES, 1983, p. 93)

Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo. Seu nome entra para a história da religiosidade popular em 1889, pela sua experiência mística de, após o recebimento da comunhão eucarística, a sagrada transformar-se em sangue em sua boca:

O povo retornou, com tristeza, as suas orações em busca de consolação divina, enquanto os Padres da região o conduziam com renovador fervor. [...] No dia 1º de março de 1889, Maria de Araújo era uma das várias devotas que se encontravam na capela de Joazeiro para assistir a missa e acompanhar os rituais que celebravam todas as sextas-feiras do mês, em honra ao Sagrado Coração de Jesus. Foi umas das primeiras a receber a comunhão. De repente, caiu por terra e a Imaculada Hóstia branca que acabara de receber tingiu-se de sangue. (DELLA CAVA. 1976. P.45)

No que se refere ao perfil da beata Maria de Araújo, segundo o escritor Costa Braga, era apenas uma devota e simples mulher:

Era negra de origem humilde, analfabeta, pobre e exercia ofício de costureira. Sua origem e situação social não destoavam da maioria dos

habitantes do povoado. Ela recebeu o hábito das mãos do Padre Cícero e até a ocorrência do milagre residia com seus pais, posteriormente vindo morar na residência com o Padre Cícero. (BRAGA, 2008 p. 155)

Somou-se a essas preconceituosas definições sobre a beata o histórico que a mesma desde a sua infância tinha constantes visões de que estava a brincar com o Menino Jesus e que posterior a sua primeira eucaristia, teria realizado sua consagração a Cristo na presença dos anjos e da Virgem Maria, tornando-se esposa de Cristo. (FORTI, 1999)

Figura 5 - Beata Maria de Araújo – Acervo Histórico Diocesano do Crato



A sua experiência custou tanto a ela como ao Padre Cícero grandes tribulações e severos castigos. Segundo relatos tradicionais dos romeiros, a beata Maria de Araújo, no período em que se encontrou reclusa em uma casa de caridade no Crato, era submetida a horas de torturas (fome, sede e agressão física) por parte dos sacerdotes responsáveis por mantê-la fora do convívio social. Tudo isso era orientado pelo bispo do Ceará Dom Joaquim José Silveira, que escreveu uma carta com orientações ao Mons. Alexandrino de Alencar sobre como proceder com o caso

do milagre junto ao povo, a beata e também a portaria de suspensão das ordens do Padre Cícero Romão:

Vá oportunamente entender-se com a superiora da casa de caridade [...] a quem dará a ordem de não receber naquela casa nenhuma das beatas de Joazeiro, exceto Maria de Araújo, que deve ali encerrar-se para não mais ser vista por pessoas de fora (CARTA de Dom Joaquim ao Mons. Alexandrino de Alencar em 08 de agosto de 1892).

Somou-se ainda em abril de 1894 a decisão sobre o caso por parte da Sagrada Inquisição Romana Universal, que foi acolhida com entusiasmo por parte de dom Joaquim, que, posterior a essa decisão, afirma: “não há mais lugar para evasivas; não há mais apelação; já não é lícito em consciência a um católico, sacerdote ou leigo, duvidar sequer de leve. *Roma locuta est, causa finita est*” e em seguida reproduz a referida decisão, tornando pública a decisão da Santa Inquisição:

Decisão e decreto da Sagrada Inquisição Romana Universal sobre fatos que sucederam no Juazeiro. Diocese de Fortaleza. Na congregação de quarta-feira, 4 de abril de 1894, tendo discutido os fatos que aconteceram em Juazeiro, da Diocese de Fortaleza, os Eminentíssimos e reverendíssimos Padres cardeais da Santa Igreja Romana, Inquisidores Gerais, pronunciaram, responderam e determinaram, como segue: que os pretensos milagres e quejandas coisas sobrenaturais que se divulgam de Maria de Araújo são prodígios vãos e supersticiosos, e implicam gravíssima e detestavelmente irreverência e ímpio abuso a Santíssima Eucaristia: por isso o juízo Apostólico os reprova e todos devem reprová-los, e como reprovados e condenados cumpre serem havido. Para que imponha um fim a estes excessos e ao mesmo tempo se previnam mais graves males que daí se possam seguir:

1º - Seja interdito pelos Ordinários de Fortaleza e de todo Brasil, o concurso de peregrinos ou acesso de curiosos em visita a ela e as outras mulheres culpadas na mesma causa.

2º - quaisquer escritos, livros ou opúsculos editados ou que por acaso venham a sê-lo (o que não aconteça) em defesa daquelas pessoas e daqueles fatos sejam dito por condenados e proibidos, e na, medida do possível, sejam recolhidos e queimados.

3º - tanto estes sacerdotes, como a outros, sacerdotes leigos, proíbe-se que, por palavras ou por escritos, tratem dos pretensos supracitados milagres.

4º - Os panos manchados de sangue e as hóstias de que se tratou, e todas as outras coisas guardadas como se fossem relíquias, sejam pelo mesmo Ordinário recolhidas e queimadas. [assinada] R. Cardeal Mônaco. (Decisão e decretos da Santa Inquisição Universal sobre fatos que sucederam no Juazeiro. Diocese de Fortaleza – Roma 04 de abril de 1894)

A experiência mística da simples e pobre beata do sertão cearense, desconhecida por todos, passa agora a incomodar a hierarquia da romanizada Igreja

Católica da época. Como Nosso Senhor Jesus poderia se manifestar em tão insignificante criatura? Como nos diz FORTI:

María de Araújo faz parte daqueles “sem-lugar”, “sem-poder”, dos leigos, ou ainda mais de acordo com o código de direito canônico vigente na época, abaixo dos leigos, pois era mulher. Ou ainda mais: abaixo do status de mulher, pois era negra: “raça infecta” pelas constituições do arcebispado da Bahia. E podemos ir mais longe na desqualificação de Maria de Araújo: era analfabeta. Ela, portanto, fazia parte daqueles que não constroem a história.

O acontecimento ocorrido com a beata Maria de Araújo não foi o que garantiu a expressão da figura do Padre Cícero, e sim, um acontecimento importante para que tantos outros sofridos sertanejos percebessem a manifestação divina naquela cultura, naquele chão e até valorização do movimento beateiro, que tem uma grandiosa importância na religiosidade e organização do povo Nordestino.

Podemos afirmar que a questão do milagre da hóstia ressoou negativamente pelo modo que fora anunciado publicamente, sem uma prévia investigação por parte das autoridades eclesiásticas. O próprio bispo do Ceará só tomou conhecimento do suposto milagre através da imprensa local, por meio do Jornal “O Cearense”, na edição do dia 03 de março de 1891, onde apresentava um artigo de um médico com o título “A transformação da hóstia em sangue em Juazeiro é um fato sobrenatural para o qual não me foi possível encontrar explicação natural”.

Interessante que muitos outros milagres eucarísticos foram bem aceitos e divulgados, como instrumento de combate a mentalidades contrárias à veracidade da eucaristia. Afirma Steil:

[...] se na Europa o milagre era afirmado contra o racionalismo, em defesa do catolicismo romano, as autoridades eclesiásticas no Brasil viram no milagre, definido pelo Padre Cícero, um recurso para afirmação e legitimação de um *habitus* católico que precisava ser erradicado. Ou seja, o Padre Cícero, aos olhos dos seus superiores, estava afirmando a coisa certa no lugar errado.

Assim, é possível interpretar que tal manifestação não ocorre apenas no lugar errado, mas na pessoa errada, visto que a Igreja naquele contexto tinha dificuldades em compreender a comunicação divina fora das estruturas hierárquicas. Isso se constata no comportamento da Igreja para com outros “milagres” semelhantes, como o milagre eucarístico de Bolsena, na Itália, o que possibilitou o Papa Urbano IV difundir a Solenidade do Corpo de Deus:

Em 1263 um Padre alemão, Pedro de Praga, [...] achava muito difícil acreditar que Cristo estivesse realmente presente na hóstia, [...] duvidando, partiu a hóstia e esta se transformou em carne e sangue que pingou sobre a tolha do altar e sobre todo corporal. [...] O Papa Urbano IV [...] quando todos os fatos foram averiguados, ordenou ao bispo da diocese que levasse a Orvieto, em procissão solene a hóstia de Bolsera e o pano tinto de sangue (LOREZATTO, 1978, p.190)

Na mesma linha, lembramos o milagre de Lanciano – Itália –, ocorrido no ano de 700 no mosteiro de São Basílio, ambos interpretados pela Igreja como uma Sagrada manifestação de Jesus Eucarístico em meio a alguns cenários de crise eclesial. Não vivia essa realidade o povo nordestino ao ser duramente obrigado ao processo de romanização da época?

Foram inúmeras as tentativas históricas de apagar o acontecimento da hóstia e a figura da beata Maria de Araújo do imaginário popular, bem como colocar o Padre Cícero Romão como responsável pelo milagre da hóstia e o sumiço dos seus restos mortais. Sua figura foi constantemente apresentada como embusteira, mentirosa e tantas outras ofensas descritas em livros da época, dentre eles destaca-se a publicação do Padre Alencar Peixoto no livro de sua autoria “Joazeiro do Cariry”:

Maria de Araújo é o produto do cruzamento de duas raças [negra e índia] dando, portanto, uma hibridez horrível, uma monstruosidade feita mulher. Ela é de estatura regular, brunduzia, triste, vagarosa, entanguida, essencialmente caquética, porque tem como ascendentes uma série de caquéticos e tuberculosos. A cabeça que traz sempre coberta tem a configuração de um corredor de boi, escamado. O cabelo nem é preto nem é branco. Os olhos pequenos e sem raio se quer de expressão que lhe ilumine o semblante, mexem-se histericamente nas fraldas de uma testa estreita e protuberante. O nariz irrompe-se entre os olhos, sem base e levantando-se, a pouco e pouco, alarga-se de asas chatas até os ossos molares, achamboirados [grosseiros], entupidos nas galhetas [rugosas] bochechas cavas os beiços moles e relaxados deixam a descobertos um dos cantos da cóstoma boca, à competência com a pele de azeitona em estado de putrefação, denegridos os dentes lanianos. É uma alma execrável. (PEIXOTO, 1913.p.9)

No entanto, o milagre de Juazeiro causa intrigas até os dias de hoje. Principalmente, pelo fato da contradição das afirmações das duas comissões teológicas que analisaram o caso, sendo que a primeira considerou verdadeiro e de origem divina e sobrenatural o milagre, e a segunda afirmou que seria um embuste. Nesse fogo cruzado, o bispo do Ceará compreendeu que existia um “cisma” em Juazeiro, levando-o, em agosto de 1892, a aplicar um decreto suspendendo o Padre Cícero de pregar, confessar e orientar fiéis, tendo apenas o direito de celebrar

missas. Em março de 1893, publica uma carta pastoral a toda diocese do Ceará, na qual convidava os fiéis a ignorar os fatos de Juazeiro.

Figura 6 - Desenho do Milagre da hóstia – Artista desconhecido



Toda essa situação do milagre que envolvia tanto a beata Maria de Araújo como o Padre Cícero criou na população do Cariri um espírito de revolta para com a posição do bispo do Ceará:

Em todo vale do Cariri a hostilidade ia crescendo contra a pessoa do bispo, acusado de todos os pecados, e uma revolta popular estava se preparando. Em dezembro de 1893, o bispo colocou o povoado de Juazeiro sob interdição parcial: doravante nenhum ato religioso poderia realizar-se na capela. Era como se toda população de Juazeiro estivesse colocada fora da Igreja. Essa medida provocou mais unidade na revolta do povo contra o bispo. (COMBLIN, 2011, p. 20)

Não sendo diferente dos demais cenários que envolvem a figura do Padre Cícero no coração dos nordestinos, o milagre da hóstia, assim conhecido entre a nação romeira, possui nesse meio uma leitura toda popular. Destacando-se o cordel “Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo”, da autoria de Severino José da Silva – Severino do Horto:

Embora fosse mais
nobre
Mais santa e mais
tranquila
E nela fez maravilha
Nas terras do Cariri
Maria de Araújo ali
Jesus sangue
derramando
E a Beata
comungando
Heroína do Brasil.

Em março de oitenta e
nove
Na grande semana
Santa
Jesus aguando a
planta
Grande milagre ele fez
Sendo ele o Rei dos
Reis
Dependente de Davi
Maria de Araújo ali
A paixão
representando
E a Beata
comungando
Heroína do Brasil.

Três horas de duração
E a Beata esteve em
êxtase
Os Padres em oração
fazem
Ela em dura paixão
Recebeu a coroação
Da cabeça o sangue
produz

Sendo o sangue de
Jesus
Saiu das mãos e dos
pés
Jesus mostrando aos
fiéis
Quanto ele sofreu na
cruz.

Três horas de duração
E a Beata esteve em
êxtase
Os Padres em oração
fazem
Ela em dura paixão
Recebeu a coroação
Da cabeça o sangue
produz
Sendo o sangue de
Jesus
Saiu das mãos e dos
pés
Jesus mostrando aos
fiéis
Quanto ele sofreu na
cruz.

Na véspera da minha
morte
Perante Pedro João
Benzi o vinho e o pão
Fiz da hóstia o pão do
“forte”
Porque era minha
sorte
Morrer pregando em
madeiro
Deus é homem
verdadeiro
Na última ceia
tranquila
Fez a mesma
maravilha
NA MATRIZ DE
JUAZEIRO

Em meio a toda a tormenta do caso “milagre de Juazeiro” que envolveu diretamente a beata Maria de Araújo, o povo romeiro continua até os dias de hoje a venerar essa figura e a contar a sua história em versos, como no cordel “*Eu não estou aqui. Aliás, eu estou aqui*”, de Rosário Lustosa:

Foi uma religiosa
De muita dedicação

O Padre Cícero sofreu
Até a morte chegar

Reconhecida beata
 Por toda a população
 E tinha por Padre
 Cícero
 Muita consideração

No ano de oitenta e
 nove
 Um fato lhe ocorreu
 Estava assistindo a
 missa
 Quando a hóstia
 recebeu
 Das mãos de Padrinho
 Cícero
 E veja o que
 aconteceu:

Ao abrir a sua boca
 Quando estava a
 comungar
 A hóstia ficou em
 sangue
 Sem saber como
 explicar
 Foi por cento e treze
 vezes
 Que chegaram a
 contar

Apareceu umas
 chagas
 Em seu corpo e
 arrebatava
 E sem pisar pelo chão
 Dando passada ela
 andava
 A hóstia sangrando
 em carne
 Muitas vezes
 transformava

A Igreja investigou
 E pegou muito pesado
 O caso como um
 milagre
 Nunca foi mesmo
 aceitado
 E depois de grande
 inquérito
 Deu tudo por
 encerrado

A consequência que
 teve
 Foi do Padre a
 suspensão

Não desprezou a
 Igreja
 Obedeceu, quis ficar
 E sobre o caso da
 hóstia
 Ninguém podia falar

Falando agora em
 Maria
 Foi triste o destino seu
 Nos inquéritos que
 houve
 Com tudo muito sofreu
 Levou uma vida
 penada
 Depois do que
 aconteceu

Lá na cidade do Crato
 Maria foi torturada
 Na casa de Caridade
 Ela foi enclausurada

Proibida de sair
 Era muito vigiada

E por quase trinta
 anos
 Ela foi bem perseguida
 Viveu no anonimato
 Com a existência
 perdida
 Novecentos e
 quatorze
 Foi o fim de sua vida

E como se não
 bastasse
 Toda esta perseguição
 Em novecentos e trinta
 Fizeram a violação
 Do túmulo em que a
 sepultaram
 Sem fazer exumação

Seus pobres restos
 mortais
 Sem poder ser
 descansados
 Roubaram do
 cemitério
 E nunca foram
 encontrados
 Ainda não
 descobriram
 Aonde foram
 enterrados

Dos seus atos na
Igreja
Com grande
humilhação
Tempos depois
também veio
Pra ele a excomunhão

Atualmente, a figura da beata Maria de Araújo continua a ser um nome de devoção, estudo e intrigas. Soma-se hoje, ao seu nome e a sua história, o título “a mulher sem túmulo”, isso pelo fato que teve seus restos mortais violados no cemitério municipal de Juazeiro do Norte e nada se sabe do paradeiro. Tudo o que existe de marco da beata é uma pequena fotografia nos fundos da capela do Socorro, localizada junto ao cemitério municipal e também onde está sepultado o Pe.Cícero Romão Batista.

Figura 7 - Pequena lápide da beata Maria de Araújo localizada nos fundos da Capela do Socorro



1.8 A incompreensão eclesiástica

A fé do povo nordestino é profundamente marcada por dois aspectos no período correspondente à ação do Padre Cícero Romão Batista: de um lado, a

atuação eclesiástica nos sertões nordestinos, que acontecia de modo informal, marcado por raros e breves contatos com a Igreja institucional, como apresenta Beozzo:

É um catolicismo severo, penitente, apocalíptico que canta e desfia rezas dos séculos XVII e XVIII e ladainhas em latim, ainda que estropeado. Catolicismo acorda de longe em longe pela pregação do missionário, carregada de promessas e castigos e milagres de Deus. [...] O missionário quando passa, arrebanha o povo, casa os pais, já batiza os filhos, confessa, celebra missa, reconcilia os inimigos, reza pelos mortos, prega e faz a catequese. Ao lado do missionário que passa, há também um sertanejo que vai em busca de seus santos, pagar nos santuários suas promessas e também batizar seus filhos. (BEOZZO, 1983, p. 111)

Por outro lado, o povo de Deus sofria a dureza do processo de romanização que combatia todas as práticas de catolicismo popular, com objetivo de “purificação” dessa religiosidade:

[...] A tônica do catolicismo brasileiro desloca-se do leigo para o bispo, da religião familiar para a religião do templo, das rezas para missas, do terço para os sacramentos. Este deslocamento tende a privilegiar mais e mais o poder sacerdotal e esvaziar as funções e o lugar do leigo na vida religiosa.

A maneira com que o Padre Cícero Romão Batista acolhia e orientava a todos quando chegavam a Juazeiro era a maior publicidade do seu trabalho pastoral, visto que os fiéis buscavam Juazeiro pela figura do Padre Cícero, mas na esperança de um novo modo de vida e de ser Igreja sob a orientação de um virtuoso sacerdote, que seguia fielmente o estilo de conhecido religioso dos sertões nordestino Pe. Ibiapina:

A vida religiosa que Pe. Ibiapina concebe não faz nenhuma discriminação de cor ou raça para o ingresso em suas fileiras. E isso em uma época em que estava em vigor a estigmatização canônica da cor negra pelos estatutos das ordens e congregações religiosas. Quando as próprias constituições do arcebispado da Bahia, que então regiam todo o Brasil, classificavam a raça negra como “raça infecta” e “raça reprovada”. Essa não discriminação representava também a rejeição de qualquer elitismo étnico no seio da fraternidade. E, ao mesmo tempo, era uma contestação indireta ao sistema escravocrata baseado na pigmentação da pele. (Fragoso, 1984, p.99)

Não foi necessário muito para que Padre Cícero Romão Batista entrasse para o grupo dos incompreendidos por parte do poder eclesiástico. Isso se dá pelo seu modo de acolher e orientar os flagelados, seu trânsito em meio aos diversos grupos políticos e sociais predominantes da época, valorização da figura do leigo no espaço eclesial, e de modo particular as mulheres, respeito à espiritualidade e

mística do sertanejo, dinâmica para garantir sacramentos a todos a quem os procurava, protagonismo dos pobres e moderada implantação da romanização. Sendo assim, poderíamos dizer que há uma inculturada implantação, pois

[...] ao encerrar-se o ano de 1891, o impacto era evidente: milhares de romeiros chegavam a Joaseiro, diretamente, enquanto o número de Padres que vinham apoiar a “Igreja dentro da Igreja” subira de 5 para quase 20. Joaseiro era de fato uma “cidade santa” presidida por um santo patriarca que era padrinho dos doentes, dos desabrigados, dos oprimidos, dos que tinham fome, dos criminosos e pecadores. Tachados pela sociedade culta do litoral. Tais romeiros, ao contrario, consideravam-se afilhados. (DELLA CAVA 1976, p.72)

Figura 8 - Padre Cícero em conversa com seus afilhados – Arquivo Histórico Diocesano do Crato



Essa conduta firme de opção pelo povo e sua religiosidade, bem como sua postura reta no caso do Milagre da hóstia, custou-lhe o impedimento de conservar o santíssimo sacramento na capela de Juazeiro e também a suspensão do uso de ordem:

“Leve ao Pe. Cícero a portaria de suspensão de, ou mande chamá-lo ao Crato para intimá-lo [...] Declare ao Pe. Cícero que não lhe damos mais licença para conservar o Santíssimo Sacramento na capela de Joaseiro. Nosso Senhor tem sido muito ultrajado pelas miseráveis beatas daquele lugar; o tempo provará o que afirmamos, mas a culpa é dos sacerdotes que se deixaram mistificar por mulheres

ignorantes, acreditando quantas ansiedades lhes vem à cabeça delas”. (CARTA de Dom Joaquim ao Mons. Alexandrino de Alencar em 08 de agosto de 1892)

Essa incompreensão por parte das autoridades desaguou em uma série de conflitos entre a Igreja instituição e povo de Deus. Durante o desenrolar destes acontecimentos, Padre Cícero sempre permaneceu obediente às decisões da santa Igreja, a qual tanto amava. Isto pode ser comprovado no seu testamento, onde ele próprio explica a situação e destina todo o patrimônio que possuiu em vida para o serviço dos pobres, a serem geridos pela igreja, pelas ordens religiosas e algumas pelas lideranças que trabalham diretamente com o povo.

Aos vinte e sete dias do mês de Julho do ano de mil novecentos trinta e quatro (1934), nesta cidade do Joazeiro, na comarca do Crato, do Estado do Ceará, em meu cartório, autoei o Testamento com o termo respectivo de abertura que adiante se vê; do que fiz este termo. O 2º Escrivão Intº. Antônio Machado

Em nome de Deus Amen.

Eu, Padre Cícero Romão Baptista, achando-me adoentado, mas sem gravidade, e em meu perfeito juízo, e na incerteza do dia da minha morte, tomei a resolução de fazer o meu testamento e as minhas últimas disposições, para o fim de dispôr dos meus bens, segundo me permitem as leis do meu paiz.

E como, devido ao meu actual incommodo, não posso levar muito tempo apurado em escrever este longo documento, nem quero fazer um testamento publico, mas sim um testamento cerrado, de accordo com o artigo mil seicentos e trinta e oito e seus paragraphos do Codigo Civil Brasileiro, pedi ao meu amigo Luiz Theophilo Machado, segundo Tabellião de Notas desta comarca, que por mim escrevesse este meu testamento em minha presença, e por mim ditado, reservando-me para assigna-lo com o meu proprio punho.

Declaro que sou filho legítimo dos fallecidos Joaquim Romão Baptista e Dona Joaquina Vicencia Romana e nasci na cidade do Crato, neste Estado do Ceará, no dia vinte e quatro de março de mil oitocentos e quarenta e quatro (1844).

Como profissão, adoptei o Ministério Sacerdotal, de accordo com as Ordens que me fôram conferidas pelo então Bispo do Ceará Dão Luiz Antonio dos Santos, de saudosa memoria, exercendo-o, conforme a minha vocação, com amor, dedicação e bôa vontade, e desejando assim continuar em quanto o Bom Deus, pela sua Divina Misericórdia me conceder força e consciencia dos meus actos.

Declaro mais que desde minha Ordenação, mesmo durante o pouco tempo que fui Vigario da Parochia de São Pedro do Crato, nunca percebi um real sequer pelos actos religiosos que tenho praticado como Sacerdote Catholico.

Declaro ainda que todos os dinheiros que me fôram e continuam a ser dados, como offertas a mim unicamente, os tenho distribuído em actos de Caridade que estão no conhecimento de todos, bem como em grandes e vantajosas obras de agricultura, cujo resultado tenho applicado em Bens, que ora deixo, na mór parte para a Benemerita e Santa Congregação dos Salesianos, afim de que ella funde aqui, no Joazeiro, os seus Collegios de educação para crianças de ambos os sexos.

Desde muito cêdo, quando comecei a ser auxiliado com esmolas, pelos romeiros de Nossa Senhora das Dores que aqui chegavam, a par do auxilio efficaz por mim feito para o desenvolvimento desta terra, resolvi applicar

parte das mesmas esmolas recebidas em propriedades, visando assim fazer um patrimônio para ajudar uma Instituição Pia e de Caridade que pudesse aqui continuar a sua Obra Bemfazeja.

E por que, dentre todas as existentes, nenhuma se me afigura mais benemerita e de acção mais efficaz e de Caridade mais accentuada do que a dos bons e santos discipulos de D. Bosco, os Benemeritos Salesianos, a elles deixarei quase tudo que possúo, conforme adiante declaro.

E rogo a esses bons e verdadeiros servos de Deus, os Padres Salesianos que me façam esta grande Caridade, instituindo nesta terra uma obra completa.

Estou certo, não só por que conheço a indole deste povo aqui domiciliado, assim como das populações sertanejas que aqui frequentam e que por meio de bons conselhos tenho educado na pratica do Bem e do Amor a Deus e mais ainda por que o pedido que faço, estou certo, repito, que todos os romeiros aqui domiciliados ou de pontos distantes, como prova de estima e amizade a mim e em louvor e honra a Virgem Mãe de Deus, continuação a frequentar este meu amado Joazeiro, com a mesma assiduidade, e audiliarão aos Benemeritos Padres Salesianos, como se fôsse a mim proprio, para manutenção aqui da sua Obra de Caridade Christã, isto é, dos seus collegios, cuja existência desses mesmos Collegios nesta terra para todo e sempre, será a maior tranquilidade para minha alma na outra vida.

Declaro, outrosim, que os dinheiros que tenho recebido para mandar celebrar Missas, conforme a intenção das pessoas que m'os tem dado, os tenho distribuido com o maior criterio, por intermedio dos Padres e Vigarios desta e de outras Dioceses e de algumas Instituições Religiosas do paiz e do estrangeiro.

Devo acrescentar que os dinheiros que me tem sido entregues para applicar como entendesse e quizesse, na intenção, louvor e honra de Nossa Senhora das Dores, sem nenhuma outra condição, do mesmo modo os tenho applicado com muita consciencia em actos de caridade, em auxilio a Obras e Instituições Pias e em bens que ora deixo conforme vae adiante declarado para Nossa Senhora das Dores, Padroeira desta Matriz e para Santa Congregação dos Salesianos.

Particulariso, desta maneira, a applicação, á minha vontade, das importancias, em dinheiro, recebidas, para distribuir na inteção de Nossa Senhora das Dores, nunca me apoderei dellas; ao contrario, ordenei sempre que fossem recolhidas aos respectivos cófres da Igreja, hoje Matriz, os quaes estiveram sempre sob a guarda dos Vigarios da Parochia.

Devo ainda declarar por ser para mim uma grande honra e um dos muitos effectos da Graça Divina sobre mim, que, em virtude de um voto por mim, feito, aos doze annos de idade, pela leitura nesse tempo que fiz da vida immaculada de São Francisco de Salles, conservei a minha virgindade e a minha castidade até hoje.

Affirmo que nunca fiz mal a ninguem, nem a ninguem votei odio, nem rancôr e que sempre perdoei, por amor de Deus e da Santíssima Virgem, a todos que me fizeram mal consciente ou inconscientemente. Preciso ainda elucidar um assumpto ao qual me por circunstancias especiaes se acha ligado, porem no qual minha acção, aliás pacifica, conciliadora e sempre ao lado do bem, tem sido injustamente deturpada pelos que se deixaram dominar pelas paixões do momento ou não souberam interpretar-a.

Nunca desejei ser político; mas em mil novecentos e onze (1911) quando foi elevado o Joazeiro, então povoado, a categoria de villa, para attender aos insistentes pedido do então Presidente do Estado o meu saudoso amigo Commendador Antonio Pinto Nogueira Accioly e, ao mesmo tempo, evitar que outro cidadão, na direcção politica deste povo, por não saber ou não poder manter o equilibrio de ordem até esse tempo por mim mantido, compromettesse a bôa marcha desta terra, vi-me forçado a collaborar na politica.

Apezar das bruscas mutações da politica cearense sempre procurei conservar-me em attitude discreta, sem apaixonamentos, evitando sempre

as incompatibilidades que podessem determinar choques de efeitos desastrosos. Para isso consegui muitas vezes tive de me expôr ao conceito de homens sem idéas bem definidas.

Após a queda do governo Accioly, por motivo de ordem moral, retrahi-me da política, mantendo, entretanto, relações de cordialidade com o governo Franco Rabello sendo até eleito terceiro Vice Presidente do Estado.

E o meu amor á ordem foi tão manifesto que a despeito da má vontade do partido dominante para commigo, não hesitei em attender o pedido da população desta terra e autorisar que meu nome fosse apresentado para voltar ao cargo de prefeito deste Municipio, naquelle mesmo governo que me era sobremaneira hostil.

Quando em Novembro de mil novecentos e treze (1913) o meu amigo Doutor Flóro Bartholomeu da Costa, actual Deputado Federal por este Estado, o director politico desta terra, de volta ao Rio de Janeiro me informou que os chefes do partido decahido haviam resolvido reunir a Assembléa Estadual aqui, por ser impossivel a reunião em Fortaleza, em virtude da pressão exercida pelo partido governante, e dar-lhe a direcção do movimento reaccionario, com a máior lealdade ponderei em carta reservada ao Coronel Franco Rabello sobre a vantagem da sua renuncia.

E assim procedi porque, sem de nada de mais grave propriamente saber (a não ser da reunião da Assembléa) percebi, pelos precedentes de violencia, do então governo, a possibilidade de uma lucta.

Não sendo porem attendido pelo então Presidente Coronel Franco Rabello, e não podendo este evitar que á sombra do seu nome fóssem commettidos actos de desatinos, entre os quaes barbaros assassinatos e espancamentos, considerei finda a aminha ardua tarefa afastando-me do campo de acção politica, deixando ao mesmo tempo que o Doutor Floro agisse segundo as ordens recebidas, já que não me era possivel poupar esta população laboriosa da triste condição de victima indefesa.

E no período mais agudo da lucta, cujo curso de gravidade já para mim uma surpresa, podem garantir os que a testemunharam aqui, que a minha attitude era lastimar as desastrosas consequencias dos erros politicos e jamais deixei de ser no sentido de evitar violencias.

De maneira que posso affirmar, sem nenhum peso de consciencia, que não fiz revolução, nella não tomei parte, nem para ella concorri, nem tive nem tenho a menor parcella de responsabilidade directa ou indirectamente nos factos ocorridos.

Eleito no biennio do governo Benjamin Barroso primeiro Vice Presidente do Estado, apezar deste rompido politicamente com o Doutor Floro Bartholomeu, sempre elle manteve a maior cordialidade. Não tenho culpa é que por um despeito mal entendido e de ordem politica, houvesse e ainda exista quem me queira tornar por ella responsável.

Estou certo de que quando se fizer, sem paixão, a verdadeira luz sobre estes factos meu nome realçará limpo como sempre fei.

Faço estas declarações, neste documento, para que os que me sobreviverem fiquem scientes (por que perante Deus tenho a minha consciencia tranquila) que neste mundo, durante toda a minha vida, quer como homem, quer como Sacerdote nunca, graças a Deus, commeti um acto de deshonestidade, seja sob que ponto de vista se possa ou queira encarar, nem nunca commemeti, nem alimentei embuste de especie alguma.

Aproveito o ensejo para pedir a todos os moradores desta nossa terra, o Joazeiro, muito especialmente aos romeiros, que depois da minha morte não se retirem daqui nem o abandonem; que continuem domiciliados aqui, no Joazeiro, venerando e amando sempre a Santissima Virgem Mãe de Deus, único remedio de todas as nossas afflicções, auxiliando a manutenção do seu culto e de todas as instituições religiosas que aqui se fundarem e com especial menção a dos Benemeritos Padres Salesianos que serão os meus continuadores nas obras de Caridade que aqui iniciiei.

Insistindo, peço, como sempre aconselhei, que sejam bons e honestos, trabalhadores e crentes, amigos uns dos outros e obedientes e respeitadores ás leis e ás autoridades civis e da Santa Igreja Catholica Apostolica Romana, no seio da qual tão somente pôde haver felicidade e salvação.

Torno extensivo este meu pedido tambem a todos os meus amigos, pessôas de outros Estados e Dioceses, romeiros tambem da Santa Virgem Mãe das Dores, isto é, que continuem a visitar o Joazeiro, em romarias a Santissima Virgem como sempre o fizeram, auxiliando a manutenção de seu culto e das instituições religiosas que aqui fôrem creados e com especial menção, repito, a dos Benemeritos Padres Salesianos que serão aqui no Joazeiro os meus continuadores na Obra de Caridade que emprhendi; e que sejam sempre bons e honestos, trabalhadores e crentes, amigos uns dos outros e obedientes e respeitadores as leis e as autoridades civis e da Santa Igreja Catholica Apostolica Romana, no seio da qual tão somente poderemos encontrar felicidades e salvação.

Estes conselhos, que sempre os dei em minha vida, não me canço de repetil-os aqui, para que depois da minha morte bem gravadas fiquem na lembrança deste povo, cuja felicidade e salvação sempre fôram objecto da minha maior preocupação.

Não tenho ascendentes vivos nem tão pouco descendentes, e assim julgo poder dispôr dos meus bens, que se acham livres e desembaraçados, de accordo com as leis do meu paiz e dee modo por que desejo e como se segue e o faço na plenitude de minhas faculdades e da mais livre e espontanea vontade:

Primeira - Deixo para Ordem dos Padres Salesianos todas as terras que possúo nos sitios Logradouro, Salgadinho, Mochilla, Carás, Pau-Secco que pertenceu ao velho Antonio Felix, neste Municipio; o sitio Conceição na Serra Araripe, Municipio do Crato, onde reside o empregado Casimiro; os terrenos que possúo na serra Araripe e mais o sitio Brejinho ao sopé da mesma serra Araripe do Municipio do mesmo nome; os predios e a Capella em construção na serra do Horto, com todas as suas bemfeitorias; o predio onde funcçiona o açougue publico desta cidade, sitio á Avenida Doutor Floro, antiga Rua-Nova; os predios contiguos a casa de residencia da religiosa Joana Tertulina de Jesus, conhecida por Beata Mocinha, onde tambem resido actualmente, sitios á rua São José; o sitio Faustino, sito no Municipio do Crato; o sitio Paul tambem no Municipio do Crato, porem depois do fallecimento da antiga proprietaria Dona Ermelinda Correia de Macedo, que ainda nelle reside, salvo se antes da sua morte quizer de accordo com os Padres Salesianos ficar morando em outro lugar; o sitio Baixa Dantas, no Municipi do Crato; as fazendas Lettras, Caldeirão e Monte Alto, no Municipio do Cobrobó, no Estado de Pernambuco, com todas as bemfeitorias e gados nellas existentes; o quarteirão de predios, sitios á rua de São Pedro, os quais comprei ao Doutor Floro Bartholomeu da Costa, nesta cidade, inclusive o predio em construcção na mesma rua, contiguo a casa de morada e de negocio do meu amigo Damião Pereira da Silva; a fazenda Juiz, sita no Municipio de Aurora que comprei aos Frades do Convento de São Bento de Quixadá; o predio onde funcçiona o Orphanato Jesus Maria e José, sito á rua São José; o terreno contiguo a este mesmo predio; o predio em construção junto a casa da Beata Mocinha onde resido á mesma rua São José; o sitio Fernandes no Municipio do Crato; o sitio Periphery, no pé de serra de São Pedro, no Municipio do mesmo nome, porem depois da morte da sua então proprietaria Dona Maria Souto, salvo se esta de accordo com os Padres Salesianos quizer morar em outro lugar; os sitios Santa Rosa e Tabóca, no Municipio do Crato; o sitio Rangel, sito no Municipio de Santa-Anna do Cariry, que comprei a Dona Joanna de Araujo, e todas as propriedades com todas as suas bemfeitorias igualmente a estas por mim citadas que possúo ou venha a possuir e que não constam desde testamento, bem como todos gados que possúo por toda parte e que não pertençam a outras pessôas ou herdeiros

estabelecidos nas clausulas deste testamento que ora faço, repito, deixo para os Benemeritos Padres Salesianos. Supplico aos mesmos Padres Salesianos que terminem a construcção da Capella do Horto.

Devo dizer para evitar conceitos inveridicos e suspeitos em torno do meu nome que comecei a construí-la para cumprir um voto que eu e os meus fallecidos collegas e amigos Padres Manoel Felix de Moura, Francisco Rodrigues Monteiro e Antonio Fernandes Tavora, então vigario do Crato, fizemos. Esse voto fizemos quando apavorados com resultados da secca de mil oitocentos e oitenta e nove (1889) receiamos, aliás, com razão justificada que o ano de mil oitocentos e noventa (1890) fosse tambem secco, com o povo desta terra ao Santissimo Coração de Jesus.

E como essa obra não pude terminar, muito a contra gosto, é verdade, tão somente para não desobedecer ás ordens prohibitorias do meu Diocesano, o então Bispo do Ceará, Dão Joaquim Vieira, peço aos Benemeritos Padres Salesianos que concluam esse templo de accordo com a planta que trouxe de Roma e a miniatura em fôlha de flandre que deixo depositada em lugar seguro.

Deixo mais para os Padres Salesianos, a imagem em vulto grande do Senhor Morto que me veio de Lisbôa.

Segunda - Deixo para a Santissima Virgem das Dores desta Matriz de Joazeiro os seguintes bens: o sitio Porteiras onde mora meu encarregado José Ignacio Cordeiro, neste Municipio; o sobrado onde Manoel Salins tem a loja de santos, á rua Padre Cicero; o predio onde funciona a cadeia publica desta cidade, sito á Avenida Doutor Floro, bem como os demais que se seguem contiguamente á mesma rua e na rua Padre Cicero; o predio onde mora Dona Rosa Esmeralda, á rua Padre Cicero, bem como os predios contiguos que foi o Oratorio do Senhor Morto e em que reside a Beata Solidade e mais ainda o terreno murado a este contiguo; o predio onde morou a Beata Isabel da Luz; o predio onde funcionaram as redacções do "O Rebate" e da "Gazeta do Joazeiro", todos á rua Padre Cicero, e os commodos situados ao Consistorio da Matriz onde funciona o Collegio do Doutor Diniz, e mais ainda o sitio Palmeira do Municipio do Ceará-Merim, Estado do Rio Grande do Norte, com vinte braças de largura, sem plantio mas com agua permanente cujo meu encarregado é Pedro Vasconcellos; o sitio Petitinga do Municipio de Touros, do Rio Grande do Norte, com vinte braças de largura, com agua permanente e cerca de duzentos e trinta coqueiros; o sitio Sacco, do mesmo de Touros, com cento e vinte braças de largura, agua permanentemente e com cerca de dois mil pés de côcos entre velhos e novos, também no Rio Grandedo Norte, dos quaes é meu encarregado Alexandre Mauricio de Macêdo.

Declaro mais que esses bens que deixo para Nossa Senhora das Dores, Padroeira desta Matriz, não poderão ser vendidos nem alienados sob que pretexto fôr. E no caso de quem quer que seja encarregado da direcção do Patrimonio de Nossa Senhora das Dores entender de vendel-os ou alienal-os passarão todos esses bens a pertencer a Congregaçãõ dos Salesianos.

Terceira - Deixo para Maria de Jesus (vulgo Babá), para Thereza Maria de Jesus (vulgo Therezinha do Padre), para Beata Jeronyma Bezerra (vulgo Geluca) e Para Maria Eudoxia de Assumpção o predio onde residio e falleceu minha saudosa irmã Angélica Vicencia Romana, sito á rua Padre Cícero, para nelle residirem ou morarem em quanto viverem, sendo que por morte da ultima sobrevivente passará o dito predio a pertencer a Congregaçãõ dos Salesianos.

Entretanto poderão estas mesmas minhas herdeiras durante a vida passar o referido predio aos Padre Salesianos caso entendam e queiram ou entrem em accordo em trocar com os mesmos Padres este mesmo predio por outro onde possam morar, comtanto que por morte da ultima sobrevivente fique o mesmo predio trocado para os Padres Salesianos.

Quarta - Deixo para Nossa Senhora do Perpetuo Socorro d'aqui do Joazeiro, cuja Capella está construída no Cemiterio desta cidade, os seguintes bens: - o sitio Porteiras que pertenceu ao Velho Raymundo

Pinto, sito neste Municipio, á estrada do Crato, e uma importancia em dinheiro conforme vae declarado mais adiante.

Devo declarar que esta Capella de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, que por prohibição do meu superior ainda não foi benta para ser entregue ao culto dos fiéis, fiz construir no Cemiterio publico desta cidade, para cumprir um voto feito pela virtuosa e fallecida Herminia Marques de Gouveia, quando eu tive a morte de uma molestia muito grave.

Nesta Capella fiz sepultar o seu corpo, como ultima recompensa do seu grande esforço, e bem assim os corpos das bôas servas de Deus Maria Joaquina, Maria de Araujo, minha bôa mãe Joaquina Vicencia Romana e minha querida irmã Angelica Vicencia Romana. E desejo e peço que não sejam d'ali retiradas seus restos mortaes e supplico mais que nesta mesma Capella seja sepultado parasempre meu corpo.

Quinta - Deixo para Capellinha de São Miguel nesta cidade, construida no antigo Cemiterio dos variolosos pelo bom servo de Deus Manoel Cégo, sob os meus auspicios, o terreno cercado de arame que possuo no Arisco, conhecido por terreno do Seminário.

Sexta - Deixo para o meu amigo e comPadre Conde Adolpho Van den Brule e seus legitimos herdeiros o sitio Veados, deste Municipio.

Setima - Deixo para a Capellinha de Nossa Senhora do Rosario, no antigo Cemitério desta cidade, sito á Avenida Doutor Floro, antiga Rua Nova, o sitio São José que pertenceu a Gonçallo e sua mulher Dona Anna Rodrigues.

Oitava - Deixo para as duas filhas do meu primo Francisco Belmiro Maia a casa onde residem nesta cidade, á rua Padre Cícero e o sitio Carité, neste Municipio, os quaes bens por morte da ultima passarão a pertencer a Congregação dos Salesianos, salvo se durante a vida quizerem entrar em accordo com os Padres Salesianos para com elles trocarem por outros bens com a mesma condição de por morte de ambas, passarem os bens trocados aos Padres Salesianos.

Nona - Deixo para o meu amigo José Ignacio Cordeiro, pelos bons serviços que me tem prestado, o sitio Arraial, no Municipio de Missão Velha.

Decima - Deixo a casa de Caridade do Crato o sobrado onde residio José Joaquim Telles Marrocos, sito á rua Grande, na cidade do Crato, e a pequena casa encravada nos fundos do mesmo sobrado, á rua da Laranjeira, na mesma cidade.

Decima Primeira - Deixo a minha propriedade a fazenda Coxá encravada nos Municípios de Aurora e Milagres e comprehendendo na mesma área os sitios Coxá propriamente dito, Contendas, Escondido, Taveira e Bandeira com todas as bemfeitorias e com todos os meus direitos nas minas cobre que ditas terras possam conter bem como o sitio Lameiro sito no municipio de Missão Velha para que sejam vendidos e com importancia adquirida pela venda dessas mesmas propriedades sejam pagas as dividas que eu possa deixar quando morrer, as despezas do meu enterramento e os sufragios de minh'alma.

E o que sobrar dessa mesma importancia seja entregue a Maria das Malvas, a Maria de Jesus (vulgo Babá), a Thereza Maria de Jesus (vulgo Therezinha do Padre), a Beata Jeronyma (vulgo Geluca), Maria Eudoxia da Assumpção e a cada uma das duas filhas de meu primo Francisco Belmiro Maia quinhentos mil reis (500\$000) para cada uma e o que sobrar seja entregue a Congregação Salesiana que aqui se fundar para os seus respectivos Padres celebrarem missas por minh'alma e na intensão de Nossa Senhora das Dores e das almas do Purgatorio.

Decima Segunda - Deixo ainda para Maria das Malvas, Maria de Jesus (Babá), Therezinha do Padre, Beata Geluca e Maria Eudoxia de Assumpção, o sitio Barro Branco, neste Municipio, para desfructarem enquanto viverem, o qual por morte da ultima sobrevivente passará a pertencer aos Salesianos.

Decima Terceira - Desejo ser sepultado conforme já disse no começo deste testamento na Capella de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro no

Cemiterio desta cidade e que os meus funeraes sejam feitos com simplicidade, bem como que sejam rezadas pelo eterno repouso de minha alma dôze missas em cada anno durante cinco annos igualmente o mesmo numero de missas durante o mesmo tempo pelas almas do Purgatorio.

Decima Quarta - Deixo mais todos os bens que escaparam de ser citados neste testamento e os que possa adquirir desta occasião até o meu fallecimento, repito, bens moveis, immoveis e semoventes á Congregação dos Padres Salesianos.

Decima Quinta - Nomeio meus testamenteiros os meus amigos Doutor Floro Bartholomeu da Costa, actualmente Deputado Federal por este Estado, o Conde Adolpho Van Den Brule e o Coronel Antonio Lui Alves Pequeno, servindo um no impedimento do outro, na ordem em que se acham collocados.

Os meus referidos testamenteiros terão a posse e a administração da herança na ordem em que se succederem e bem assim perceberão, respeitadas a mesma ordem, dez por cento (10%) em dinheiro sobre toda herança liquida como compensação dos trabalhos testamentarios.

E por tal modo e fórma conclúo este meu testamento que em meu perfeito juizo e de minha livre e espontanea vontade, sem constrangimento nem tão pouco induzido por quem quer que fosse ditei ao meu amigo Luiz Teophilo Machado, segundo Tabellião desta Comarca, e assigno com o meu proprio punho, de accordo com o Codigo Civil Brasileiro em vigor.

E peço a justiça de meu paiz que o cumpram e mandem cumpril-o tão inteiro e fielmente como nelle se contém, declarando mais ficar por este testamento revogado outro qualquer testamento que por ventura existir.

E por tal modo conclúo e termino este meu testamento. Declaro em tempo que por uma resolução por mim tomada neste momento antes de assignar este testamento ficam sem effeito os legados que faço dos sitios Veados e Santo Antonio deste Municipio, cujas doações a quem desejo fazer as realizarei por escriptura publica bem como que não ficarei inhibido de vender os bens que deixo reservados na cláusula decima primeira antes de morrer para satisfação de quaesquer compromissos. Joazeiro 4 de outubro de 1923. Pe Cicero Romao Bapta. (Selado com 1 (uma) estampilha de 20\$000; 3 (três) de 1000 reis e 1 (uma) de 300 reis)".

Saibam quantos este instrumento de auto de aprovação de testamento virem que, no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentos e vinte e tres (1923), aos quatro dias do dez de Outubro, nesta cidade do Joazeiro, Estado do Ceará, em casa de residencia do Reverendissimo Padre Cicero Romão Baptista, onde eu Tabellião vim, e sendo elle ahi presente, que reconheço pelo proprio, que se acha de pé, em seu perfeito juizo e entendimento, segundo o meu parecer e dos testemunhos que presentes estavam e positivamente foram convocados, perante as quaes por elle testador das suas mãos ás minhas me foi dado este papel fechado e cosido, dizendo-me que era seu testamento, que eu mesmo á seu rogo e ditado por elle lh'o fizera, queria que eu lh'o approvasse; o qual papel eu acceitei, e achei com effeito ser o testamento do sobredito testador Reverendissimo Padre Cicero Romão Baptista, escripto em vinte e uma laudas de onze folhas de papel, e não achando em todo elle borrão, risca ou entrelinha, nem cousa que duvida faça, lhe perguntei se aquelle effectivamente era seu testamento e queria que eu o approvasse, na presença das testemunhas abaixo assignadas, a que respondeu que este era o seu testamento e ultima vontade; que tinha por bom, firme e valioso; que por elle revogava outro qualquer; que rogava ás Justiças da Republica lhe dessem cumprimento de justiça; e que era seu desejo que ficasse fechado, cosido e lacrado e que não fosse aberto senão depois de seu fallecimento; e por não ter cousa que duvida fizesse, rubriquei as vinte e uma laudas de papel em que se acha escripto o testamento com o meu appellido de L. Machado, e lh'o approvei e houve por aprovado na fórma da lei, com todas as solennidades de direito, e ficará fechado, cosido e lacrado com sete pingos de lacre, sendo quatro por fóra e

tres no centro. E para constar fiz este auto de aprovação, que assigna elle testador, do que dou fé, sendo testamunhas presentes João Leolegario da Silva, natural do Estado de Pernambuco, negociante; Irineu Olympio de Oliveira, natural da Bahia, agrimensor; Abilio Gomes de Sá, natural do Estado de Pernambuco, negociante; Francisco José de Andrade, natural de Pernambuco, negociante; e José Furtado Landim, natural deste Estado, escrivão da Collectoria Estadual neste Municipio e Comarca, todos residentes nesta cidade, que reconhecem ser o dito testador o proprio, de que dou fé, e assignarão depois de lhes ser lido por mim Tabellião este auto de aprovação. E eu, Luiz Theophilo Machado, segundo Tabellião, o escrevi e assigno em publico e raso.

Em testemunho LM da verdade. O 2º Tabellião Publico Luiz Theophilo Machado. Pe Cicero Romão Bapta

Pela leitura do seu testamento é possível compreender a forma como o Padre Cícero conduzia as suas inúmeras iniciativas no meio do sertão. As incompreensões por partes das autoridades eclesiásticas não foram suficientes para abalarem sua opção pela porção sofrida do povo de Deus.

1.9 Um defensor do meio ambiente

Ao longo da sua trajetória eclesiástica, Padre Cícero desenvolveu, junto aos seus afilhados, um verdadeiro projeto de proteção ao meio ambiente. De modo simples e linguagem acessível, ele aconselhava seus afilhados o cuidado e o zelo para com o planeta, ensinando-lhes práticas de manejos agrícolas menos agressivas. Ele chegou a estabelecer uma série de conselhos ecológicos para orientar o povo:

Não derrube o mato nem mesmo um só pé de pau;-
 Não toque fogo no roçado nem na caatinga
 Não cace mais e deixe os bichos viverem
 Não crie o boi nem o bode soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer
 Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza
 Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva
 Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta
 Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só
 Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca
 Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gato melhorando e o povo terá sempre o que comer
 Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só. (Conselhos Ecológicos do Padre Cícero Romão Batista)

Figura 9 - Xilogravura do Padre Cícero protetor do meio ambiente



No que se refere às questões de ordem ambientais e ecológicas, Padre Cícero Romão se destacava pela forma cuidadosa com que orientava os agricultores no manejo tanto com a flora como com a fauna. Era um homem de profunda inclinação pela agricultura e criação do gado. Isso se dava pelo fato de entender que a libertação daquele povo das mãos dos coronéis seria o trabalho agrícola, mas consociado com a preservação, esse era também um meio de adquirir fundos para ajudar o cinturão de miseráveis que chegavam a Juazeiro:

Tinha sempre grandes roças de mandioca no Araripe. Conservava sempre para os anos secos ou quando precisava de fazer alguma desmancha para o consumo que o barco que sustentava era muito grande. Duzentas quinhentas tarefas de mandioca. Era sempre assim em quantidade. Sucedia quase sempre lucrar uma metade. Até mesmo um quarto dessas mandiocas e outras vezes perdia totalmente pelos bichos principalmente o gado no Araripe e mesmo nas fomes o povo comiam sem indenização e quando alguma sobrava para vender era sempre por menos preço do que outros vendiam, e era sempre assim. Não podia lucrar sem prejuízos. Sempre foi mais feliz no plantio de algodão, por ter sempre homens de mérito à frente, como também no plantio da cana, sempre tinha um resultado, porém notava-se nele sempre o desprendimento, apesar de muito precisar que quase sempre vivia devendo pelo muito gastar, tanto em serviços como dar aos necessitados e sustentar diversas casas de famílias de sua jurisdição. Portanto dinheiro nunca sobrava naquelas mãos por outro lado política era outro verdadeiro sorvedouro de dinheiro a que se via obrigado para a defesa do Joazeiro. Algumas vezes me dizia: “quando é que acabo de

pagar o que eu devo? Só tirando um bilhete da loteria do Rio, de quinhentos contos para ver se assim posso pagar”, o que tirou a vida toda, todos os anos, nunca tirou coisas nenhuma de prêmio. (GUIMARÃES, 2011. p.13)

O apelo do Padre Cícero Romão em favor ao meio ambiente também não teve um respaldo positivo, tanto pela dificuldade que existia por parte da igreja como das lideranças, mais diretamente os coronéis, sobre o porquê da real preocupação de sacerdote com o meio ambiente. É visível em sua prática uma preocupação da Igreja dos nossos dias, e de modo especial do Papa Francisco, na carta encíclica *Laudato Si – sobre o cuidado da casa comum*:

Não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos. É evidente a incoerência de quem luta contra o tráfico de animais em risco de extinção, mas fica completamente indiferente perante o tráfico de pessoas, desinteressa-se dos pobres ou procura destruir outro ser humano de que não gosta. Isto compromete o sentido da luta pelo meio ambiente. Não é por acaso que São Francisco, no cântico onde louva a Deus pelas criaturas, acrescenta o seguinte: «Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor». Tudo está interligado. Por isso, exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade.

Ele inaugura nos sertões nordestinos a prática da proteção ambiental de um modo simples e compreensivo aos olhos dos sertanejos. Pequenas orientações de grandes impactos, sendo pioneiro no processo de conscientização cristã e social como o meio ambiente:

disse que Padre Cícero "pregou em pleno sertão nordestino a palavra que hoje a consciência ambiental a duras penas começa a inscrever na nossa visão de mundo. Muito antes de que se realizasse a I Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo, em 1972, ele teve essa percepção aguda de algo que constitui antes de tudo um interesse legítimo, identificado por quem está próximo da realidade". (artigo publicado no jornal O Globo (19.01.94); Rubens Ricupero)

Esses ensinamentos foram passados de pai para filho, de tal modo que chegaram até os dias de hoje, por meio de uma fiel transmissão da tradição. Comumente, é possível encontrar crianças, adultos e idosos a cantar e entoar versos sobre o cuidado com o meio ambiente com base nas orientações do Padre Cícero Romão:

Quando padim ciço
era vivo
e se pôs a estudar,
com o calor do

Também faça uma
cisterna
para água coletar
e se uma chuva vier,

Nordeste
 ele foi se preocupar,
 muitos preceitos então
 começou a ensinar.

Pediu então ao povo:
 "não derrube pé-de-
 pau,
 deixe a árvore crescer
 e não faça nenhum
 mal.
 Deixe que o pequeno
 mato
 se torne um matagal."

Pediu pra não tocar
 fogo,
 mesmo no grande
 roçado,
 para que na caatinga,
 nada fique queimado,
 e o mato nativo
 pelas cinzas trocado.

Ensinou ao caçador
 pra os bichos não
 matar,
 deixar o animal viver
 e a mata povoar,
 pois são eles que mais
 sabem
 da vegetação zelar.

Não crie seu gado
 solto
 e construa um cercado
 e quando acabar
 deixe-o descansado
 e depois de algum
 tempo
 ficará renovado.

Não plante em cima
 do morro,
 muito menos na serra,
 deixe o mato crescer
 e proteger a terra,
 quem protege a
 natureza
 sabe corrigir quem
 erra.

saiba como a guardar
 e quando vier a seca
 a água vai ajudar.

E a água do riacho
 você tem que represar
 e a cada cem metros
 uma pedra colocar
 e então esse riacho
 no verão não vai
 secar.

Um pé-de-pau todo
 dia,
 cada um tem que
 plantar,
 seja um pé de
 algaroba,
 de caju ou sabiá
 para o sertão algum
 dia
 uma mata se tornar.

Valorize a caatinga
 ela tem seu proveito
 pois sobre algumas
 plantas
 a seca não tem efeito
 para que se aproveite
 faça tudo direito.

Se você é sertanejo
 e a tudo obedecer ,
 a seca vai se acabar,
 não vai precisar temer
 e o tanto de alimentos
 sempre vai
 engrandecer.

Assim disse padim
 ciço,
 para o sertão salvar
 e se isso não for feito
 um deserto vai virar
 e o pobre agricultor,
 não terá onde plantar

1.10 Um Padre político e um político Padre

Padre Cícero Romão foi uma pessoa extremamente julgada, condenada e, até hoje, mal interpretada por muitos, dado o seu envolvimento no movimento político, tanto da região do Cariri, que o teve como prefeito de Juazeiro do Norte, quanto no Estado do Ceará, no qual foi deputado federal e vice-governador.

A crise eclesiástica vivida em Juazeiro do Norte e, simultaneamente, a proclamação da república, foi um tempo de adaptações da sociedade local. Destacamos nesse período a predominância das trocas de favores entre coronéis e governo. O povo tinha como única participação serem vítimas de alianças estabelecidas entre esses mandatários:

O povo por seu lado participava do processo como “parceiro” dos mandatários apenas na hora dos votos. Reprimidos ou bajulados, os pobres camponeses usavam toda sua ignorância em prol das causas que tudo poderiam fazer, menos ajudá-los a se libertarem do jugo da opressão e do espólio, visto que eram os próprios coronéis seu benfeitores (e seus algozes...). Intimamente, porém, este processo se acentuou com o decorrer da República, a população começou a sentir os desconfortos e infortúnios causados pelo novo sistema de coisas. Canudos, primeiro desses movimentos de rebeldia contra o novo regime. Salientava bem a figura da república como marca do fim do mundo. (MEDEIROS. 1989. p. 27)

Figura 10 - Padre Cícero com autoridades políticas do Estado do Ceará



Fonte: acervo histórico da Diocese do Crato

A capacidade de diálogo do Padre Cícero tornou-o um personagem de interlocução em meio aos variados grupos predominantes naquele período, desde os coronéis até os cangaceiros. Soma-se a isso a sua liderança sobre as massas sertanejas e que esses, por vez, eram os principais prejudicados pelas práticas dos grupos existentes. Ele usava dessas capacidades para defender a seus “afilhados”:

Se o real problema, que se apresentava aos coronéis era a ameaça dos populares, o misticismo das massas carentes cultuando o Padre Cícero não lhes provocava nenhum medo, ao contrário, dava-lhes tranquilidade [...]. Por isso mesmo recebeu deles, além da gratidão, o apoio político e o financiamento econômico. Com o passar dos anos, isso serviu para consolidar a sua liderança diante dos romeiros, ao mesmo tempo em que se tornou notória sua ligação com as classes socialmente dominantes, incluindo entre elas as principais autoridades políticas do Estado do Ceará (CAMPOS. 2003 p.34)

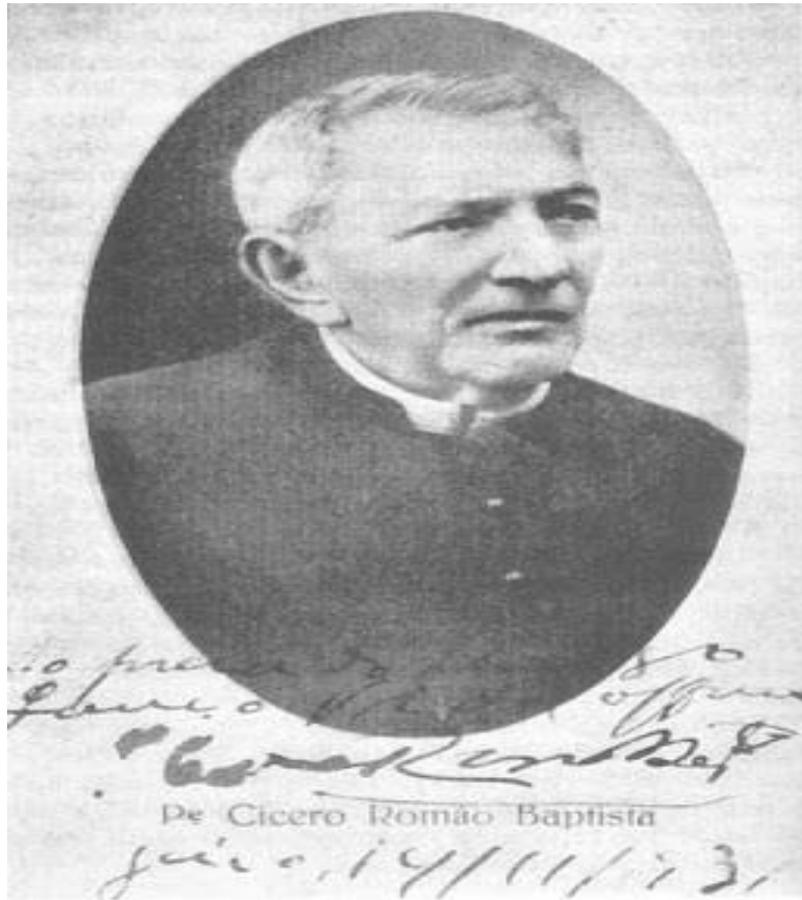
A política para Pe. Cícero Romão foi a alternativa mais viável para levar o desenvolvimento as massas de miseráveis que chegavam a Juazeiro do Norte em busca de proteção espiritual e material. Seus planos e motivações políticas não passavam por pretensões pessoais ou ambiciosas e, sim, de compromisso com aqueles que lhes tinham sido confiados pelo próprio “sagrado coração de Jesus”¹⁵. A função de político, que para muitos era um espaço de corrupção de todos os tipos, para Padre Cícero foi o degrau para ser uma voz e uma presença protetora dos pobres e desvalidos. (CAMPOS, 2003, p.39)

A opção política feita por Padre Cícero Romão foi o meio que encontrou de continuar sua missão de fidelidade a Deus, servindo aos pobres e abandonados que a cada dia só aumentavam. Visto que a igreja o tinha como uma ameaça aos seus domínios e aos dogmas. No entanto, é importante lembrar que, mesmo afastado das funções sacerdotais, ele manteve-se em absoluta fidelidade à igreja e à fé, sendo constantemente um incentivador das famílias que ali estavam para práticas de exercícios cristãos: terço, oratórios e missas conforme as tradições católicas:

Como profundo conhecedor da fé popular, sabia canalizar a resistência do povo via religiosidade popular de um catolicismo devocional e fervoroso a Nosso senhor Jesus Cristo e a Virgem Mãe das Dores. Enfrentou muitos desafios, até mesmo o silêncio e tornou-se um homem exposto à especulação daqueles que o perseguiram, porém em momento algum, negou à Igreja sua Fé. (CARVALHO, 2004, p. 51)

¹⁵ Refere-se à visão que Padre Cícero teve logo que chegou a Juazeiro, onde uma multidão de miseráveis era a ele confiada.

Figura 11 - Fotografia oficial do Padre Cícero Romão como 1º Prefeito de Juazeiro do Norte – Acervo histórico da Diocese do Crato



Por fim, podemos afirmar que Padre Cícero, embora fosse reconhecedor do bem que a política lhe possibilitou realizar em favor do povo, claramente não tinha em seu projeto de vida, um ideal político, como ele abertamente descreve em seu testamento: “nunca desejei ser político”. Ele foi um sacerdote de ação política, sem desejar ser político.

2 JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO UMA ATMOSFERA DA FÉ E ESPAÇO SAGRADO

2.1 Um jeito de ser Igreja em Juazeiro do Norte

Qualquer pessoa que chega a Juazeiro do Norte observa que é uma cidade com uma identidade visual diferenciada das demais cidades. Isso se dá pelo fato de que todos os ambientes, sejam comerciais, públicos, educacionais ou residenciais, são repletos de simbolismos sagrados do catolicismo, seja por meio do nome ou de imagens.

Figura 12 - Imagens típicas nas ruas de Juazeiro do Norte



Fonte: acervo do ator.

Todo ambiente projeta para a elevação do pensamento ao sagrado. É tipicamente comum, nas entradas dos estabelecimentos comerciais, ter uma imagem de Nossa Senhora das Dores ou imagem do Padre Cícero Romão, já as famílias, em sua maioria, independente de classes social, têm entronizados nas residências as

imagens dos sagrados corações e, anualmente, realizam a consagração do lar, isso em orientação ao conselho do Padre Cícero aos que chegavam a Juazeiro do Norte: “Cada casa, ao mesmo tempo, é uma oficina e oratório, no qual se sobressai a forte devoção ao Sagrado Coração de Jesus”. Até hoje, esse é momento solene das famílias da cidade, que o realizam com grande festividade e conta com cardápio de sucos de frutas da época, bolachas e bolos. Isso para acolher parentes, vizinhos e amigos, e tem seu ponto alto na recitação da oração da família:

Glória ao Sagrado Coração de Jesus/ como foi grande a vossa misericórdia/ para com os servos deste lar./ Escolhestes a nossa família/ como herança de amor/ e santuário de reparação/ que vos daremos pela ingratidão dos homens/ confusos, Senhor,/ aceitamos a grande honra. De vos ter como chefe da família./ nos vos adoramos em silêncio./ felizes porque que queres tomar parte/ em nossas alegrias e tristezas / em nossas fadigas e penas./ não somos dignos/ que entreis nessa humilde moradia/ a vossa palavra, porém,/ revelou a bondade do vosso coração. Nossas almas têm sede de vós/ e acham na chaga do vosso lado as águas da Vida Eterna./ por isso, contritos e confiantes,/ vimos entregar-nos a Vós/ vida imortal./ permaneci entre nós/ ó Sagrado Coração/ pois estamos desejosos/ de vos amar e fazer-vos amado/ sois a fornalha ardente/ que, há de abrasar o mundo/ para regenerara-lo/ Seja esta casa para vós/ o refúgio de Betânia,/ onde repousarei/ na companhia de almas dedicadas/ que escolheram como melhor parte a feliz intimidade de Vosso Coração./ Divino Salvador,/ seja essa casa asilo carinhoso/ como foi o Egito/ quando fostes desterrados pelos vossos inimigos./ Vinde Senhor,/ nesta nova Nazaré./ Amamos com profundo amor a Virgem Maria/ a mãe tão terna que vós mesmo nos destes/ não permitais que o mundo perverso/ nos envolva nas trevas dos enganoses./ Só a vós queremos/ porque só vós sois o caminho/ a verdade, e a vida./ Fazei-nos compreender/ as palavras que dirigistes a Zaqueu: “Eu preciso que desde hoje/ me dêis hospedagem em vossa casa de repouso”,/ para que vivamos de vosso amor/ e de vossa companhia./ Nós vos proclamamos nosso Rei./ Não queremos outro, /senão vós tão-somente. / Seja sempre amado, bendito e glorificado neste lar/ ó coração triunfante de Jesus/ Venha a nós o Vosso Reino. Amém.**(Livro de Cantos, Romaria da Esperança, santuário de São Francisco. Juazeiro do Norte-CE. 2007, p.49.)**

Essa descrição não apresenta um jeito de ser Igreja aos moldes da institucionalidade, e sim, denominá-los como catolicismo popular, mas esse é um estilo de vivência e compreensão da fé que diretamente reflete no lado institucional da igreja, tanto no âmbito pastoral, como também no respeito à hierarquia:

Catolicismo popular é uma encanação diversa daquela oficial romana, dentro de um universo simbólico e de uma linguagem e gramática diferente, exatamente aqueles populares. Por isso ele não deve necessariamente ser encarado como desvio em relação ao catolicismo oficial (...). As doutrinas fundamentais, os santos, sacramentos, etc. são recebidas do catolicismo oficial. Este o alimenta permanentemente, confere-lhe ou não legitimidade. Os próprios católicos do catolicismo popular se confessam dentro da Igreja oficial dos clérigos. Por isso não se pode entender o catolicismo popular sem a manutenção da relação dialética com o catolicismo oficial. (BOFF. 1982, p. 142)

Porém, a maior expressão desse catolicismo popular é visível nas pessoas, sejam elas nativas ou romeiras, nos afilhados do “Padim Ciço”, como gostam de ser identificados. Eles até hoje mantêm vivas as orientações e ensinamentos do seu padrinho, no que se refere à vivência correta do ser cristão. São comumente identificados pelo modo de acolhida, pelos símbolos, como o chapéu de palha e o rosário pendurado ao pescoço, ou ainda pelas expressões: “meu padim te abençoe!”, “Filho da Mãe das Dores!”, “Meu padim te proteja!”, “Abaixo dos poderes de Deus minha Mãe das Dores e meu padim Ciço Romão”.

Figura 13 - Coordenação nacional das Comunidades Eclesiais de Base junto à imagem do Padre Cícero



Fonte: acervo do ator.

O ser Igreja, em Juazeiro do Norte, não está vinculado apenas ao templo ou atividades pastorais, é uma realidade marcada pelo fato de que um membro da Igreja passou para o povo um jeito de viver o Evangelho, estilo esse responsável pelo protagonismo desses fiéis. Ressaltamos que essa não foi uma particularidade do Padre Cícero Romão, mas a sua prática, junto à comunidade de Juazeiro do Norte, foi a que resultou mais concretamente, mesmo diante das forças institucionais contrárias da Igreja:

Enquanto as primeiras, de origem leigas, são progressivamente incorporadas à instituição oficial, as segundas não passam às mãos da Igreja; ao contrário sofrem a intolerância e a discriminação da Igreja que, ao não trazê-las para atmosfera de sua proteção oficial, permite que o novo Estado secularizado as extermine (o que se verificou em Canudos,

Contestado e Caldeirão), mas novamente não ocorre em Juazeiro, cuja presença do Padre Cícero, de um lado, coloca a cidade sob a esfera da Igreja oficial e, de outro, devido á sua ligação como os coronéis, torna a cidade uma presença atuante na República Velha em vez de ser por ela exterminada. (BOFF. 1982, p. 142)

O fiel povo de Deus que se reúne em torno de Juazeiro do Norte tem certa autonomia religiosa, consequência de uma orfandade por parte da Igreja institucional, mesmo assim esse povo ama e respeita a Igreja e por inúmeras vezes sofrem por não entenderem o modo de se comunicar da mesma, para com seus filhos.

Durante muito tempo, esse jeito de ser Igreja foi fortemente rebatido pelas autoridades eclesiásticas, poucos religiosos atreviam-se a apoiar tal modelo. Podemos aqui destacar três grandes nomes de defensores desse estilo de igreja: Mons. Murilo de Sá Barreto, Ir. Therezinha Estella Guimarães, ambos falecidos, e também Ir. Annette Dumoulin, religiosa da Congregação das Cônegas de Santo Agostinho, que até hoje desempenha a missão de acolher a nação romeira que chega a Juazeiro do Norte.

Os desafios atuais da Igreja possibilitaram um novo olhar e uma renovada postura para com esses fiéis até então “condenados”. Atualmente, a Igreja local supervalorizou as expressões de fé popular, possibilitando a criação de estruturas que correspondessem a necessidades dos fiéis e até mesmo uma estreita ligação com o Padre Cícero Romão.

Figura 14 - Romeiros na Basílica menor de Nossa Senhora Dores



Fonte: acervo do ator.

A Igreja local reconhece hoje o preciso valor da fé viva do sofrido povo nordestino que continua a chegar a Juazeiro do Norte para viver a sua crença em Deus, na mãe das Dores e no Padre Cícero. Afirma o próprio bispo diocesano do Crato: “a diocese do Crato está tomando consciência de que, em sua missão pastoral, há de se reconciliar com o testemunho de vida do homem e sacerdote Cícero Romão Batista, que como Jesus e seus discípulos, foi e será sempre sinal de contradição”.

A Igreja de Juazeiro tem a cara das necessidades do povo, por isso é comum encontrar pessoas usando trajes dos santos da sua devoção, cruzes nas mãos, terços e escapulários dos mais variados tipos. É uma Igreja em mobilidade, na qual homens e mulheres a todo tempo cruzam o Nordeste para expressarem sua religiosidade. Isso resulta numa Igreja romeira e missionária, graças a seus fiéis.

Todo romeiro é um missionário vivo e atuante, desde o estado permanente de hipnose mística, que o faz vir de longe, como os magos do Oriente, guiados pela miragem do brilho das estrelas, que luzem mais na sua imaginação do que na abóbada celeste, ou daqueles que saem deslumbrados pelo que viram ou ouviram, a contar com a simplicidade, mas com a convicção, aquilo mais os sensibilizaram. É um pregador ambulante, que fala eloquentemente, no seu corpo macerado de privações, nas roupas típicas, no Rosário pendente no pescoço, nas suas conversas sempre em estilo ascético, moral e apocalíptico, com sermões do meu Padim, ou com maldições ou profecias trágicas dos missionários sobre o fim do mundo. (VIEIRA, 1988. p. 1988)

Uma Igreja marcada pelo modelo de uma pastoral de acolhida e da hospitalidade, preocupada em auxiliar tanto espiritual como socialmente. Esse modelo criou nas pessoas o sentimento de disposição para ajudar o outro a viver do melhor modo possível a sua fé, como por exemplo, as famílias que durante os períodos das romarias oferecem água e gelo nas calçadas de suas residências, com o intuito de aliviar a sede e o calor dos romeiros, possibilitando-lhes um auxílio para chegar ao local de sua peregrinação.

A síntese do ser Igreja em Juazeiro do Norte é resumida no bendito popular “Quem matou, não mate mais”, que apresenta todas as orientações de como ser e viver como comunidade Igreja:

Quem matou não mate
mais
Quem roubou não
roube mais
Romeiros de verdade

A fraqueza do
pequeno
É viver na solidão
Unidos somos fortes
No amor no coração

Vive na fraternidade

Jesus Cristo no
calvário
A Deus par se
entregou
Vencendo a maldade
Seu amor ele provou

No exemple de Maria
Que a todos perdoou
Da morte de seu filho
Ela nunca se vingou

Combater a injustiça
É o dever do Cristão
Não é a violência
Que resolve a questão

Viver a fraternidade
É como água no
sertão
Fecunda a semente
Do amor no coração

Ao chegar em
Juazeiro
Tomei a resolução
De seguir os
conselhos
Do Padre Cícero
Romão

Ofereço esse Bendito
A meu Padrinho
conselheiro
Deu a palavra certa
Para saiu do cativoiro

É uma Igreja que não fez uma experiência de “morte”. Esperança e vida são as palavras que animam a caminhada, não há lamentações, só agradecimentos e pedidos. Para eles, o Padre Cícero continua vivo em seu cotidiano, a Mãe das Dores caminha com eles, e o Coração de Jesus está esperando uma iniciativa de desagravo por parte de cada um:

Sabe por que eu gosto do meu padrinho, porque ele fica no sol. Os outros são bem bonzinhos, mas eles ficam na sombra, mas meu padrinho ele sofre no sol, junto à gente (Romeira de Alagoas-SE em conversa informal no Horto de Juazeiro – Romaria de Finados 2014)

Figura 15 - Vista aérea parcial da cidade de Juazeiro do Norte abençoada pela imagem do seu fundador



Fonte: acervo do ator.

2. 2 Todos os caminhos levam a Juazeiro, Juazeiro das romarias

Não se sabe ao certo a origem da expressão “todos os caminhos levam a Juazeiro”; o que podemos afirmar é que ela é cercada de mistérios, mitos e crenças. Na devoção popular, existe uma firme convicção, que todos os quem saem de suas casas para irem aos locais “sagrados” de Juazeiro, têm uma proteção especial ao longo do caminho e não lhes faltará o necessário para chegar e retornar em paz. É comum encontrar fiéis que fazem inúmeros quilômetros para viverem a sua devoção e não levam consigo valor algum, como eles mesmos falam: *“vim a Juazeiro pedir ao meu padrinho uma benção pra tocar a vida, porque ando sem um tostão furado”*.

Eles aproximam as situações da vida ao caminho percorrido durante a viagem, desde o transporte, que em sua maioria utiliza o caminhão de pau-de-arara, que tem como principal característica a vigília, marcada por cantos e orações, ali é proibido dormir, pois é um caminho que prepara e purifica para a chegada:

Bendito e louvado seja
A luz que mais
alumeia.

Valhe-me, meu
padrinho Cícero
E a mãe de Deus das
Candeias.
Valhe-me, meu
padrinho Cícero
E a mãe de Deus das
Candeias.

Porque caminho tão
longe,
E cheio de tanto
arrodeio?
Porque caminho tão
longe,
E cheio de tanto
arrodeio?

Valhe-me, meu
padrinho Cícero
E a mãe de Deus das
Candeias.
Valhe-me, meu
padrinho Cícero
E a mãe de Deus das
Candeias

Os romeiros vem
chegando
E é noite de lua cheia.
Os romeiros vem
chegando
E é noite de lua cheia.

Valhe-me, meu
padrinho Cícero
E a mãe de Deus das
Candeias.
Valhe-me, meu
padrinho Cícero
E a mãe de Deus das
Candeias

Os anjos cantam no
céu e no mar
Canta a sereia.
Os anjos cantam no
céu e no mar
Canta a sereia.

Valhe-me, meu
padrinho Cícero
E a mãe de Deus das
Candeias.

Figura 16 - Caminhão de romeiros chegando a Juazeiro – Acervo virtual da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores



Fonte: acervo do ator.

São caminhos que ao longo dos anos são cruzados por multidão de sertanejos pobres, analfabetos, sofridos, que são guiados pela fé e a alegria. Cheios de uma bravura capaz de superar quaisquer desafios, como descreve o poeta popular Manoel Cabloco, ao descrever o “caminho da fé”:

(...)
 Se reuniam as famílias
 E planejavam primeiro
 Quem desejar
 conhecer
 O Padre de Juazeiro
 Marcava uma data
 certa
 Pra viajar em janeiro.

Trinta ou quarenta
 pessoas
 Tomavam a decisão
 De alpercatas nos pés
 Nas costas um
 matulão
 Viajavam quase um
 mês
 Rompendo pedras e
 areia
 Ao meio-dia

Um dormia outra
 velava
 Um tigre preto na mata
 De quando em vez
 esturrava
 Se o fogo se apagasse
 A onça vinha e
 pegava.

Às quatro da
 madrugada
 Os romeiros se
 assanhavam
 Se levantavam do
 chão
 Um cafezinho tomava
 Jogavam a mala nas
 costas
 Novamente viajavam.

Em cada árvore

almoçavam
 À noite não tinha ceia
 Cantando sempre o
 bendito
 Da mãe de Deus das
 Candeias.

Oh! Que viagem tirana
 Fazia o pobre romeiro
 Meio-dia descansava
 Na sombra de um
 juazeiro
 À noite se agasalhava
 No meio do taboleiro.

Naquela mata
 esquisita

continha
 Uma cruz assinalada
 Comemorando um
 sinal
 Ou uma data marcada
 Muitas ossadas de
 gente
 Se via pelas estradas.

Aqui, ali, uma luz
 Aonde um cristão
 morreu
 No pé da cruz, folhas
 verdes
 Que alguém lhe
 ofereceu
 Como saudosa
 lembrança de quem
 tanto já viveu.

Os caminhos de fé em Juazeiro do Norte compreendem um todo: preparação da viagem, viagem, visitas, despedida, agradecimento no caminho de retorno, chegada em casa e encerra como a promessa de retornar no ano seguinte. Eles fazem do caminho, tanto de ida e como de volta, um canto, como uma espécie de liturgia das horas:

Adeus meu Padrinho
 Cícero
 Que já vou me retirar
 Adeus, adeus Mãe das
 Dores
 Até quando eu voltar

Adeus estátua tão
 linda
 Do Padre Cícero
 Romão
 Adeus Igreja bendita
 Da Virgem da
 conceição

Adeus Igreja dos
 Franciscanos
 Que já vou me retirar
 Adeus até outro dia
 Quando eu vir lhe
 visitar
 Adeus Perpétuo
 Socorro
 Me bote a Santa
 Benção
 Onde sepultaram o
 corpo
 Do Padre Cícero
 Romão

Meu padrinho Cícero
 Romão.

Eu peço a Virgem das
 Dores
 Para ela me mandar
 Um anjo em minha
 companhia
 Até que em casa eu
 chegar

Em cima de um
 caminhão
 Eu já vou me retirar
 Pedindo a Virgem das
 Dores
 Para ela me ajudar

Adeus meu padrinho
 Cícero
 Me abençoe para eu
 ser feliz
 Vai um anjo em nossa
 frente
 Na saída da Matriz

Ofereço esse bendito
 Ao Frade Frei Damião
 As Despedidas dos

Adeus museu sagrado
 Casa santa de Oração
 Adeus cama que
 dormira
 Meu padrinho Cícero
 Romão.

Romeiros
 Do Padre Cícero
 Romão.

Eu peço a Virgem das
 Dores

2.3 Juazeiro dos romeiros e romarias

Seria arriscado afirmarmos o início das romarias ou reais causas e motivações das romarias de Juazeiro. O que pode ser constatado é que a mesma é um fenômeno religioso em meio ao sertão cearense, que reúne pessoas de toda região do nordeste brasileiro.

Figura 17 - Celebração em memória do Padre Cícero realizada no dia 20 de cada mês junto ao túmulo do Padre Cícero Romão.



Fonte: acervo do ator.

É preciso ressaltar que, embora a expressão dessa religiosidade tenha períodos fortes, marcados pelas romarias, durante todo ano é contínuo o círculo de peregrinações dos mais variados grupos.

Quadro 1- Calendário das romarias de Juazeiro do Norte

CALENDÁRIO DAS ROMARIAS DE JUAZEIRO DO NORTE	
Romaria de Nossa Senhora das Candeias	02 de fevereiro
Romaria do Padre Cícero Romão	24 de março
Romaria de Nossa Senhora das Dores	15 de setembro
Romaria de Finados	02 de novembro

Fonte: acervo do ator.

Um fato interessante existente em Juazeiro é de que a nação romeira é composta por dois grupos: um composto de fiéis devotos do Padre Cícero e de Nossa Senhora das Dores, que anualmente visitam Juazeiro do Norte para pagar suas promessas, referente a pedidos e preces da visita anterior, e outro grupo formado também por fiéis devotos, mas que, devido a uma série de situações, são impossibilitados de participar das romarias, mas que por obrigação ao menos uma vez na vida deve visitar Juazeiro do Norte. Podemos constatar isso na expressão de um romeiro ao descrever a cidade como a “Meca dos Nordestinos”:

Eu peço aos mártires
da fé
que agora estão no
Céu
ao lado de Jesus
Cristo
e sua Mãe tão fiel
que ilumine minha
mente
pra decantar em
cordel.

A trajetória seguida
por meu Padim
milagreiro
que nasceu lá no
Crato
pra fazer de Juazeiro
a Méca do Carirí
Terra Santa do
Romeiro.

Méca é a cidade
sagrada
do povo do
ALCORÃO
onde Maomé

recebeu
de Alá uma missão
transformar aquele
povo
em uma única
Nação.

O que houve em
Juazeiro
do Norte no Ceará
tem a mesma
semelhança
com a Méca de Alá
Maomé viu um Anjo
alí
meu Padim viu Deus
por cá.

Quem conhece
Juazeiro
sabe que falo a
verdade
até hoje a presença
de meu Padim na
cidade
é notória pois impera
paz, amor e
liberdade.

Ele o segundo filho
de três que Dona
Quinô
junto com Joaquim
Romão
geraram com muito
amor
respeitando e
seguindo
as Leis de Deus
Criador.

Desde cedo o jovem
Cícero
a sua fé
demonstrava
se alguém o
procurasse
na igreja o
encontrava
e ser Padre era tudo
que Cícero Romão
sonhava.

O senhor Joaquim
Romão
ensinou o filho a ler
sabia que era
importante
a cartilha do ABC
pois sem cultura no
mundo
era difícil viver.

Numa escola
cratense
Cícero foi
matriculado
aos seis anos de
idade
ele era orientado
pelo professor Rufino
que tinha muito
cuidado.

Nas lições que
aplicava
ao menino Cícero
Romão
aritmética, latim,
gramática e religião,
a história do Brasil
e os costumes do
sertão.

E dedicado aos
estudos
Cícero seguia
contente

e o sonho de ser
Padre
não saía de sua
mente
e ao fazer doze anos
jurou decididamente.

Manter sua castidade
e viver imaculado
quando fez
dezesseis anos
deixou então seu
Estado
pra estudar em
Cajazeiras
ele foi matriculado.

Ao chegar na
Paraíba
Cícero se sentia
assim
a vontade e feliz
ao lado do Padre
Rolim
o fundador do
colégio
que tinha o principal
fim.

Orientar o menino
para a sua vocação
de ser Padre e levar
para o povo do
sertão
a palavra do senhor
através de seu
sermão.

O jovem ficou dois
anos
na cidade paraibana
aprendendo os
preceitos
de Deus e da vida
humana
até que uma notícia
triste
chegou da terra
serrana.

O seu pai Joaquim
Romão
tão amado e querido
lá na cidade do Crato
havia então falecido
deixando o jovem
Cícero
triste porém decidido.

Em largar os estudos

que ele tinha tanto
gosto
era o único filho
homem
por isso estava
disposto
em cuidar de sua
família
embora a
contragosto.

quase três anos
afastado
do mundo da
educação
Senhor Joaquim
apareceu
para Cícero numa
visão
após ele ter tomado
outra triste decisão.

De vender então
seus livros
pra quem quisesse
comprar
já que vivia ocupado
sem tempo para
estudar
e o dinheiro era bem-
vindo
pra família alimentar.

Cícero, não
abandone
teus livros e teus
estudos
porque Deus dará
um jeito
e vai tomar conta de
tudo
escute bem meu
conselho
meu filhinho, eu não
te iludo!

Aquele jovem que
tinha
algo de
extraordinário
prosseguiu o seu
estudo
trabalhou feito um
operário
até que conseguiu
ingressar
um dia no Seminário.

Da capital cearense
com apoio de seu

padrinho
de Crisma Antônio
Luiz
que tinha um grande
carinho
Por Cícero que iria
trilhar
um árduo e longo
caminho.

E durante cinco anos
de estudos e
dedicação
no Seminário da
Prainha
fechou o ciclo de
formação
e foi ordenado Padre
o filho de Joaquim
Romão.

Que não teve vida
fácil
pra alcançar seu
objetivo
dois anos antes o
conselho
alegou vários
motivos
para não mais
ordenar
o seminarista
impulsivo.

E por ter ideias
próprias
o seminarista
esquecia
que tudo só
funcionava
respeitando a
hierarquia
mas Cícero era
sincero
a Jesus Cristo e a
Maria.

Dom Luis que era o
Bispo
respeitou suas
fraquezas
dizendo: Cícero é um
Anjo
e disso eu tenho
certeza.
E foi ordenado por
ele
na catedral de
Fortaleza.

E retornando ao
Crato
após um mês de
viagem
no lombo de um
cavalo
levando em sua
bagagem
seu sonho realizado
com amor, fé e
coragem.

Na primeira hora do
dia
em primeiro de
Janeiro
no ano de mil e
oitocentos
e setenta e um, no
terreiro
de casa desmontou
Cícero
"O santo do
Juazeiro".

Na janela de sua
casa
com uma lamparina
na mão
Apareceu Dona
Quinô
para lhe dar a
benção
e Mariquinha e
Angélica
abraçaram seu
irmão.

Nossa Senhora da
Penha
no altar lá da Matriz,
Dona Quinô e as
filhas
Seu padrinho
Antônio Luiz,
o Padre Manuel
Aires
e o povo todo feliz.

Assistiram a primeira
missa que foi
celebrada
por Padre Cícero
Romão
em sua terra
abençoada
e Jesus Cristo
cumpriu
a sua palavra
empenhada.

porque ele tinha um
plano
na vida de meu
Padim
filho de Dona Quinô
e do falecido
Joaquim
afilhado de Antônio
Luiz
aluno do Padre
Rolim.

Ainda em setenta e
um
ele foi solicitado
lá no Sítio em
Juazeiro
um lugarejo afastado
que não tinha
Capelão
fixo para aquele lado.

O povo queria muito
uma missa no Natal
para abençoar a
todos
que vivia no local
e Padre Cícero
aceitou
e partiu para o
Arraial.

Que sabia que o
povo
precisava de um
Pastor
a missa foi um
sucesso
e reconhecido o valor
do Padre que virou
amigo
do povo e fiel
confessor.

Pobre povo que
tentava
sempre sobreviver
procurava uma
sombra
e água para beber
vivia alí oprimido
trabalhando pra
comer.

No período em que a
chuva
caía farta do Céu
enchendo de cereais
o paiol do coronel

que mandava sem
ter nunca
entrado em um
quartel.

O Governo naquela
época
dava o título de
Barão
aos donos dos
cafezais
e plantadores de
algodão
e os donos de muitas
posses
era coronel no
sertão.

Que tinha em seu
comando
a sua própria milícia
que oprimia o povo
com o aval da polícia
eram os jagunços do
homem
que agia com
malícia.

Quando queria
aumentar
o seu pasto ou
plantação
oferecia um preço
irrisório e sem
sermão
expulsava o
sertanejo
que pensasse em
dizer não.

Só restava a esse
povo
pedir a Deus lá no
Céu
livrá-lo da fome e
sêde
e do malvado coronel
responsável por
deixar
seu ex-vizinho a léu.

Enquanto no
Juazeiro
o Padre recém
formado
sob a proteção de
Deus
solícito e dedicado
trabalhando para o
povo

fazendo bons
resultados.

No cultivo e criação
conforme os
procedimentos
o Padre orientava o
povo
com um grande
conhecimento
conciliando o
trabalho
com os Santos
Sacramentos.

Mas um dia o jovem
Padre
sentindo-se muito
enfadado
após uma jornada
dura
e o corpo quase
alquebrado
voltou pra casa
abatido
muito triste e
cansado.

Tomou água e numa
rêde
se deitou pra
descansar
quando teve uma
visão
mas soube bem
precisar
era o Senhor Jesus
Cristo
com os Apóstolos a
falar.

Todos em volta do
Mestre
ouvindo-o
atentamente
lembrava a Santa
Ceia
a visão em sua frente
Jesus reclamava
muito
dos pecados de sua
gente.

Que viviam
desregradas
mas faria um grande
esforço
para salvar o mundo
que estava no fundo
do poço

e ordenou de forma
enérgica
para aquele Padre
tão moço:

Tome conta desse
povo
essa é a minha
vontade!
Padre Cícero vendo
o povo
que passava
necessidade
resolveu ficar de vez
naquela localidade.

Para ele aquela
visão
era de Deus um
presente
e um filho que ama o
pai
tem que ser
obediente
mesmo enfrentando
o perigo
que viria pela frente.

Em pouco tempo
Juazeiro
logo se transformou
em uma Vila tão
próspera
Que jamais alguém
sonhou
e o rebanho do
Padre
de repente
aumentou.

E um dia para o povo
diante da Santa Cruz
aconteceu o Milagre
do Sangue do
Senhor Jesus
na hora da Eucaristia
momento de fé e luz.

Quando a hóstia
Consagrada
em sangue se
transformou
na boca da Beata
Maria
de Araújo, se
espalhou
pelo o mundo a
notícia
que Jesus Cristo
chegou.

Na Vila de Juazeiro
e era um sinal de
perdão
gente de todo lugar
que morava no
sertão
correram pra juazeiro
em busca da
salvação.

Os líderes da Santa
Igreja
descrentes com o
acontecido
suspenderam o
Sacerdote
julgando ter ocorrido
uma mentira, um
embuste
com o Padre
envolvido.

Mas o povo conhecia
o Padre Cícero e
portanto
não abandonou seu
líder
chegando de todo
canto
para apoiar seu
Pastor,
padrinho, amigo e
Santo.

Que jamais
abandonou
o povo do seu sertão
e mesmo estando
impedido
de pregar o Santo
Sermão
não negou jamais a
Deus
não abandonou sua
missão.

Em mil novecentos e
onze
Juazeiro virou cidade
e meu Padim virou
prefeito
porque tinha
qualidade
pra liderar o seu
povo
rumo a
prosperidade.

Naquela época

ninguém
falava em ecologia
Padre Cícero
visionário
para o povo então
dizia
não devaste a
natureza
plante uma árvore,
pedia.

Juazeiro se
transformou
em um Oásis no
sertão
cana de açúcar,
mandioca,
arroz, milho e feijão
dava de tudo na terra
do Padre Cícero
Romão.

Que nunca mais
passou fome
ou outra necessidade
e o Padre Cícero
jamais
deixou aquela cidade
hoje ele está lá no
Horto
vendo a felicidade.

Daquele povo que

um dia
Jesus Cristo lhe
entregou
e é essa a história
do menino que
sonhou
em ser Padre e no
entanto
em santo se
transformou.

Só espero que em
Roma
o Santo Papa reveja
o caso do Padre
Cícero
e faça o que o povo
deseja
ver a imagem do
"PADIM"
no altar de uma
igreja.

Quando eu fui pra
Amazônia
ser soldado fuzileiro
eu jamais abandonei
a minha fé de
romeiro
e viva meu "PADIM
CIRÇO"
o Santo do Juazeiro.

As romarias são todas animadas por uma sequência de rituais que já fazem parte da cultura da “Nação Romeira”. Primeiramente, a modalidade de transporte do Romeiro é o caminhão pau-de-arara, com apenas algumas tábuas para sentar. Naquele transporte é impossível dormir ou coisa parecida, é a forma simples que o romeiro acha de se penitenciar, ele precisa rezar, cantar seus benditos, ficar atento ao que precisa seu irmão de romaria, pois ele está a caminho de um lugar sagrado:

Quando a gente entra no carro, a gente se benze. Quem se benze primeiro é o motorista. A gente canta, se recomenda a Deus: “ó que passada bonita, é a passada do romeiro, que nós vamos visitar a matriz de Juazeiro”. Nossa Senhora das Dores ela é nossa boa mãe que protege seus romeiros de Alagoas. (Romeiro de Alagoas, 45 anos)

Figura 18 - Momento de celebração na frente da capela do Socorro, onde está sepultado Pe. Cícero Romão Batista



Fonte: acervo do ator.

A solidariedade romeira também é parte integrante desse caminho de Fé, muitos desses romeiros precisam fazer até três dias de viagem por estradas de terras, sem quaisquer condições de higiene e, na maioria das vezes, de alimentação. É comum, ao longo da viagem, dividir a comida com quem a sua estragou e até mesmo realizar pequenas cotas para ajudar aqueles que foram apenas com algumas moedas. Lembramos ainda da sensibilidade para com os demais irmãos romeiros, que estão por vir em seguida pelas estradas. O grupo que passa por primeiro prepara o fogareiro e o fogo para as suas refeições e deixa preparados para os grupos vindouros, de modo que facilite para que todos cheguem a Juazeiro:

Quando a gente para o caminhão para fazer a comida, uns vão buscar água, outros as pedras, um fica em cima do caminhão para dar e receber as bagagens dos outros. Muitas vezes, ele fez promessa de fazer penitência na viagem. A gente bota tudo junto, em cima de uma esteira. Depois de comer, a gente não apaga o fogo, mas deixa a lenha que sobrou juntinho das pedras para os outros romeiros que vão chegando depois da gente. **(Depoimento de uma romeira sobre como ajudar o outro na romaria)**

O sentimento de família, todos têm o título de cidadão romeiro, o que gera um ambiente de extrema familiaridade e respeito mútuo. Nos abrigos e pousadas, centenas de mulheres, homens e crianças dividem o mesmo espaço numa ordem moral invejável. Uma situação importante a apresentar, foi o acontecimento de que um grupo de romeiros teve seu caminhão apreendido pela polícia rodoviária federal e em poucos minutos o posto da polícia fora cercado por uma multidão que, pacificamente, sem qualquer ato de violência, ecoou o grito “Solte o romeiro! Solte romeiro!”, vindo o caminhão a ser liberado para continuar a sua romaria:

As romarias em Juazeiro, particularmente no círculo das festas de setembro (Nossa Senhora das Dores), novembro (finados) e fevereiro (romaria de Nossa Senhora das Candeias) deixam emergir os sentimentos mais profundos e arraigados no coração dos romeiros e romeiras. O mistério da comunhão na dor aponta para a comunhão na civilização do amor. (Panico, 2005, p.10)

3 TEMPOS DE ESPERANÇA

3.1 Um novo discurso na Igreja

Grandiosa foi a incompreensão, intolerância e a rejeição para a com a figura do Pe. Cícero, dos romeiros e as suas expressões de fé e vivência da religiosidade. Foram verdadeiros mártires da norma. Um motim por parte da igreja local erguido contra os romeiros.

Essa situação foi modificada lentamente a partir das orientações do Concílio Vaticano II (1962-1965), sendo sequenciada pelas conferências latino-americanas de Medellín (1968) e Puebla (1979), onde se construiu um conceito diferenciado sobre a religiosidade popular e sua significativa importância no processo de evangelização.

Entendemos por religião do povo, religiosidade popular ou piedade popular o conjunto de crenças profundas marcadas por Deus, das atitudes básicas que derivam dessas convicções e as expressões que as manifestam. Trata-se de forma ou da existência cultural que a religião adota em um povo determinado. A religião do povo latino-americano, em sua forma cultural mais característica, é expressão da fé católica. É um catolicismo popular (Conclusões da Conferência do episcopado latino americano – Puebla nº 444)

Esse conceito toma ainda proporções ainda maiores quando é reafirmado no discurso inaugural da conferência de Puebla, quando São João Paulo II destaca o valor da religiosidade popular:

A religiosidade do povo, em seu núcleo, é um acervo de valores que responde com sabedoria cristã às grandes incógnitas da existência. A sapiência popular católica tem uma capacidade de síntese vital; engloba criadoramente o divino e o humano, Cristo e Maria, espírito e corpo, comunhão e instituição, pessoa e comunidade, fé e pátria, inteligência e afeto. Esta sabedoria é um humanismo cristão que afirma radicalmente a dignidade de toda pessoa como filho de Deus, estabelece uma fraternidade fundamental, ensina a encontrar a natureza e a compreender o trabalho e proporciona as razões para a alegria e o humor, mesmo em meio a uma vida dura. Essa sabedoria é também para o povo um princípio de discernimento, um instinto evangélico pelo qual capta espontaneamente quando se serve na Igreja ao Evangelho e quando ele é esvaziado e asfixiado com outros interesses. (João Paulo II – Discurso inaugural III – Conferência do episcopado latino americano – Puebla)

Esses documentos e falas da parte hierárquica da Igreja fazem brilhar sinais de Esperança para aqueles que até então buscaram encontrar seu lugar na comunidade Igreja e não foram acolhidos devido ao seu estilo de viver a fé e a sua crença. “Só agora, após o concílio Vaticano II, nossos olhos se abrem plenamente para identificar as graves falhas causadas pelos princípios, pelas tradições e pelos métodos de formação empregados”. (ALENCAR, 2000 p.28)

3.2 A caminho de uma reabilitação

O assim conhecido famoso “Caso Padre Cícero de Juazeiro”, teve desde as primeiras posições, pareceres negativos por parte da Igreja, inúmeras tentativas de reconciliação e de uma compreensão menos rigorosa da situação. Porém, foram todas inúteis.

O acontecimento do que aqui chamamos caso Beata Maria de Araújo, também conhecido como o milagre de Juazeiro ou milagre da hóstia, foi um divisor de águas na vida sacerdotal do Padre Cícero, visto que até 1889, ano do acontecido “fenômeno”, ele gozava de pleno trânsito junto ao bispo e aos Padres¹⁶.

O caso da beata tomou proporções gigantescas, desde os primeiros grupos de peregrinos que chegavam a Juazeiro para adorar as relíquias do preciosíssimo sangue de Nosso Senhor nos sanguíneos usados para limpar a boca da beata Maria de Araújo, até as correspondências de autoridades eclesiásticas de outras regiões, que de certa forma, souberam ou acompanharam o caso. Podemos destacar a fortíssima intervenção do Cardeal Arco Verde em 1891, por meio de uma correspondência:

Nada li de miraculoso, Exmo. Revmo. Senhor; o que pode haver é o maravilhoso diabólico, e só este, se são verdadeiros e reais os fenômenos narrados no folheto impresso sem autorização competente. Não há nada ali de sério, Senhor Bispo. A tal crucifixão da tal Araújo, a transudação de sangue, e tudo o mais que ela apresenta não passa de um derivativo diabólico ou, o que é também possível, é efeito de uma sugestão do Padre Cícero a essa epilética auxiliada, já se entende, pelo demônio. Esses fenômenos de estigmas em mulheres não são raros e principalmente nas históricas, e por si só não autorizam a dizer-se que são milagrosos, Maria de Araújo acabará doida como se tem dado com outras, e assim terão fim esses desaforos que o demônio tem querido embaixar a simplicidade de

¹⁶ Esta versão do ocorrido tem como referência o relato em carta enviada por Padre Cícero ao então bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, em janeiro de 1890, e que está transcrita no livro *A Terra da Mãe de Deus*, de Luitgarde Barros (1988, p. 190-193).

alguns desacatando o sangue precioso do Nosso Senhor. (JOAQUIM ARCOVERDE, CARTA [s.n] 27 Nov. 1891)

Tantas outras opiniões apontavam sempre mais para uma severa punição ao Padre Cícero e extensiva aos romeiros, claramente apresentada em uma carta circular do bispo de Olinda, Dom Luiz Raimundo da Silva Brito, ao seu clero, divulgada em novembro de 1910, nos jornais Cetama e Correio do Cariri:

Revmo. Sr. Vigário chegando ao nosso conhecimento a confirmação de que, infelizmente, se tem alastrado pelo interior desta diocese a superstição, já pela Santa Sé condenada dos embustes de Juazeiro do Ceará, a qual tem obcecado os espíritos de nossos filhos, que justamente com os habitantes de outros Estados, em constantes romarias não só abandonam suas casas e trabalhos, mas chegam a tal ponto de cegueira que recusam crer e receber se não enganadamente julgam lhe impor o Padre Cícero, que deveria ser o primeiro a lhes ensinar como se acham em erro, dando assim como se acham prova de sua obediência a S. Congregação que condenou seu desvio; somos obrigados a chamar a atenção de V. Revma., encarregando-o em consciência de esclarecer esses pobres iludidos, não consentindo em praticas tão prejudiciais [...]. Outrossim, recomendamos que não aceite para o batismo o nome de Cícero, que é sinal de arraigado fanatismo [...]. V.Revdma. conhece o quanto nos obriga em consciência o decreto da santa sé emanado da Congregação que fiscaliza a pureza da fé, por isso esperamos que será moroso em cumprir com esse dever que lhe apontamos e Deus permita que vossos filhos dóceis a vossa advertência e conselho, ponham termo a estes desmandos [...]. Bem sentido por este triste estado, enviamos à V. Revma e aos seus paroquianos nossa benção pastoral.

Dentro de ordem histórica, o caminho para a reabilitação passa por dois períodos: primeiramente, o que aqui chamaremos de uma luta informal, que não passa pelas mãos das autoridades eclesiais, mas que é conduzida pelo povo, configurando uma “canonização popular” do Padre Cícero Romão, segundo um processo formal conduzido pela Igreja Particular do Crato, na intenção da reabilitação canônica do seu sacerdote.

O sentimento que motiva a nação romeira do Padre Cícero a acreditar fielmente na sua santidade é expresso de forma muito clara em uma canção do Nordeste Luiz Gonzaga.

Olha la no alto do
horto
ele ta vivo Padre não
ta morto
Olha la no alto do
horto
ele ta vivo Padre não
ta morto
viva meu padim viva
meu padim
Cicero Romão viva

meu padim
viva também frei
damião
em todos os anos
setembro novembro
vou ao juazeiro
alegre e contente
cantando na frente
sou mais um romeiro
vou ver meu padim
de bucho cheio ou

barriga vazia
 ele é o meu pai ele é
 o meu santo
 é minha alegria

Olha la no alto do
 horto
 ele ta vivo Padre não
 ta morto
 Olha la no alto do
 horto
 ele ta vivo Padre não
 ta morto
 viva meu padim viva
 meu padim
 Cicero Romão viva
 meu padim
 viva tambem frei
 damião
 em todos os anos

setembro novembro
 vou ao juazeiro
 alegre e contente
 cantando na frente
 sou mais um romeiro
 vou ver meu padim
 de bucho cheio ou
 barriga vazia
 ele é o meu pai ele é
 o meu santo
 é minha alegria
 Olha la no alto do
 horto
 ele ta vivo Padre não
 ta morto
 Olha la no alto do
 horto
 ele ta vivo Padre não
 ta morto

As precárias condições de vida do povo nordestino por muitos anos provocaram a redução da perspectiva de vida daquele povo, por isso o apadrinhamento é, até os dias de hoje, uma prática muito comum. É uma medida para que ninguém fique na orfandade, tanto econômica como religiosa. O estilo de acolhida, aconselhamento e apoio do Padre Cícero fez com que os romeiros o compreendessem como uma referência insubstituível. Eles têm plena convicção de que o Padrinho é uma figura que se mudou para outro lugar e de lá continua a olhar para os seus afilhados.

A perseverança da nação romeira, mesmo diante dos interditos por parte da igreja, foi e é a maior expressão do desejo que o povo tem que a Igreja eleve o Padre Cícero à glória dos altares. Nota-se que diante de todos os impedimentos, as romarias e festas religiosas cada vez mais têm aumentado, com romeiros provenientes de todas as partes do Nordeste brasileiro.

Quanto mais crescia a perseguição da Igreja, mais o povo defendia o seu "padim". Não podendo mais confessar e pregar, ele passou a apadrinhar todas as crianças que eram batizadas e tornou-se padrinho de todos. Pessoas importantes e ricas do Crato e da região do Cariri afastaram-se de Padre Cícero por causa da campanha dirigida pelo bispo. Mas milhares de migrantes vindos dos estados mais pobres do Nordeste, especialmente Alagoas, passavam a defendê-lo e amá-lo. E o Padre Cícero, homem ativo e dedicado que já não podia exercer seu ministério, passou a ocupar-se com a vida do povo, sua situação econômica, sua sobrevivência, a formação escolar e profissional, o progresso do lugar. As tensões entre antigos habitantes da terra e os recém-chegados eram fortes e Padre Cícero teve de se fazer pacificador. Foi durante essa época que Padre Cícero começou a tronar-se o Patriarca do Nordeste. De todas as partes, o povo vinha para pedir-lhe conselho. Ele tinha fama de saber resolver todos

os conflitos, de saber remédio para as doenças e até fama de ser casamenteiro. (COMBLIN, 2011, p. 23-24)

Paralelo a esse movimento popular, de luta pela reabilitação e continuidade da luta em favor dos pobres sertanejos, iniciada pelo Padre Cícero, surgiram também fortes opositores pertencentes ao clero local, que tinha por objetivos criar uma mentalidade de aversão à figura do Padre Cícero e seus romeiros nas futuras gerações de sacerdotes, e outro era o de apresentá-lo como “herege, cismático, contumaz e embusteiro”, assim o Padre Cícero, em 1956, foi apresentado em um panfleto distribuído em toda região do Cariri, editado em uma tipografia do Crato.

Chamaremos aqui, de tentativa eclesial formal de reabilitação do Padre Cícero, a iniciativa do Arcebispo da Arquidiocese de Fortaleza, Dom José de Medeiros Delgado, que inicia o movimento pró-reabilitação. Dom Delgado compreendeu perfeitamente o sonho pastoral que durante toda a sua vida buscou concretizar o Pe. Cícero em meio aos pobres, compreensão essa que o levou a escrever o livro “Mártir da Disciplina”, autorizou a publicação do livro do Monsenhor Azarias Sobreira “O Patriarca de Juazeiro” (1969, aprovado em 1968) e levou à discussão do caso Padre Cícero para os debates universitários. Dom Delgado, de fato, desafiou a todos os episcopos e clérigos, que de modo algum, acreditavam na figura do Pe. Cícero. Escreve ele, em uma das suas cartas sobre o caso, a ideia de que Cícero é um verdadeiro mártir:

Tenho Padre Cícero como mártir e sua vida como martírio. O melhor ainda não foi dito. Padre Cícero teve da santidade ideia bem clara e suspirou por ela. Só da união imediata e pessoal com Deus, ele podia vir. Não há santidade fora daí, por isso ele poderia subsistir até o fim aos tormentos a que o submeteu, a visão mística tradicional... Comparando a minha vida com a do Padre Cícero, pergunto para mim mesmo quem de nós será maior diante de Deus. Reconheço-me muito inferior a ele. Admiro-o sinceramente. Já se passaram trinta e quatro anos depois do seu falecimento. Já era tempo de fazer-se uma revisão de sua vida, a fim de podermos pesar-lhe os reais merecimentos. (DOM JOSÉ DELGADO, CARTA, [s.n.] 20 jul. 1968)

A posição de Dom Delgado lhe custou a antipatia por parte do bispo diocesano do Crato e de seus presbíteros, ao ponto de lhe negarem o pedido de celebrar em Juazeiro do Norte junto aos romeiros.

No duro caminho rumo à possível reabilitação, a figura do Mons. Murilo de Sá Barreto é de extrema importância para o fortalecimento desse percurso, dada a sua função de pároco do Juazeiro do Norte e, assim como Padre Cícero, teve a dinamicidade de pastorear romarias proibidas e orientar o Povo de Deus, ao passo

de apresentar em Roma, ao Papa João Paulo II, em outubro de 1998, sua preocupação e o desejo de bem acolher essa nação romeira.

Figura 19 - Monsenhor Murilo de Sá Barreto – Acervo da virtual – Blog Mons. Murilo



Fonte: acervo do ator.

Em prol dessa reabilitação, une-se o Cardeal Dom Aloísio Lorscheider, que sempre ao pronunciar-se sobre o caso Padre Cícero, levantava o questionamento: “precisa ser explicado o porquê que onde se fala no Padre no Cícero o povo acorre”.

A pontual decisão para abertura de um processo canônico que realmente possibilitasse a reabilitação do Padre Cícero, e assim a possibilidade de iniciar as fases necessárias para um processo de canonização dentro das normas canônicas da Igreja, veio apenas no ano de 2002, por parte do Bispo diocesano do Crato Dom Fernando Paníco, que autorizou a abertura dos arquivos do caso Padre Cícero para um estudo crítico e instalou uma comissão de estudo, seguindo também a orientação da Congregação da Doutrina da Fé, sobre a importância de reabrir o arquivo diocesano do caso Padre Cícero Romão Batista. No mesmo, por ocasião da visita dos bispos do Regional Ceará, o bispo diocesano apresentou a citada congregação algumas perguntas sobre um real posicionamento da parte da Igreja frente a tal fenômeno. Posteriormente, o próprio Dom Fernando apresentou a

comunidade local o posicionamento da Congregação da Doutrina da Fé sobre a situação:

A função do Papa, a missão do Papa na Igreja é aquela de confirmar os irmãos na fé. E eu trago para vocês essa confirmação na nossa fé. No dia 22 de outubro estava agendada a visita dos bispos do Ceará na Congregação da Doutrina da Fé, o famoso ex-Santo Ofício, aquele discatério da Cúria Romana que zela pela ortodoxia da fé, que zela pela pureza da Fé na expressão da comunicação escrita e falada, e zela também pelas manifestações da fé autêntica na nossa Igreja Católica, coube a mim fazer aquela saudação inicial ao cardeal prefeito da congregação da doutrina da fé, cardeal Joseph Ratzinger. Já tinha preparado o texto expondo para o cardeal as nossas perguntas, as perguntas dos bispos e que diante dessas perguntas gostaríamos de receber também uma orientação da parte da congregação da doutrina da fé. Nessas perguntas uma delas visava obter um posicionamento mais claro da parte da Santa Sé e, especificamente, da parte da Congregação da Doutrina da Fé sobre o caso Pe. Cícero Romão Batista. O assunto não era novo para Congregação da Doutrina da Fé, uma vez que saiu de lá, de Roma, deste dicastério, o pedido para que, se fosse oportuno, a juízo do bispo diocesano do Crato, fossem reabertos os arquivos da diocese que se referem à questão do Padre Cícero.

Depois da minha apresentação, como falei, o secretário da Congregação da Doutrina da Fé, Dom Tarcísio Bertoni, arcebispo salesiano, ele cochichou no ao cardeal Ratzinger: “Eminência, esse Padre Cícero é aquele sacerdote brasileiro, que já falamos, lembra?” O cardeal confirmou com a cabeça, como para dizer “estou lembrando, estou ciente do que está falando” e a resposta concreta que foi dada à minha pergunta sobre os passos a serem dados pela diocese do Crato em mérito a esses estudos sobre o Padre Cícero, a resposta foi clara. Uma resposta que até me surpreendeu pela concordância com os encaminhamentos que a própria comissão local aqui, do Crato, a comissão de estudiosos e os Padres da diocese do Crato na última reunião celebrada no mês de setembro entre essa comissão e os Padres da diocese, uma concordância surpreendente que revela como o Espírito Santo existe mesmo e age na Igreja. Eu não havia antecipado nada para a Congregação da Doutrina da Fé sobre os resultados dos trabalhos da reunião de setembro entre a comissão de estudiosos e os Padres, mas fiquei surpreso quando ouvi da própria boca do Cardeal Ratzinger esta definição: aqui estamos em frente a dois pontos que devem ser tratados de uma maneira digamos, em conjunto, mas separadamente. Por enquanto a primeira preocupação nossa deve ser com o reconhecimento oficial da parte da Santa Sé das romarias que acontecem em Juazeiro do Norte. Finalmente então chegamos a um ponto histórico eu diria, quando este movimento dos romeiros e romeiras que chegam aqui em Juazeiro é finalmente valorizado e reconhecido como autêntica expressão de Fé Católica. Por tanto esta palavra que o Cardeal Ratzinger nos deu é uma palavra enfim que vem dissipar qualquer dúvida a respeito da autenticidade das romarias. É uma palavra dada com autoridade de quem a Igreja deve zelar pela ortodoxia da fé, uma palavra clara que tira qualquer suspeita, qualquer pensamento negativo ou hostil em relação às romarias e à fé dos romeiros. Não acham que é um grande passo este? Um passo que apela para a reconciliação da nossa Igreja diocesana com o fenômeno das romarias. E esta reconciliação humilde, sincera, se abre para outras formas também de reconciliação com a história de Juazeiro e com a história do Padre Cícero e com a Igreja do Padre Cícero para com este seu sacerdote” (Entrevista coletiva cedida à imprensa em Juazeiro do Norte, em 08.11.2002)

Figura 20 - Encontro de Bispo Diocesano do Crato Dom Fernando Paníco com Papa Bento XVI tratando sobre o caso de Juazeiro do Norte – Acervo da Diocese do Crato



Fonte: acervo do ator.

Por último, uma visita do Cardeal Dom João Aviz Braz, criou esperanças e expectativas positivas no coração da Nação Romeira, que foi estreitada pelo seu gesto para com um jovem que se aproximou do cardeal e lhe ofereceu uma pequena imagem artesanal, de madeira, do Padre Cícero. O cardeal beijou a estatueta, agradeceu o presente e, ainda durante sua visita, afirmou que a devoção ao Pe. Cícero estimula muitas pessoas a estarem próximas de Deus.

Figura 21 - Cardeal João Braz Aviz junto ao túmulo do Padre Cícero Romão Batista – acervo pessoal



Fonte: acervo do ator.

Por fim, concluímos que o mais importante está na compreensão que a nação romeira tem sobre a reabilitação e a canonização. Esse desejo sai da boca dos romeiros quase como um clamor dos mais diversos modos, entre eles está o do cordelista romeiro Exedito Sebastião da Silva - A opinião dos romeiros sobre a canonização do Pe. Cícero pela Igreja.

No dia 8 de julho
Do ano setenta e
três
A Igreja Brasileira
Decidiu por sua
vez
Aqui em nossa
nação
Do Padre Cícero
Romão
A canonização
fez

Realizou-se em
Brasília
Essa canonização
Sendo que do
Santo Papa
Não houve
autorização
Por aí o leitor veja
Foi à nossa santa
igreja
A maior
profanação

Quinhentos e
onze Padres
No momento se
acharam
Também trinta e
quatro bispos
Ali se
apresentaram
E de jornais e
revistas
Centenas de
jornalistas
O ato
presenciaram

Romeiros da mãe
de Deus
Essa canonização
Que a Igreja
Brasileira
Fez, não tem
efeito não
É uma trama
ilusória
Que fere a santa
memória
Do Padre Cícero
Romão

Pois a Igreja
Católica

Apostólica
Romana
Por ser fundada
por Cristo
Tem a ordem
soberana
De canonizar na
terra
Outra assim
fazendo erra
E a boa fé
engana

Mesmo o nosso
Padre Cícero
A luz brilhante do
norte
Como um fiel
pastor
Foi um baluarte
forte
Da Santa Mãe
Soberana
E a Igreja
Romana
Defendeu até a
morte

Deixou no seu
testamento
Com toda
realidade
Assinada por seu
punho
Como cunho da
verdade
A prova como um
diploma
Pra com a igreja
de Roma
A sua fidelidade

O nome do Padre
Cícero
Ninguém jamais
manchará
Porque a fé dos
romeiros
Viva permanecerá
Pois nos
corações dos
seus
Foi ele um santo
de Deus
É e pra sempre
será

E portanto o
Padre Cícero
Sempre foi
santificado
Pelos seus fiéis
romeiros
De quem é
bastante amado
Finalmente é uma
asneira
A Igreja Brasileira
Fazê-lo
canonizado

Essa canonização
Feita, num
sistema inculto
Os romeiros
consideram
Como um
verdadeiro insulto
Que a todo
mundo engana
E com cinismo
profana
Um admirável
vulto

Creio se o Padre
Cícero
Vivo estivesse
com nós
Seria ele o
primeiro
A opor-se em alta
voz
De forma alguma
queria
Por completo
repelia
Essa farsa de
algoz

Pois ele nos seus
sermões
dizia com
paciência:
A Santa Igreja
Romana
De Deus é a pura
essência
Não devemos
desprezá-la
Portanto vamos
amá-la
Fiéis com
obediência

- Sem a Igreja
Católica
Apostólica
Romana
Ninguém pode se
salvar
Porque a alma é
profana
Por ser a religião
Que conduz todo
cristão
Para a corte
soberana

Aí se vê
claramente
A grande
veneração
E o respeito que
tinha
O Padre Cícero
Romão
Pela igreja de
Cristo
Que proveniente
a isto
Sofrera
perseguição

O Padre Cícero
com vida
Honrou a sua
batina
E à igreja de
Cristo
Tinha obediência
fina
Não dava
nenhum conceito
Quem faltasse o
respeito
Pra com a santa
doutrina

Como é que
certos Padres
Não conheceram
direito
O Padre Cícero
de perto
Procuram com
desrespeito
Canonizá-lo por
conta?
É à Igreja uma
afronta
Ou um rebelde
despeito?

Pois a Igreja
Romana
De forma
nenhuma aprova
Essa canonização
Feita nesta igreja
nova
Se eles estão a
pensar
Que fácil vão nos
laçar
Nos laçarão uma
ova!

Ele dizia: O diabo
todos os dias
peleja
Para pegar os
cristãos
Pois é o que mais
deseja
Muitos poderão
cair
Se por acaso ele
vir
Laçando pela
igreja

Mas estamos
preparados
Conosco ninguém
embroma
Porque é o Padre
Cícero
Do romeiro e
ninguém toma
Que espera
conformado
Pra vê-lo
canonizado
Por nosso Papa
de Roma

Já ouvi alguém
dizer
O Padre Cícero
merece
Ser enfim
canonizado
Já que o Papa se
esquece
Proveniente a
demora
Vem outra igreja
de fora
E o seu valor
reconhece

Mas a Igreja
Romana
Primeiramente
precisa
Fazer sobre o
indicado
Uma severa
pesquisa
Depois de colher
com jeito
Todos os dados
direitos
É que ela
canoniza

Não é só meter a
cara
Como quem vai
fazer guerra
E ludibriar a fé
Dos cristãos aqui
na terra
Assim era ser
profana...
Pois a Igreja
Romana
De forma
nenhuma erra

Aqui não estou
falando
Contra a
canonização
De que é
merecedor
O Padre Cícero
Romão
Minha pena aqui
acusa
A quem dele o
nome usa
Fazendo
profanação

Acho grande
hipocrisia
E desaforo
daquele
Que somente por
ouvir
Muito falar sobre
ele
Quer ao povo se
unir
Para bem alto
subir
Na sombra do
nome dele

Sabem que o
Padre Cícero
O santo de
Juazeiro
Tem romeiros
espalhados
Por este Brasil
inteiro
Então canonizam
ele
Pra fazer do
nome dele
Uma chama de
dinheiro

Lá no céu o
Padre Cícero
Não pode estar
satisfeito
Vendo o seu
santo nome
Maculado desse
jeito
E ainda depois
disso
Vendo a igreja de
Cristo
Sem o devido
respeito

Mas ele apesar
de tudo
Usará de
complacência
Pedirá penalizado
À Divina
Providência
Pro castigo
revogar
E com amor
perdoar
Essa
desobediência

Aqui nós do
Padre Cícero
E da Virgem
padroeira
Não estamos de
acordo

Com a Igreja
Brasileira
O nosso Padre
estimado
Queremos
canonizado
Não assim dessa
maneira

Sua canonização
Nós desejamos
que seja
Feita pelo Santo
Papa
Da forma qu'ele
festeja
Mandar então
colocá-lo
No altar de toda
igreja

Todos seus fiéis
romeiros
Que com fé o
amam tanto
Num quadro tem
ele em casa
No mais
destacado canto
Pra quem chegar
ali veja
Que só falta à
Santa Igreja
Declará-lo como
santo

Esperamos que o
Papa
Antes que nos
venha a morte
Canonize o Padre
Cícero
E brade numa voz
forte:
"EU DECLARO
FERVOROSO
SANTO CÍCERO
MILAGROSO
DE JUAZEIRO
DO NORTE"

Figura 22 - Dom Fernando Panico, Cardeal João Braz Aviz, juntamente com uma romeira na frente da Capela do Socorro



Fonte: acervo do autor

CONCLUSÃO

Desde o primeiro momento em que nos predispomos a estudar a Religiosidade Popular expressa em torno da figura do Padre Cícero Romão Batista, uma verdadeira avalanche de perguntas, tanto internas como externas, surgiram: Porque estudar um desabilitado da Igreja? Um Padre com características políticas tão fortes? Considerado um aproveitador? Tido como um embusteiro por parte de alguns dos seus bispos? Simultaneamente, as respostas foram fluindo: um homem que amou os pobres, reconstruiu a Igreja ao seu entorno, combateu a violência, facilitou a compreensão da doutrina para o “povão” por meio de práticas simples do cotidiano. As tantas respostas positivas abafaram as poucas perguntas negativas.

Um dos elementos que nos motivou ampliar a presente reflexão, foi a figura do Papa Francisco, que com o seu perfil, ajuda diretamente uma evangélica leitura do “Padim Ciço” e da sua situação com a Igreja Católica Romana. Adentramos agora o universo que ora chamamos de *“as voltas que o mundo dá”*, contradições e mito à parte, mas simultaneamente a isso, vale lembrar a típica expressão da religiosidade do povo nordestino: *“nosso Deus escreve sempre certo, algumas vezes por linhas tortas”*.

Podemos dizer que as voltas que o mundo dá colocaram em linha de encontro, mais de um século depois, aspectos da Ação Pastoral do Padre Cícero Romão Batista com os princípios de como deve ser a Igreja e como devem se comportar os seus pastores, orientados pelo Papa Francisco: uma igreja voltada aos pobres e ao respeito à natureza, com prevalência da humildade do sacerdote, e não das distinções medievais da estética e da hierarquia eclesiástica.

“No que se refere à figura do papado é possível ainda abrir um parêntese, sobre a esperança das massas nordestinas, no que diz respeito ao papa, dado que o mesmo povo tem um grande conhecimento e experiência de fé e caminhada com a figura de São Francisco do Canidé”. O que causa uma aproximação e uma esperança no povo em ter seus pedidos atendidos.

Em tempos em que a Igreja luta para construir uma imagem de ser uma presença no meio das massas, principalmente junto aos mais simples, a

figura do Padre Cícero torna-se uma referência, tanto para reaproximação com o povo, como um estilo de ser Igreja que ama e acolhe.

O “estilo pastoral” do líder religioso brasileiro pela causa dos pobres é um ponto de sensibilização para toda Igreja. Assim, torna-se impossível abrir de tal paradigma para nossa ação eclesial.

Um homem de uma espiritualidade e mística a ser seguida. Nota-se que, décadas depois de sua morte, continua a arrastar uma verdadeira nação de peregrinos que continua fielmente a seguir seus conselhos. A sua figura consegue transmitir ao povo uma “Teologia Popular”.

Ao olharmos a figura do Pe. Cícero Romão Batista é possível afirmar que a devoção em torno da sua pessoa acontece anterior ao milagre da hóstia ocorrido com a Beata Maria de Araújo. Um sacerdote residente no meio de um imenso sertão, distante quilômetros das autoridades eclesiásticas e em um tempo que a conduta moral do clero era profundamente marcada por práticas imorais. Frente a esse estarrecedor cenário de vida dos clérigos, emerge um presbítero virtuoso, não só em sua conduta pessoal, mas um modificador do comportamento de um povo, não apenas por meio de uma catequese, e sim pelo seu relacionamento. Se por um lado é impossível mensurar o “estilo sacerdotal” do Pe. Cícero, por outro é possível afirmar que somente uma pessoa de grande cultivo pessoal e pastoral teria habilidades suficientes para conduzir as luzes e sombras que surgiram ao longo da sua história. Esse perfil do Padre Cícero faz nascer, simultaneamente, sua liderança e santificação.

Um sacerdote que apresenta um modelo de uma “missão continuada”, missão essa dotada da capacidade de dialogar e interagir com as mais diversas estruturas e pessoas envolvidas.

No meio de tantas buscas por parte da Teologia e da Ciência da Religião, objetivando descobrir uma fórmula para congregar em uma convivência saudável às religiões e seitas, a imagem do Padre Cícero apresenta-se como um caminho, como um modelo com que há tempos se sonha: um “modelo de diálogo”, que se preocupa com o todo (homem e meio ambiente).

Um homem que é a via do diálogo com Estado, sociedade, culturas e ciências para garantir o desenvolvimento pleno do Ser Humano. Hoje, ele inspira a igreja instituição a se abrir ao diálogo e à comunicação, a mesma

instituição, que por ausência de um diálogo, condenou ao Padre Cícero e a tantos irmãos.

Padre Cícero é o terreno para busca da pluralidade, dentro e fora das estruturas religiosas, é o modelo de diálogo que supera o tempo. Somos iluminados pelo modelo de diálogo do Padre Cícero Romão Batista, a Igreja é convocada a um compromisso ecumênico: *“devemos sempre lembrar que somos peregrinos e peregrinamos juntos. Para isso, devemos abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças”*, afirma o Papa, na Exortação Apostólica Alegria do Evangelho. Ressalta ainda a expressão bíblica, *“transformaram as suas espadas em relhas de arado”* (Is 2, 4).

O Padre Cícero é um líder político e religioso e por ser líder, encontra espaço nas mais diversas estruturas, organizações e grupos. É venerado por sua atitude de líder que “faz o bem e o faz bem” e fazer o bem não é domínio da Teologia, Igreja ou de um grupo. Ele é o líder do extraordinário no ordinário desse chão, desse sofrido sertão. Dessa forma, espera-se que religiões, homens e mulheres de Boa Vontade, repitam as suas atitudes heróicas em favor da Vida e da Dignidade humana.

Pensemos e sonhemos assim, continuemos nos passos do “Padim”, na certeza de colaborar com o protagonismo dos irmãos mais pobres e sofredores de nossos dias.

Durante a finalização do presente trabalho, aconteceu por parte da Santa Sé, através de uma carta da parte do Papa Francisco assinada pelo cardeal Pietro Parolin. Trata-se de uma evangélica atenção ao caso Padre Cícero e aos romeiros, onde o sacerdote é apresentado como uma figura indispensável para Nova Evangelização e coloca em evidência os aspectos positivos da sua vida, sua fé simples em sintonia com o povo, sua defesa a moral cristã. Ressaltou também, a grandeza da devoção simples do sertanejo, apresentando o universo romeiro como um programa de evangelização e, por fim, uma saudação e benção ao sertão cearense. O marco final deste trabalho é que tudo que aqui foi de modo simples descrito, agora é respaldado pelas palavras do Papa Francisco.

A maior conclusão, que é de suma importância, é a mesma que a experiência e a sabedoria popular concluiu ao longo de décadas sobre o fenômeno da fé que ocorre em Juazeiro do Norte, afirmado também pelo papa,

é que o estilo e atitudes de acolher os mais pobres e sofredores, ajudar, abençoar, é um sinal importante e atual para a nova evangelização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Glauber Pinheiro. *Romeiros no chão sagrado*. Fortaleza: Premium, 2013.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. *Juazeiro do Padre Cícero: A terra da Mãe de Deus*. 3.ed. Fortaleza: IMEPH, 2014.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. 3.impr. São Paulo: Paulus, 2004.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. *Padre Cícero: Sociologia de um Padre, antropologia de um santo*. Bauru: Educs, 2008.

CARTA ENCÍCLICA – Laudato si – louvado sejas – sobre o cuidado da casa comum. Coleção Documentos do Magistério. São Paulo: Paulus, - 2015

CAVA, Ralph Della. *Milagre de Joaseiro*. Traduzido por Maria Yedda Linhares. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FEITOSA, Neri. *Padre Cícero e Juazeiro: Textos reunidos*. Fortaleza: IMEPH, 2011.

_____. *Padre Cícero: vítima do autoritarismo*. Aparecida - SP: Santuário, 1986.

GUIMARÃES, Fausto da Costa. *Memórias de um romeiro*. Fortaleza: IMEPH, 2011.

LIRA NETO. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MACHADO, Paulo. *A marcha da insurreição: Joaseiro de Cariry 1907-1911*. Salto, SP: Schoba, 2011.

MEDEIROS, Daniel H. de. *Padre Cícero: o santo do povo?* São Paulo: Editora do Brasil, 1989.

PAZ, Renata Marinho. *Para onde sopra o vento: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: IMEPH, 2011.

PUEBLA: Conclusões. 10.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1982

ANEXOS



Excelência Reverendíssima
Dom FERNANDO PANICO
Bispo Diocesano de Crato

Ocorre hoje mesmo o centenário da criação dessa amada Diocese, que a mesma quis comemorar com um inteiro Ano Jubilar. Em uma atitude de ação de graças, procurou vivenciar o caminho histórico que, através das vicissitudes humanas, traçou a vida dessa Igreja particular, na busca da fidelidade ao Depósito sempre atual da Fé e, ao mesmo tempo, vivendo o dinamismo missionário da evangelização, que deve ser dirigido a todos sem exceção, especialmente aos mais pobres e pequeninos.

Trata-se de uma ocasião propícia para analisar também o movimento religioso em torno da figura do Padre Cícero Romão Batista (24 de março de 1844 – 20 de julho de 1934), que viveu no território dessa Diocese, figura histórica proeminente no Brasil, especialmente em toda a região do nordeste brasileiro. Em tal sentido, pareceu oportuno ao Santo Padre associar-se às comemorações jubilares com o envio da presente Mensagem à Diocese de Crato que põe em realce *a figura de Padre Cícero Romão Batista e a nova Evangelização*, procurando concretamente ressaltar os bons frutos que hoje podem ser vivenciados pelos inúmeros romeiros que, sem cessar, peregrinam a Juazeiro, atraídos pela figura daquele sacerdote.

Procedendo desta forma, pode-se perceber mais claramente a repercussão que a memória do Padre Cícero Romão Batista mantém, no conjunto de boa parte do catolicismo deste País, e, dessa forma, valoriza-la desde um ponto de vista eminentemente pastoral e religioso, como um possível instrumento de evangelização popular.

1. Excelência Reverendíssima, não é intenção desta Mensagem pronunciar-se sobre questões históricas, canônicas ou éticas do passado. Pela distância do tempo e complexidade do material disponível, elas continuam a ser objeto de estudos e de análise, como atesta a multiplicidade de publicações a respeito, com

interpretações as mais variadas e diversificadas. Mas é sempre possível, com a distância do tempo e o evoluir das diversas circunstâncias, *reavaliar e apreciar as várias dimensões que marcaram a ação do Padre Cícero como sacerdote* e, deixando à margem os pontos mais controversos, por em evidência aspectos positivos de sua vida e figura, tal como é atualmente percebida pelos fiéis.

Assim fazendo, abrem-se inúmeras perspectivas para a evangelização, na linha desta recomendação do Documento de Aparecida: «Deve-se dar catequese apropriada que acompanhe a fé já presente na religiosidade popular» (DA, 300).

2. É inegável que o Padre Cícero Romão Batista, no arco de sua existência, viveu *uma fé simples, em sintonia com o seu povo* e, por isso mesmo, desde o início, foi compreendido e amado por este mesmo povo.

A sua visão perspicaz, ao valorizar a piedade popular da época, deu origem ao fenômeno das peregrinações, que se prolonga até hoje, sem diminuição tanto no número como no entusiasmo das multidões que acorrem, anualmente, a Juazeiro. Essa amada Diocese tem procurado incorporar este movimento popular em um grande esforço de evangelização, orientando-o para o Cristo redentor do ser humano. Integrando seu aspecto popular e devocional em uma catequese renovada, fortalece e anima o romeiro em sua vida cotidiana, tornando-o sempre mais consciente do seu batismo e ajudando-o a viver sua vocação específica de cristão no mundo.

Além disso, utilizando-se de palavras do próprio Padre Cícero, inúmeros cantos de romaria traduzem o conteúdo da fé e da moral cristã para a compreensão dos simples e dos pobres, constituindo-se, dessa forma, instrumentos úteis de formação na fé: «Quem matou não mate mais, quem roubou não roube mais...». O entusiasmo e o fervor com que os romeiros entoam estes hinos ecoam pelo nordeste brasileiro, como um convite constante a uma vida cristã mais coerente e fiel.

Várias Dioceses do nordeste brasileiro, fonte primária das romarias, em consonância com sua Diocese de Crato, têm procurado associar-se a esta forma de evangelização, que se tem demonstrado eficaz. A criação recente de um Con-

selho das Romarias, junto a essa Diocese, composto também por representantes das demais Igrejas particulares da região é, sem dúvida, um elemento positivo a ser apoiado e estimulado.

3. Deixou marcas profundas no povo nordestino a *intensa devoção do Padre Cícero à Virgem Maria*.

A devoção mariana, especialmente à Nossa Senhora das Dores, mas também sob o título mariano das Candeias, foi bem acolhida e assimilada pelo povo fiel. Através delas, a influência positiva do Padre Cícero continua a exercer, junto aos romeiros, um papel educador da sensibilidade católica, que é uma das características marcantes desta população.

As grandes romarias realizadas por ocasião destas festas marianas ilustram o calendário evangelizador de Juazeiro e constituem momentos altos de formação da fé católica.

Como não reconhecer, Dom Fernando, na devoção simples e arraigada destes romeiros, o sentido consciente de pertença à Igreja Católica, que tem na Mãe de Jesus Cristo um dos seus elementos mais característicos? Ajudando o romeiro a acolher Maria como Mãe, recebida do próprio Cristo ao pé da cruz do Calvário, o influxo de Padre Cícero fortalece, nos fiéis, o sentido de pertença à Igreja. É significativa a intensidade desta devoção mariana, inspirada por Padre Cícero, a marcar definitivamente a alma católica dos romeiros nordestinos.

Realizando sempre mais o trabalho evangelizador da Diocese de Crato, no acompanhamento pastoral deste movimento, tenha-se presente esta recomendação do Documento de Aparecida: «Para esse crescimento na fé, também é conveniente aproveitar pedagogicamente o potencial educativo presente na piedade popular mariana. Trata-se de um caminho educativo que, cultivando o amor pessoal à Virgem, verdadeira “educadora da fé” (DP 290) que nos leva a nos assemelhar cada vez mais a Jesus Cristo, provoque a apropriação progressiva de suas atitudes» (DA, 300).

4. Outro aspecto vivenciado por Padre Cícero e por ele transmitido aos seus

devotos é a oração e o respeito pelos mortos, mais um elemento importante da fé católica.

A grande romaria do dia de Finados, iniciada pelo Padre, continua ainda hoje incentivando os romeiros a rezar pelos fiéis falecidos, transmitindo-lhes também, de maneira simples mas eficaz, a consciência da dimensão escatológica da existência humana. Em uma vida marcada por tantos sofrimentos e dificuldades, a expectativa da bem-aventurança é, para eles, consolação e estímulo.

Uma iniciativa originada por esta sensibilidade tem acontecido, também, em várias Dioceses do nordeste: o encontro dos romeiros nas suas paróquias, além do dia 20 de julho, também no dia 20 de cada mês, recordando o falecimento do próprio Padre Cícero. Um marcante espírito penitencial, a busca pela confissão auricular, a grande participação da Santa Missa em horas bem matinais constituem uma experiência inesquecível para quem delas já participou e uma oportunidade evangelizadora ímpar.

Vem a propósito citar aqui este trecho de Aparecida: «Nossos povos não querem andar pelas sombras da morte. Têm sede de vida e felicidade em Cristo. Buscam-no como fonte de vida. Desejam essa vida nova em Deus, para a qual o discípulo do Senhor nasce pelo batismo e renasce pelo sacramento da reconciliação. Procuram essa vida que se fortalece, quando é confirmada pelo Espírito de Jesus e quando o discípulo renova, em cada celebração eucarística, sua aliança de amor em Cristo, com o Pai e com os irmãos. Acolhendo a Palavra de vida eterna e alimentados pelo Pão descido do céu, quer viver a plenitude do amor e conduzir todos ao encontro com Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida» (DA, 350). Temos aqui, Senhor Bispo, todo um programa de evangelização, a partir da sensibilidade do romeiro diante do mistério da morte e na proclamação confiante da esperança na ressurreição.

5. No momento em que a Igreja inteira é convidada pelo Papa Francisco a uma atitude de saída, ao encontro das periferias existenciais, a atitude do Padre Cícero em *acolher a todos, especialmente aos pobres e sofredores*, aconselhando-os e abençoando-os, constitui, sem dúvida, um sinal importante e atual.

Não deixa de chamar a atenção o fato de que estes romeiros, desde então, sentindo-se acolhidos e tendo experimentado, através da pessoa do sacerdote, a própria misericórdia de Deus, com ele estabeleceram – e continuam estabelecendo no presente – uma relação de intimidade, chamando-o na carinhosa linguagem popular nordestina de «*padim*», ou seja, considerando-o como um verdadeiro padrinho de batismo, investido da missão de acompanhá-los e de ajudá-los na vivência da sua fé.

É também uma característica do nordeste brasileiro a grande quantidade de pessoas que recebem, no batismo, o nome de «Cícero» ou de «Cícera», em preito de homenagem e de gratidão a este sacerdote. O espírito das romarias transmite-se, assim, de pais para filhos e se perpetua por gerações.

É certo, por outro lado, que este apego afetivo do romeiro deverá dar lugar a um trabalho paciente de formação da sua fé, de maneira a levá-lo a um encontro pessoal com Jesus Cristo, como mostra o Documento de Aparecida (cf. nn. 276ss) traçando, com acuidade, as várias etapas a serem seguidas, para que, da atração pelas testemunhas, se chegue Àquele que é a Testemunha fiel e Redentor de todos: «O caminho de formação do seguidor de Jesus lança suas raízes na natureza dinâmica da pessoa e no convite pessoal de Jesus Cristo, que chama os seus pelo nome e estes o seguem porque lhe conhecem a voz» (DA, 277).

6. Finalmente, apraz-me salientar, Dom Fernando, mais um importante fruto da influência do Padre Cícero Romão Batista junto aos seus romeiros: *o respeito que os peregrinos demonstram pela Igreja, na pessoa de seus sacerdotes e de seus templos*.

O afeto popular que cerca a figura do Padre Cícero pode constituir um alicerce forte para a solidificação da fé católica no ânimo do povo nordestino. O trabalho de evangelização popular a ser continuado, com perspicácia e perseverança, vem contribuindo certamente para o fortalecimento desta mesma fé, chamada a frutificar em atos concretos de compromisso cristão e de promoção dos mais autênticos valores humanos, pois «os desafios que apresenta a situação da sociedade na América latina e no Caribe requerem identidade católica mais pessoal e fundamentada. O fortalecimento dessa identidade passa por uma cateque-

se adequada que promova adesão pessoal e comunitária a Cristo, sobretudo nos mais fracos na fé» (DA, 297).

7. Eis portanto, Senhor Bispo, alguns elementos positivos que promanam da figura do Padre Cícero Romão Batista, tal como é percebida, atualmente, pelo povo fiel que acorre a Juazeiro do Norte, dando vida às romarias e transformando-as em uma bela expressão de fé. Como já indicado, cada romeiro, desafiando a criatividade dos agentes de evangelização, abre novas perspectivas para atuar a missão da Igreja no contexto local, em que esta figura constitui o chamado inicial para um aprofundamento da fé católica e para sua maturação.

Não podemos ignorar, no entanto, que *outros aspectos da pessoa do Padre Cícero podem suscitar perplexidades*. Deus, com efeito, na sua genial criatividade, serve-se muitas vezes de «vasos de argila» para realizar a sua obra de salvação, «para que esse incomparável poder seja de Deus e não de nós» (2Co 4,7) e, dessa forma, nós, seres humanos, nunca possamos nos orgulhar. Porque «aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é; mas importa somente Deus, que dá o crescimento» (1Co 3,7), Deus serve-se sempre de pobres instrumentos. Padre Cícero, na sua complexa história humana, não privada de fraquezas e de erros, é um claro exemplo disso. Sem dúvida alguma, foi movido por um intenso amor pelos mais pobres e por uma inquebrantável confiança em Deus. Ele teve, porém, que viver em um contexto histórico e social pouco favorável, empregando todas as suas forças e procurando agir segundo os ditames da sua consciência, em momentos e circunstâncias bastante difíceis. Se nem sempre soube encontrar as justas decisões a tomar ou adequar-se às diretrizes que lhe foram dirigidas pela legítima autoridade, não há dúvida, entretanto, de que ele foi movido por um desejo sincero de estender o Reino de Deus. Não nos esqueçamos, porém – como dizia São João Paulo II, na Audiência Geral de 30 de abril de 1986 –, que, às vezes, «Deus escreve certo por linhas tortas» e se serve de instrumentos imperfeitos para realizar a Sua obra (cf. Lc 17,10). Portanto, *é necessário, neste contexto, dirigir nossa atenção ao Senhor e agradecer-lo por todo o bem que ele suscitou por meio do Padre Cícero*.

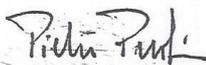
Este dado positivo, eminentemente religioso, justifica a atenção pastoral

especial que essa Diocese de Crato presta ao fenômeno religioso de Juazeiro do Norte, que tem sua origem justamente na ação do Padre Cícero, valorizando a sua repercussão benéfica em vista da evangelização de todos aqueles que a eles sentem-se ligados. Assim, é garantida a sua reta orientação eclesial, trazendo para todos o inegável benefício de uma adequada evangelização, inserida na realidade e na mentalidade da população fiel desta região e com repercussões em todo o Brasil.

A presente Mensagem foi redigida por expressa vontade de Sua Santidade o Papa Francisco, na esperança de que Vossa Excelência Reverendíssima não deixará de apresentar à sua Diocese e aos romeiros do Padre Cícero a autêntica interpretação da mesma, procurando por todos os meios apoiar e promover a unidade de todos na mais autêntica comunhão eclesial e na dinâmica de uma evangelização que dê sempre e de maneira explícita o lugar central a Cristo, princípio e meta da História.

Ao mesmo tempo que me desempenho da honra de transmitir uma fraterna saudação do Santo Padre a todo o povo fiel do sertão do Ceará, com os seus Pastores, bendizendo a Deus pelos luminosos frutos de santidade que a semente do Evangelho faz brotar nestas terras abençoadas, valho-me do ensejo para lhe testemunhar minha fraterna estima e me confirmar

de Vossa Excelência Reverendíssima
devotíssimo no Senhor



✠ Pietro Card. Parolin
Secretário de Estado de Sua Santidade

Vaticano, 20 de outubro de 2015.